

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA PINHEIRO HOFMANN PINHO

UM ESTUDO SOBRE AS DEFESAS PSÍQUICAS NA OBRA FREUDIANA: UMA
POSSIBILIDADE DE ESCUTA EM CONTEXTO HOSPITALAR



CURITIBA

2021

MARIANA PINHEIRO HOFMANN PINHO

UM ESTUDO SOBRE AS DEFESAS PSÍQUICAS NA OBRA FREUDIANA: UMA
POSSIBILIDADE DE ESCUTA EM CONTEXTO HOSPITALAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Psicologia – Setor de Ciências
Humanas, Universidade Federal do Paraná, como
requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nadja Nara Barbosa Pinheiro

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Pinho, Mariana Pinheiro Hofmann

Um estudo sobre as defesas psíquicas na obra freudiana : uma possibilidade de escuta em contexto hospitalar. / Mariana Pinheiro Hofmann Pinho. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Nadja Nara Barbosa Pinheiro

1. Psicanálise. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939. 3. Assistência hospitalar.
4. Defesa pessoal – Aspectos psíquicos. I. Pinheiro, Nadja Nara Barbosa, 1957-.
II. Título.

CDD – 150.1952



TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARIANA PINHEIRO HOFMANN PINHO** intitulada: **Um estudo sobre defesas psíquicas na obra freudiana: possibilidades de escuta em contexto hospitalar.**, sob orientação da Profa. Dra. NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Junho de 2021.

Assinatura Eletrônica

30/06/2021 15:40:21.0

NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

05/07/2021 11:36:04.0

LÍGIA MARIA DURSKI

Avaliador Externo (CLÍNICA PRIVADA)

Assinatura Eletrônica

06/07/2021 12:19:53.0

VINICIUS ANCIÃES DARRIBA


Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO)



DECLARAÇÃO

Declaro que a dissertação da aluna MARIANA PINHEIRO HOFMANN PINHO sofreu a seguinte modificação: alteração de título, para " UM ESTUDO SOBRE AS DEFESAS PSIQUICAS NA OBRA FREUDIANA: UMA POSSIBILIDADE DE ESCUTA EM CONTEXTO HOSPITALAR". Informamos, ainda, que a alteração foi autorizada pelos membros da banca e pela orientadora, Prof^a Dr^a Nadja Nara Barbosa Pinheiro.

Atenciosamente,


Prof^a Dr^a Nadja Nara Barbosa Pinheiro.
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, à UFPR, instituição cujas portas sempre encontrei abertas, na formação e na pós-graduação. Dessa instituição, levo com carinho nomes e atitudes, ensinamentos que vieram de colegas discentes, corpo docente, profissionais do administrativo, da limpeza, de tantos lugares e tantos cantinhos que enumerar seria injusto.

Agradeço aos colegas do grupo de orientação, cujas contribuições foram tantas que eu poderia dar nomes às páginas dessa dissertação. Obrigada, também, por manter minha sanidade nesse período de pandemia. Nossos encontros semanais foram fundamentais.

Em especial agradeço à minha orientadora Nadja Nara Barbosa Pinheiro, pela coragem e entusiasmo com que sustenta a psicanálise. Sua missão se cumpre e Freud nunca será tão fantástico como é pela sua fala.

Agradeço ao Hospital Erasto Gaertner, que me proporciona diariamente aprendizados. Aos meus colegas multiprofissionais, que estão constantemente me desafiando e auxiliando na construção de um trabalho ético e coerente. A meus incríveis colegas de profissão, que me proporcionam uma troca honesta e diálogos únicos e riquíssimos, os dias são mais leves porque eu tenho vocês. Aos residentes que tive (e tenho) a honra de acompanhar, muito obrigada por tudo o que vocês me ensinam, obrigada pela oportunidade que cada um me deu de aprender e construir. Aos pacientes, sem os quais nada disso existiria.

À minha analista, por estar sempre viva e presente, me lembrando com sua atuação que a vida é muito maior. E à Clara, por ser prova disso.

Aos meus amigos, que mesmo longe são um alento a cada contato. As provas de que o inconsciente é atemporal, e que o afeto pode ser reavivado como chama sempre que necessário, e em tempos de pandemia, sempre que possível.

À minha mãe, Andrea, por acreditar em mim, apesar de mim. Seu amor e sua força são essenciais, mama.

Ao meu pai, Martin, por me levar para correr quando tudo que eu queria era sair correndo de tudo. Nossas conversas são um sopro de vida.

Aos meus avós, Maria e Vilson, pela preocupação, pelo cuidado, pelo carinho. Vocês estão em todo esse trabalho.

Aos meus irmãos Fred e Laura. Sem vocês eu não sou.

Aos meus tios e primos, pelo incentivo quando eu tanto precisei.

E por último, e principalmente, ao Luis Felipe, por ter me posto sobre os ombros, e me carregado até o alto dessa montanha. Você é o melhor.

RESUMO

Partindo da prática clínica em um hospital, no qual os atendimentos dispensados aos pacientes foram permeados pela percepção de que facetas de defesas psíquicas geralmente se evidenciavam em seus discursos, a presente dissertação propôs cernir o conceito de defesa na obra freudiana, objetivando compreender como tais defesas participam nos modos singulares de cada paciente reagir ao adoecimento e às propostas terapêuticas multiprofissionais. Seguindo o método psicanalítico, que parte de uma questão emergente na prática clínica e se consolida por meio de uma formalização conceitual, o primeiro capítulo da dissertação objetivou compreender como se deu o encontro de Freud com o fenômeno das defesas, bem como quais foram as primeiras considerações alicerçadas sobre o conceito ao longo do período pré-psicanalítico. Destacou-se a importância dada à necessidade de o indivíduo defender-se de conflitos e o caráter constitutivo que as defesas demonstraram ter para o aparelho psíquico. No segundo capítulo, centralizado na primeira tópica freudiana, a qual acrescentou uma complexidade dimensional às estruturas psíquicas, destacou-se o fato de o conflito surgir como fator determinante do enfeixamento que determinará os primeiros passos para o processo de integração do Eu. Também nesse capítulo, realçou-se a relação do Eu com o ambiente externo, portador de suas próprias necessidades e demandas, impelindo o indivíduo a adaptar-se às suas vicissitudes, mantendo o Eu em uma posição fronteiriça na tentativa de suprir as demandas de dois meios, o interno e o externo. No terceiro capítulo, foram descritos os conceitos de instinto de vida e instinto de morte, bem como as instâncias psíquicas do Eu, Supereu e Isso. Detalhou-se a concepção de que cada mecanismo de defesa será erigido de acordo com o momento vivido, o ambiente circundante e aspectos do mundo interno. Essa tríade irá determinar as características individuais a partir das quais cada pessoa se apresenta e se insere no mundo. A partir da observação da prática hospitalar, concluiu-se que essas diferentes maneiras de defesa, recrutadas por cada paciente, contribuem para a composição, por parte dos psicanalistas, de uma escuta refinada sobre as defesas que cada indivíduo irá erigir como resposta ao contexto do adoecimento e alicerçar sua maneira autêntica de reagir ao momento vivido ao longo de sua passagem pelo contexto hospitalar.

Palavras-Chave: Psicanálise; Defesa; Aparelho Psíquico; Prática Hospitalar; Freud.

ABSTRACT

Starting from the clinical practice in a hospital, in which the care provided to patients was permeated by the perception that the aspects of psychic defenses were usually evidenced in their speeches, this dissertation aims to define the concept of defense in the Freudian work, focusing on understanding how such defenses participate in the unique ways each patient reacts to the illness and to multiprofessional therapeutic proposals. Following the psychoanalytic method, which starts from an emerging question in clinical practice and consolidates itself through a conceptual formalization, the first chapter of the dissertation aimed to understand how Freud encountered the phenomenon of defenses, as well as what were the first considerations based on the concept throughout the pre-psychoanalytic period. The importance given to the individual's need to defend himself from conflicts and the constitutive character that defenses demonstrated to have for the psychological system were highlighted. In the second chapter, centered in the Freudian first topic, which added a dimensional complexity to the psychic structures, the fact that the conflict appears as a determining factor of the grouping that will determine the first steps for the process of integration of the Ego was highlighted. Also in this chapter, the relationship between the Ego and the external environment, the bearer of its own needs and demands, was highlighted, impelling the individual to adapt to its vicissitudes, keeping the Ego in a frontier position in an attempt to supply the demands of two environments, the internal and the external. In the third chapter, the concepts of life instinct and death instinct were described, as well as the psychic instances of the "Ego", "Superego" and "Id". The conception that each defense mechanism will be erected according to the moment experienced, the surrounding environment and aspects of the internal world were detailed. This triad will determine the individual characteristics from which each person presents him/herself and inserts him/herself in the world. From the observation of the hospital practice, it is concluded that these different ways of defense, established by each patient, contribute to the psychoanalysts' composition of a refined listening on the defenses that each individual will build as a response to the context of the illness and to ground his authentic way of reacting to the moment experienced along his passage through the hospital context.

Key Words: Defense; Psychic Apparatus; Hospital Practice; Freud; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
MÉTODO	14
1 DEFESA COMO RESPOSTA (AO) POSSÍVEL: DO ENCONTRO CLÍNICO COM AS DEFESAS À FORMALIZAÇÃO DO CONCEITO	19
1.1 O QUE SURGE NOS PRIMÓRDIOS DA PSICANÁLISE – DESDE O INÍCIO, O CONFLITO	20
1.2 A ESCOLHA E A FORMAÇÃO DO EU – AQUELE QUE SE DEFENDE, E TAMBÉM AQUILO QUE PRECISA SER PRESERVADO	23
1.2.1 Eu como aquele que surge d’aquilo	26
1.2.2 Mecanismos de defesa e escolhas do Eu	28
1.2.3 Da defesa ao recalque e de volta outra vez	30
1.3 A DISTRIBUIÇÃO ENERGÉTICA DO APARELHO PSÍQUICO	33
1.4 DEFESA PRIMÁRIA – O EU QUE ESCOLHE SE DEFENDER E AS DEFESAS QUE CONSTITUEM O EU	34
1.5 CONSIDERAÇÕES.....	37
2 AS DEFESAS NA PRIMEIRA TÓPICA: DO ENCONTRO CLÍNICO COM AS DEFESAS PARA O ENCONTRO DAS DEFESAS COMO PARTE DA CONSTITUIÇÃO DO EU	46
2.1 O RECALQUE.....	47
2.1.1 O que o recalque defende	48
2.1.2 Fator Quantitativo	50
2.2 DO SONHO AO DESEJO	53
2.2.1 A tarja vermelha	55
2.2.2 Desejo e conflito	58
2.2.3 Da amarga experiência da vida ao interesse pelo mundo externo.....	61
2.2.4 Reposicionamento da questão do conflito.....	63
2.3 O INCONSCIENTE.....	66
2.3.1 A escolha da neurose.....	70
2.3.2 A moralidade como um polo do conflito	70
2.3.3 Sua majestade, o Eu	72
2.4 CONSIDERAÇÕES.....	75
3. AS PARTICIPAÇÕES DA DEFESA NO CIRCUITO INSTINTUAL, NA INTEGRAÇÃO DO EU E EM SUA PERMANÊNCIA NO MUNDO	78

3.1 A SEGUNDA TÓPICA	79
3.1.1 Duas classes de instintos	79
3.1.2 Criatura fronteira, o Eu.....	81
3.1.3 O que é Isso?	82
3.1.4 Nem pássaro, nem avião — SuperEu.....	83
3.1.5 A quem o Eu serve?	84
3.1.6 Identificação e Integração	85
3.2 O EU QUE SE DEFENDE, E DEFENDE ALGO DE SI.....	87
3.2.1 Ensaio para a defesa	89
3.2.2 Defesas possíveis	90
3.2.3 Respostas ao possível.....	91
3.2.4 A clínica das Defesas	92
3.3 ESTAR NA CIVILIZAÇÃO, NUNCA CONFORTÁVEL	99
3.3.1 Civilização em conflito	100
3.3.2 Trabalhar e Amar — matéria e ameaça à civilização.....	101
3.3.3 O Eu é integrado pela pressão externa e constrói o externo com suas impressões	103
3.4 CONSIDERAÇÕES.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
A EXPERIÊNCIA HOSPITALAR – COMO A PSICANÁLISE SE SITUA NESSE CENÁRIO	110
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

A prática psicanalítica desenvolvida em um hospital oncológico proporciona o contato com uma variedade de pacientes em investigação diagnóstica ou portadores de doença oncológica, em diversos pontos do tratamento, curativo ou paliativo. A presente pesquisa foi desenvolvida a partir da atuação, nos últimos 5 anos, em instituição oncológica de referência do sul do país, bem como das seguintes orientações e discussões de casos, tanto entre os membros da equipe de psicologia, quanto como supervisora dos residentes da instituição, e como supervisionada no contexto de supervisão psicanalítica. Essa experiência contabilizou encontros com pacientes em momentos diversos de suas passagens pela instituição, quer seja enquanto estiveram internados ou frequentando o hospital em regime ambulatorial. Nossa atuação se dirigiu, predominantemente, ao atendimento de pacientes adultos e idosos, das mais variadas faixas etárias. Pacientes em sofrimento, em decorrência da notícia de serem portadores de um câncer, padecendo das dores advindas do tratamento oncológico, receosos por aceitar este ou aquele procedimento médico, resignados com aquilo que eles ouvem como o fim de vida anunciado. Recebíamos, também, os pacientes encaminhados pelas equipes, seja para acolhê-los em momentos de sofrimento intenso, seja porque o membro da equipe multiprofissional que o encaminhou julgou que o paciente estava de alguma forma não colaborando com o próprio cuidado, por uma recusa em adotar condutas propostas, rejeitar uma recomendação acerca de mudança de estilo de vida (deixar de fumar, modificar a dieta, por exemplo), entre outras razões.

Em todos esses casos, o que podíamos perceber é que cada um desses pacientes, a seu modo, parecia contrariar as expectativas da equipe de saúde que esperava por reações padronizadas e condizentes com a suposição de que o tratamento biológico deveria ser interpretado pelos pacientes como a melhor meta a ser seguida diante do diagnóstico de câncer. No entanto, ao garantir aos pacientes que chegavam ao serviço de psicologia uma escuta sustentada pela ética psicanalítica, direcionada àquilo que eles próprios poderiam dizer de si, um padrão foi sendo percebido. Com suas particularidades, e contrariando a ortodoxia, os pacientes que tivemos a oportunidade de escutar em nosso trabalho diário mostraram maneiras extremamente individualizadas, e nem sempre interpretadas pelos membros da equipe de saúde como positivas, de reagir a momentos impactantes, advindos de diagnósticos confirmatórios de câncer, de recidivas, ou de propostas de tratamentos invasivos ou agressivos.

Certos pacientes, por exemplo, negavam-se a aceitar o diagnóstico, pois, em suas perspectivas, esse tipo de adoecimento não fazia o menor sentido, já que não havia antecedentes familiares ou hábitos cotidianos (tal como o tabagismo) que o justificasse. Outros pacientes, por sua vez, recusavam a estratégia de tratamento proposta, desde amputações ou até mesmo sessões de quimioterapia, embora conscientes de que o sucesso de tais procedimentos poderiam reverter seus adoecimentos, ou minimizar consequências deletérias, como dores constantes, perda de funcionalidade, mau odor, entre tantos outros. Alguns, ainda, diante do transbordamento afetivo que o tratamento de câncer provoca, o retiravam de cena, e iniciavam, com a equipe de psicologia, uma investigação interna no sentido de entenderem como construíram, ao longo dos anos, seus modos particulares de se colocarem no mundo e de estabelecer suas relações amorosas e afetivas, deixando a questão orgânica aparentemente relegada ao esquecimento.

Partindo da escuta clínica desses pacientes, começamos a entender essas respostas singulares como estratégias defensivas por eles erigidas diante da tarefa emocional que o adoecimento orgânico lhes impunha. Pois, com frequência, podíamos perceber que os pacientes encontravam grande dificuldade em elaborar afetivamente tanto a notícia sobre o diagnóstico quanto as formas de tratamento propostas pela equipe médica. Diante dessa dificuldade, os pacientes produziam essas respostas singulares, as quais eram concebidas pela equipe médica como contraproducentes ao restabelecimento de sua saúde. Entretanto, as respostas perpetradas pelos pacientes nos pareciam bastante importantes para a manutenção de sua organização psíquica e emocional. Isso porque começamos a notar que cada paciente, ao questionar condutas, ao colocar em dúvida os procedimentos, medicamentos e até mesmo o diagnóstico, estavam concedendo a si mesmos um precioso tempo de elaboração do adoecimento e dos modos pelos quais lhes seria possível lidar afetivamente com a situação em que se encontravam.

Assim, a escuta clínica efetivada ao longo desses momentos de elaboração nos demonstrou que cada paciente, a seu modo, procurava ligar seu estado de adoecimento a sua história de vida, de forma a poder compreender como o câncer poderia fazer sentido no transcurso de suas existências. Segundo nossa compreensão, a vivência do adoecimento oncológico provocava uma desorganização psíquica que demandava de cada paciente a instauração de mecanismos por meio dos quais fosse possível recuperar a organização perdida. Nessa procura, um mecanismo regressivo se colocava em ação de forma a fazê-los buscar, na história de suas construções subjetivas, os modos defensivos singulares com que cada paciente reagiu às ameaças de desorganização que lhes foram apresentadas ao longo de suas vidas,

fazendo com que esses antigos mecanismos defensivos fossem (re)atualizados de maneira intensa e, por vezes, inflexível.

A partir dessas observações, firmamos a ideia de que haveria uma relação bastante estreita entre mecanismos de defesa e a maneira como cada indivíduo lidará com situações conflitivas. Essa relação, assim nos parece, é capaz de determinar as coordenadas da integração do Eu¹ na pré-história do indivíduo. Além disso, pensamos na forte relação que há na notícia de uma doença oncológica, ou mesmo nos tratamentos que se propõem diante desta, e o risco de aniquilação, morte, despersonalização, como algo que parece ser reinaugurado para os pacientes.

Ainda que, em determinados momentos, a colocação em ação de mecanismos de defesa possa não condizer com a ideia de saúde biológica que impera nas instituições hospitalares, os pacientes que tivemos a oportunidade de escutar em nosso trabalho diário mostraram maneiras extremamente individualizadas de reagir aos momentos impactantes e aflitivos que vivenciavam no hospital, essas particularidades abriam caminho para a mobilização de defesas, permitindo o tempo necessário para lidarem com as dificuldades e representarem psíquica e emocionalmente o momento vivido.

Tal configuração nos permitiu elaborar, por fim, como questão de pesquisa: qual a função das defesas na construção do aparelho psíquico e como se deflagraria, com isso, a integração do Eu?

Acreditamos que tal entendimento seja importante para nosso trabalho diário, pois ele nos subsidiará, diante da equipe hospitalar, na manutenção de um espaço de escuta singular a partir do qual poderemos sustentar as decisões de cada paciente, em particular em relação aos cuidados que lhes pareçam adequados em cada momento específico, ainda que não condizentes com as expectativas de uma instituição de saúde.

Na instituição onde atuamos, encontramos-nos com pacientes que impõem às equipes multiprofissionais sua necessidade de elaborar e construir defesas, diante da inauguração de uma urgência física a eles imposta por uma doença diagnosticada, ou em investigação, mas implicando a constatação de um risco para sua integridade (física e egoica). Com base em nossa observação deste movimento, acreditamos que esses pacientes buscam sua própria maneira de

¹ Optamos pela utilização da nomenclatura “Eu e Isso” na presente dissertação, respaldados pelas considerações de Souza (2010), que indicam que, na escritura de seus textos, Freud optou por termos vivazes, correntes, do alemão, o que tornaria o tradicional uso dos termos latinos (Id e Ego) inadequados para transmitir a função que esses construtos teriam no aparelho psíquico.

se reorganizar emocionalmente. Nesse sentido, podemos pensar que são pacientes que buscam, em meio às imposições da falta de saúde (física), construir seu próprio modo de estar bem (Moura, 2000; Moretto, 2001).

Repousando nossas observações no leito da escuta ética que pauta a psicanálise, e por acreditarmos, em consonância com Maia e Pinheiro (2011), que não há muros para a escuta psicanalítica, esta pesquisa partirá desde a gênese da psicanálise com Freud, atravessada pela leitura dos dilemas clínicos que se apresentam no percurso, e caminhará com a teoria desenvolvida pelo autor, visando compreender os movimentos que podem ser apreendidos da prática, para a construção teórica.

Cardoso (2017) alerta para a importância de realizar essa pesquisa tendo também em pauta a concepção metapsicológica inerente à psicanálise, buscando, com isso, não apenas a verificação de conceitos importantes para a psicanálise, mas ao pesquisá-los, buscar também aprofundá-los por meio de um movimento especulativo capaz de evoluir e atualizar a psicanálise. A metapsicologia, ainda conforme Cardoso (2017), trata-se não apenas de um nome próprio dado por Freud à sua psicanálise, mas também de um espaço de atualização e expansão, operando de maneira sobredeterminada, como teoria, construção, e como uma maneira de reafirmar a práxis psicanalítica dentro dos contextos em que se pretende estudá-la.

Nesse estudo, partiremos do pressuposto de que a noção de defesa se apresenta como um dos pilares do edifício teórico erigido por Freud na medida em que a observação de processos defensivos presentes na etiologia das neuroses foi um dos principais elementos que o endereçou à arquitetura de uma teoria sobre a trama psíquica, destacando, nesta, a função organizadora das defesas diante da vivência de processos conflitivos. Com isso, buscaremos garantir ao indivíduo que, no cenário hospitalar, convida o psicanalista a escutar seu sofrimento, a possibilidade de obter uma escuta definida pela ética psicanalítica, que visa menos a adaptação, ou “melhora”, e mais a possibilitação do sujeito de desnodar suas próprias angústias em prol de uma noção mais límpida de estar vivendo sua própria vida (Winnicott, 1967/2005).

MÉTODOS

Utilizamos nesta pesquisa o método psicanalítico, que preconiza a indissociabilidade entre a prática clínica e a necessidade de alcançarmos formalizações conceituais sobre tal prática (Pinheiro, 1999). A busca de conhecimento a partir do exercício da profissão nos parece condizente com a ideia de Winnicott (1961/2005), a partir da qual buscamos, com base nas perguntas emergidas da prática clínica, aprimorar nosso conhecimento teórico, e, por conseguinte, contribuir para o desenvolvimento da teoria de maneira ampliada. Para tanto, baseamo-nos na proposição de Winnicott (1961/2005), quando este ressalta que: “Para o cientista, todo vazio no entendimento oferece um desafio excitante. Assume-se a ignorância, e se delinea um programa de pesquisa. A existência do vazio é o estímulo do trabalho” (p. 14).

Ao optarmos pela utilização do método psicanalítico, visamos sair da lógica médico-biológica de geração de dados generalizáveis. Além disso, parece-nos necessário manter nosso pensamento aberto ao que possa surgir de novo diante do material pesquisado, prestando atenção à orientação de Freud (1925/1996) sobre os riscos de nos posicionarmos diametralmente opostos à produção de dados generalizáveis, e migrar, meramente, de um sistema dogmático para outro sobre o qual repousamos nossas certezas. Nesse sentido, Mezêncio (2004) adverte:

. . . para não cairmos na armadilha do próprio instrumento, uma vez que o plano da verdade pode ser também identificado ao campo das crenças. Se não advogamos o cientista isento e objetivo, não defenderemos também o sectarismo de uma convicção preconcebida. (p. 107)

Em nosso entendimento, esse alerta já havia sido destacado por Winnicott (1961/2005) ao chamar a atenção à necessária diferença entre a transitividade que a ciência mostra com a incerteza e a dúvida, em oposição às estruturas dogmáticas da religião. Conforme afirmou Freud na palestra intitulada “Psicanálise e ciência: amigas ou parentes?”, é necessário assumirmos as construções da psicanálise como algo diferente do fazer clínico em outras áreas, como, por exemplo, as áreas médicas, não correndo o risco de compreender essas ciências como concorrentes. “A psicanálise, portanto, é um termo que se refere especificamente a um método e a um corpo teórico que diz respeito ao desenvolvimento emocional do indivíduo humano. É uma *ciência aplicada* que se baseia em *uma ciência* [grifos nossos]” (p. 12).

Essa conclusão apresenta o argumento a partir do qual a construção teórica que se propõe a formalizar as observações clínicas é necessária, não para gerar regras de conduta ou instrumentos de verificação de respostas acertadas, mas para ampliar os horizontes dos

psicanalistas que se propõem a trabalhar em diversos ambientes, entre os quais, as instituições hospitalares.

Com esse objetivo, ao longo do primeiro capítulo da presente dissertação, foi realizada uma extensa pesquisa conceitual na obra freudiana, em seu período nomeado “pré-psicanalítico”, tencionando compreender como se deu o encontro do autor e pesquisador com o fenômeno das defesas, bem como quais foram os primeiros momentos de amadurecimento deste conceito.

Ao percorrer os primeiros passos da obra psicanalítica, foi possível compreender como se processa a pesquisa em psicanálise, o surgimento de seus objetos na clínica, e a construção de um princípio nosológico a partir do qual Freud baseou seus primeiros estudos (Freud, 1893/1996, 1894/1996, 1896/1996). Destaca-se inicialmente a importância dada à necessidade do indivíduo de defender-se de conflitos que o autor irá identificar, nesse ponto de sua obra, como memórias de sedução (Freud, 1950[1895], 1893/1996/1996, 1894/1996, 1896/1996). Esses conflitos irão configurar, de acordo com o autor, o ponto do qual o indivíduo que adoece de patologias neuróticas precisa defender-se, nomeando tais patologias “Neuroses de Defesa” (Freud, 1894/1996).

Importante destacar que, ainda no período pré-psicanalítico, Freud se depara com a insustentabilidade da teoria da sedução, bem como com a presença de construções mnêmicas que apontam para a existência de fantasias que parecem assumir a responsabilidade pela formação das memórias encobridoras que constituiriam uma das maneiras de defender o indivíduo de pensamentos e desejos conflitivos. Com essa descoberta, Freud irá encerrar seus primeiros estudos (Freud, 1898/1996; 1899/1996).

A maturação do conceito de defesa no decorrer da obra Freudiana, culminando na centralidade não de uma psicopatologia, mas da constituição do indivíduo, irá deslocar a concepção de defesa de uma precondição patológica, para um constructo basal do indivíduo, e será o objeto do segundo capítulo da dissertação, que focará na primeira tópica freudiana.

Na primeira tópica, Freud irá abandonar o conceito amplo de defesa e direcionar suas pesquisas para o recalque, objeto de sua atenção em decorrência da capital importância que esse movimento demonstra ter em suas investigações clínicas (Freud, 1915/1996).

Também na primeira tópica, será delineado o conceito de aparelho mental, o que irá acrescentar complexidade dimensional às estruturas que o autor descreve. Com isso, as

concepções metapsicológicas começam a ganhar detalhamentos fundamentais para a compreensão da psicanálise (Freud, 1900/1996, 1908[1907]/1996, 1910/1996).

Da primeira tópica, vale destacar a concepção freudiana de que aquele conflito irá ser percebido desde a pré-história do sujeito. Assim, o conflito se torna fator determinante do enfeixamento de características psi que irão determinar os primeiros passos da integração do Eu. Esse movimento irá direcionar, não somente que as características psi, se organizem, como que ocorra, concomitantemente, um movimento que direciona a atenção desse Eu primitivamente organizado para o exterior. Com esse repentino interesse no mundo externo, o organismo, saindo de uma posição de total satisfação autoerótica para uma busca de objeto, ainda interno, narcísico, mas organizado, irá se mostrar disposto a se inserir em um meio exterior a si (Freud, 1950[1895]/1996; 1914/1996).

Assim, temos o segundo ponto de destaque da pesquisa conduzida no capítulo segundo. Ocorre que não é possível, ao que parece, manter uma posição neutra, homeostática, em relação ao ambiente externo. Sendo o meio ambiente autônomo, e portador de suas próprias particularidades, não estará sempre configurado para suprir as necessidades do organismo, o impelindo, portanto, a adaptar-se, não sem desconforto, às vicissitudes do meio, de maneira a manter-se, de forma ambivalente, suprimindo as demandas de dois meios, o interno, ou seja, demanda por fruição, e o externo, que demanda adaptação e sobrevivência (Freud, 1911/1996, 1913[1912-13]/1996).

Adentrando na segunda tópica, a busca conceitual buscará aprofundar as concepções tópicas freudianas, acrescentando à sua teorização os conceitos de instinto de vida e instinto de morte², reforçando a compreensão da ambivalência sobre a qual se fundamenta e configura o Eu, agora apresentado como instância, bem como seus correlatos, Supereu e Isso (Freud, 1923/1996).

Nessa segunda tópica, Freud irá retomar o uso do conceito amplo de defesa, por compreender, por fim, o recálque como uma dentre as variadas maneiras de defender-se. Assim, cada mecanismo de defesa será erigido pelo indivíduo de acordo com o momento vivido, o ambiente no qual ele está inserido, e suas características individuais. Essa tríade irá determinar

² A escolha da palavra instinto, em detrimento da amplamente utilizada “pulsão”, para a tradução do termo alemão “*trieb*” segue também a sugestão de Souza (2010), que destaca que, embora existam duas palavras em alemão (*trieb* e *instinkt*), existe uma “rede semântica” que torna mais plausível a utilização da palavra instinto do que a criação do neologismo pulsão, que o autor atribui à tradição lacaniana. Segundo Fuks, 2011, esse posicionamento se dá pelo fato do tradutor se opor a utilização de neologismos quando é possível traçar um caminho semântico na língua portuguesa que dê conta do sentido proposto para a palavra.

as características individuais a partir das quais cada pessoa se apresenta e se insere no mundo (Freud, 1923/1996, 1937a/1996).

Nas considerações finais, serão traçados correlatos entre os construtos teóricos de Freud e a prática hospitalar, confirmando, assim, a intenção de realizar uma pesquisa de caráter psicanalítico, que busca na teoria maneiras de ampliar a atuação prática ao passo que utiliza das observações realizadas na prática para ampliar a teoria psicanalítica em determinado tema (Pinheiro, Lustosa e Pinheiro, 2019).

Em nossa pesquisa, optamos por restringir as buscas na obra freudiana à Edição Standard, publicada pela editora Imago, em decorrência da maior quantidade de textos traduzidos disponíveis. Entretanto, levamos em consideração as correções posteriores e adaptações sugeridas por comentadores, visando uma leitura mais acurada desse conteúdo.

Para auxiliar nesse intento, será utilizado, além do comentador Garcia-Roza (1995/2008), o germanista e tradutor Paulo César de Souza (2010), além das considerações encontradas acerca de traduções e revisões na própria edição Standard, tanto no que concerne às escolhas de Strachey para a tradução para língua inglesa, quanto notas de revisão da versão em língua portuguesa da obra, bem como demais comentadores que possam acrescentar solidez à leitura.

A partir dessa resolução, buscamos seguir as orientações freudianas acerca das obras que o autor indica, em sua construção teórica, como as que melhor circundam o tema proposto. Desta maneira, iniciamos nossa busca pelos textos “As Neuropsicoses de Defesa” (1894/1996) e o subsequente, “Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa” (1896/1996), uma vez que versavam, diretamente, acerca da temática a ser explorada. Na leitura atenta destes textos, buscamos considerar as indicações tanto do autor, quanto de seu editor inglês acerca dos demais textos que deveriam compor nosso acompanhamento da trilha seguida por Freud.

A compreensão suplementar da evolução da teoria psicanalítica, com a introdução das tópicas, foi fundamental tanto na percepção do amadurecimento da psicanálise como um todo, quanto na constatação da modificação da posição que as defesas ocupam na teoria psicanalítica. Na seleção do material de pesquisa, Laplanche e Pontalis (1967/2004) apontaram a importância da compreensão tópica do aparelho psíquico. Com isso, acrescentamos a nossas fontes de informação os textos indicados pelos comentadores que versavam não somente sobre as defesas, mas também aqueles que se mostraram emblemáticos na inauguração das tópicas.

A escolha por pautar a divisão do presente trabalho segundo estes tempos considera também García-Roza (1995/2008), que destacou como a construção das diferentes tópicos seguiu o aprofundamento freudiano nos estudos sobre os processos de defesa. Tanto quanto à sua fundamental participação na constituição do Eu, quanto na leitura de que essas defesas irão, no decorrer da pesquisa clínica, apresentando-se com grau sucessivamente maior de complexidade. Tornando-se, assim, cada vez mais centrais na obra freudiana. Desta forma, compreender as tópicos e sua relação com as defesas é relevante para acompanharmos a evolução responsável pelo avanço da teoria (García-Roza, 1995/2008).

Importantes mudanças na concepção prática do trabalho do analista são apontadas como decorrentes dessa evolução. Surge a necessidade de aprofundamento e uma continuidade do trabalho de análise, que avança para além de um primeiro momento de ab-reação, permitindo o acesso a camadas mais complexas da constituição do indivíduo que se propõe a tal trabalho.

Sem essa mudança de concepção, conforme o autor, não seria possível conceber a profundidade e a importância das raízes que as defesas possuem para quem as constitui.

1 DEFESA COMO RESPOSTA (AO) POSSÍVEL: DO ENCONTRO CLÍNICO COM AS DEFESAS À FORMALIZAÇÃO DO CONCEITO

O objetivo desse primeiro capítulo é o de compreender como Freud, ao longo dos artigos designados como pré-psicanalíticos, formulou a noção psicanalítica de defesa psíquica. Para tal, visando orientar nossa leitura, iniciamos pela observação de Laplanche e Pontalis (1967/2004), ao definirem a defesa como sendo um “Conjunto de operações *cuj*a finalidade [grifo do autor] é reduzir, suprimir qualquer modificação suscetível de pôr em perigo a integridade e a constância do indivíduo biopsicológico” (p. 107). Para tanto, os autores ressaltam que o Eu não apenas escolhe os modos de defesa, como é propriamente em sua defesa que se instaura esse mecanismo. Ou seja, “[o Eu] . . . pode ser descrito como *o que* [grifo do autor] está em jogo nessas operações, e *o agente* [grifo do autor] delas” (p. 107).

Segundo esses autores, o posicionamento central dado por Freud à defesa psíquica na sua teoria surge como uma oposição à psiquiatria de seu tempo, e se tornaria igualmente central para a concepção da psicanálise (Laplanche & Pontalis, 1967/2004). Também dessa definição pode-se depreender que os processos de defesa visam, de alguma maneira, viabilizar a manutenção da existência do indivíduo. Essas suposições servirão, a seguir, como pontos de atenção na leitura dos primeiros textos freudianos.

Neste primeiro capítulo, partindo da escuta de seus pacientes, buscamos verificar como a noção de defesa se torna central no pensamento freudiano. Freud, nessa etapa de sua obra, buscou definir um dos campos das neuroses como o das “Psiconeuroses de Defesa”³ diferenciando-o do campo definido como o das “Neuroses Atuais”. Diferente dessas últimas, que, para Freud, possuem como característica serem destituídas de conflitos psíquicos — constituindo uma reação direta à energia sexual somática adulta —, as neuroses de defesa são concebidas como consequências indiretas das memórias de traumas sexuais sofridos pelos pacientes em período de imaturidade. De acordo com o autor, essa diferença entre as duas classes de neuroses torna-se fundamental para a prática clínica, uma vez que determina a possibilidade ou não de realização de um tratamento psicoterapêutico (Freud, 1896/1996). Razão pela qual, ao longo do capítulo, nos deteremos sobre os artigos freudianos que focalizam as neuropsicoses de defesas.

Além disso, pelo fato de percebermos que, como maneira de aprimorar a técnica, Freud utilizou-se da interlocução: destacando-se aqui a troca de correspondências entre ele e Fliess,

³ A tradução escolhida para a “Carta 52”, que segue o mesmo padrão de tradução de “A Interpretação dos Sonhos”, apresenta-nos uma opção à nomenclatura “neuropsicoses”.

exploraremos essas correspondências. Também serão utilizados os rascunhos resenhados por Freud nos quais ele explicita as ideias que comporiam seus primeiros textos. Seguiremos pela leitura do “Projeto para uma Psicologia Científica” (1950[1895]/1996), obra postumamente publicada, porém concebida por diversos comentadores (García-Roza, 1991/2017; Laplanche & Pontalis, 1967/2004) como uma primeira tentativa de Freud em construir um modelo de aparelho psíquico.

Este capítulo centra-se no texto “As Neuropsicoses de Defesa” (1894/1996), em que Freud elucidou qual seria o mecanismo por meio do qual os pacientes desenvolviam as manifestações patológicas que os levavam a buscar auxílio terapêutico. Essas manifestações consistiam em dores, paralisias, pensamentos invasivos ou desproporcionais; ou mesmo alucinações auditivas, táteis ou visuais, que não encontravam alívio por intermédio da medicina disponível à época. Nesse cenário, Freud visava contribuir com a teoria da histeria, cujas obras, produzidas em conjunto com Breuer, haviam sido publicadas no mesmo período (1893-1895/1996), e cuja investigação seguia avançando e se aprimorando.

Desdobrando-se em torno desse ponto, o capítulo se subdivide em: 1.1 – O que surge nos primórdios da psicanálise – desde o início, o conflito; 1.2 – A escolha e a formação do Eu – Aquele que se defende, e aquilo que precisa ser preservado; 1.3 – A distribuição energética do aparelho psíquico e, por fim; 1.4 – Defesa primária – o Eu que escolhe se defender e as defesas que constituem o Eu.

1.1 O QUE SURGE NOS PRIMÓRDIOS DA PSICANÁLISE – DESDE O INÍCIO, O CONFLITO

Em paralelo com a formalização de suas teorias, Freud gerou grande volume de correspondências e rascunhos, tornando possível acessar, além das ideias finais contidas nos textos selecionados, o percurso transcorrido pelo autor até elaborar aquelas concepções e hipóteses. Conhecer o método pelo qual caminha a construção da psicanálise figura-se importante, pois, ao trilhar o caminho desenvolvido por Freud, podemos reconhecer a aplicação prática de sua metodologia de pesquisa. Assim, o autor nos apresenta a elaboração de seu método de pesquisa e, concomitante, ensina na prática quais os procedimentos a serem executados ao se propor uma pesquisa psicanalítica.

Partindo dessa observação, é possível encontrar reflexões acerca da temática da defesa desde as primeiras correspondências freudianas, e nossos achados apontam para a precoce

compreensão de que, na gênese da concepção da temática da defesa, surge uma percepção recorrente na prática clínica que, conjugada com o corpo teórico, ganha forma e amadurece. Essa percepção é a de que constantemente há um tipo de conflito permeando a necessidade de apresentar defesas.

A primeira referência a esse conceito remonta a uma carta datada de 21 de maio de 1894⁴, para Fliess. Nela, surge uma menção a quatro aspectos fundamentais das estruturas que serão seguidamente nomeadas de neuroses, a saber: “Degeneração, Senilidade, Conflito, Conflagração”. A descrição dada pelo autor para o item listado como “Conflito” é de que seria uma denominação alternativa à concepção de defesa. Freud segue com a explicação de que esse conflito “compreende os casos de neurose adquirida em pessoas que não são hereditariamente anormais³” (p. 233).

Parece que Freud vislumbrou, desde a gênese do conceito de defesa, a necessidade que o Eu manifesta de solucionar um tipo de conflito persistente entre sua constituição e algo do mundo externo, conflito que é de fato insolúvel e, portanto, deveria ser deixado de lado, visando a manutenção da integridade do aparelho mental, que até determinado momento não havia apresentado características anormais⁵.

Surgem referências ao conflito como constitutivo das defesas também nos Estudos sobre a Histeria, momento em que Breuer e Freud (1893-1895/1996) tecem suas considerações acerca das pesquisas por eles conduzidas ao longo dos primeiros anos de trabalho conjunto. Essa evidência surge tanto no paulatino distanciamento de Freud da técnica da hipnose – que culminará na percepção de que essa técnica derrubava barreiras que, por si mesmas, poderiam indicar o caminho a ser percorrido pelo paciente – quanto no relato dos achados clínicos freudianos.

Assim, ignorar ou transpor a angústia ocasionada pela percepção de um conflito pelo Eu pode ser não somente contraproducente para o processo analítico, mas também direcionar o tratamento para caminhos tortuosos, com alterações sintomáticas e desvios prejudiciais para o cuidado (Freud, 1893/1996).

⁴ A “Carta 18”, escrita no período em que o autor se dedicava à redação e compreensão das posteriormente nomeadas “psiconeuroses de defesa”.

⁵ Não nos deteremos aqui na problemática, extremamente relevante, do conceito de normalidade. Buscaremos reproduzir os termos “normal” e “anormal” seguindo o texto freudiano, embora cientes da complexidade e extensão que geraria adentrar essa temática específica.

Parece natural concluir que o conflito irá ganhar definições mais precisas com o avanço da psicanálise, mas a base da compreensão permanece. Assim, a correlação entre o termo “conflito” e o conceito de defesa surge em suas correspondências e rascunhos, e recorrentemente comporta a ideia de que o Eu se defende justamente de um conflito que se estabeleceu internamente. É o caso do rascunho E, em que o autor avança em suas concepções sobre as mobilizações psíquicas defensivas, desta vez destacando sua função na manifestação da “angústia das pessoas excessivamente pudicas” (p. 239), e nos rascunhos H e K no qual reafirma a presença de um afeto incompatível com a estrutura egoica do indivíduo que, diante dessa incompatibilidade, ou conflito, realiza um movimento visando defender-se (Freud, 1894/1996, 1896/1996).

É no texto “As Neuropsicoses de Defesa” (1894/1996) que Freud torna público, pela primeira vez, o termo defesa, e ali desenvolve o que ele nomeia como uma atualização à teoria da histeria, com base nas observações até então realizadas. Segundo sua perspectiva, um processo de defesa é ativado pelo indivíduo para protegê-lo de lidar com um afeto “. . . tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo (p. 55)”. Trata-se da necessidade de lidar com uma representação que não encontra correlato, por intermédio da atividade de pensamento, com o mundo interno do indivíduo. Esse processo levará em conta a ideia de que o Eu do indivíduo se encontra sensibilizado por um determinado afeto, e diante da possibilidade de se deparar, novamente, com este afeto, defende-se, por meio de processos de exclusão da comunicação do conteúdo aflitivo com a consciência ou do desligamento entre o afeto e ideia aflitiva, mecanismos estes evidenciados pelo autor na gênese de sua concepção acerca das psiconeuroses de defesa.

O “Projeto para uma Psicologia Científica” (1950[1895]/1996) faz parte das obras freudianas que não foram destinadas à publicação no momento de sua escritura, porém surge como principal construção do primeiro momento teórico de Freud, servindo como importante fonte de esclarecimento para diversos textos freudianos, ao longo de toda a sua obra (Garcia-Roza, 1991/2017).

É a partir das investigações acerca do processo de defesa patológico que surge o interesse freudiano pela temática do conflito. Ao reconhecer a centralidade do aspecto conflitivo no adoecimento dos primeiros pacientes analisados, Freud passa a se questionar sobre a origem de tal conflito.

Já no início de sua investigação, no “Projeto...”, de 1895, é observada a relação da função da sexualidade na constituição do que Freud passa a chamar de “Eu”⁶. Baseando-se na evidência clínica, o autor aponta para a ocorrência de um desconforto de ordem sexual na origem das neuroses analisadas, e Freud destaca a sexualidade como uma pré-condição das defesas, por ele, então, denominadas patológicas (Freud, 1950[1895]/1996).

Segundo o autor, o grande envolvimento da sexualidade na produção das defesas se dá pelo contato prematuro com uma quantidade de energia com a qual o indivíduo não está familiarizado. Nessas situações, o conflito seria deflagrado pela compreensão, *a posteriori*, de que algo daquela ocorrência primordial não poderia ter sido validada pelo ambiente (aquisição moral/cultural, conforme será detalhado a seguir).

Ao supor, nesse ponto de sua teorização, que os desencadeantes das neuroses sempre se tratavam de ataques sexuais literais, Freud destaca que as defesas vêm operar para garantir que “o elemento que penetra na consciência não é o que desperta interesse (o atentado), mas outro, na qualidade de símbolo” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 410), o que se mostra mais tolerável para o Eu.

Desse traçado inicial, parece-nos importante destacar que as defesas devem ser tomadas como processos realizados por todos os indivíduos, sejam eles neuróticos ou não. O que torna essas defesas comuns a todo indivíduo é sua origem, reiteradamente apontada como de um conflito que se impõe ao Eu, a partir do qual esse mesmo Eu criará mecanismos para evitar a (re)exposição.

Nos casos em que ocorre de a defesa participar de construções patológicas, pode ser constatado que essa participação se origina na percepção de uma exacerbação da dificuldade, ou mesmo impossibilidade de representação de determinados afetos. A partir dessa dificuldade, foram descritas três maneiras distintas de que o Eu faz uso para se defender desses afetos, cada uma delas dando origem a manifestações distintas.

1.2 A ESCOLHA E A FORMAÇÃO DO EU – AQUELE QUE SE DEFENDE, E TAMBÉM AQUILO QUE PRECISA SER PRESERVADO

Seguindo a percepção freudiana de que existe a necessidade, imposta por algo ao Eu, de defender-se de certo tipo de desconforto, traduzido como um conflito até o momento aqui

⁶ Conforme introdução.

considerado da obra de Freud. Em outro texto, no rascunho “K”, que os editores sugerem preceder o segundo artigo de Freud acerca das neuropsicoses de defesa, lê-se uma explicação do funcionamento do mecanismo pelo qual se dá a escolha do Eu quanto à sua maneira de se defender.

Essa escolha vem sendo mencionada nas correspondências, bem como nos rascunhos, e a formalização desse mecanismo surge com a suposição de que haveria algo da ordem da defesa que seria realizado por todos os indivíduos, e que, na clínica de Freud, no contexto da citação a seguir, essas defesas consistiriam em “. . . aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais: de *conflito* (histeria), de *autocensura* (neurose obsessiva), de *mortificação* (paranoia), de *luto* (amênia alucinatoria aguda)” (Freud, 1950[1892-1899]/1996), p. 267).

Nesses textos, já existe a percepção de que os pacientes até então analisados se defendiam de algo sempre sexual, o que aponta para aspectos primitivos das defesas, e é aprofundado no rascunho “H”, primeiro de uma série de textos que explorará o tema da paranoia. Nesse rascunho, ocorre a definição de que a paranoia se trata de um modo patológico de defesa, o que reitera nossa percepção de que as defesas podem ocorrer de diversas formas, sejam elas patológicas ou não.

No rascunho “H”, ao questionar-se sobre os caminhos seguidos pela defesa em sua expressão patológica, Freud (1896/1996) enumera os mecanismos de projeção, substituição, ideias obsessivas, que seriam, segundo o entendimento do autor à época, expressões patológicas das defesas manifestadas.

Nesse ponto, Freud busca delimitar manifestações patológicas oriundas das defesas como momentos em que as defesas se mostram evidentes, exacerbadas. Partindo disso, o autor destaca quais movimentos serão fundamentais para a constituição do Eu. (Freud, 1896/1996).

Ainda no rascunho “H”, sobre as paranoias, deparamo-nos com um quadro comparativo, que traça a compreensão de Freud acerca de como para cada patologia de que ele tinha conhecimento existe um distinto mecanismo de defesa. Nesse quadro, que optamos por descrever, o autor nos apresenta, na histeria, a compreensão de que o afeto, sendo rechaçado e eliminado pela conversão, torna o conteúdo da ideia ausente para a consciência, o que define como uma “defesa instável com ganho satisfatório” (Freud, 1950[1892- 1899]/1996), p. 258). Já nas ideias obsessivas, Freud nos indica que o afeto é conservado, mas tornado ausente da consciência e realocado para um substituto, desta forma garantindo um tipo de defesa

considerado permanente, porém sem ganhos para o paciente. (Freud, 1950[1892-1899]/1996, p. 259).

Seguimos a leitura do quadro de Freud, localizando como se daria a confusão alucinatória, uma patologia na qual não existe rechaço do afeto, tampouco do conteúdo da ideia, que passa a se impor ao indivíduo na forma de alucinações que hora se apresentam favoráveis ao Eu, hora favoráveis à defesa, deixando evidente um tipo de defesa permanente com ganhos acentuados. Nesse sentido, entende-se aqui que o Eu do indivíduo acometido por essa confusão alucinatória se abstém de escolhas (Freud, 1950[1892-1899]/1996, p. 259).

Quanto à paranoia, o autor descreve um afeto que é conservado, porém projetado para fora do Eu. Tratando-se, assim, de defesa permanente e sem ganhos, que leva à presença de alucinações hostis ao Eu, porém favoráveis à defesa. Na última das categorias que compõem esse quadro nosológico, Freud nos apresenta ao que julga se tratar do fracasso total da defesa, representado pelas manifestações de psicose histérica, em que o afeto domina a consciência, promovendo a exposição do indivíduo a alucinações sempre hostis, ao Eu e à defesa, (Freud, 1950[1892-1899]/1996, p. 259) evidência do quão indispensáveis são as defesas para a manutenção de uma integridade egoica.

A fundamental diferença com relação aos afetos tidos como normais e suas expressões patológicas, manifesta-se, segundo o autor, no fato de serem expressões que não conduzem à resolução dos conflitos geradores desses afetos. São, portanto, movimentos, executados por uma determinada parcela do aparelho mental que, embora sejam bem-sucedidos em desviar a percepção deste conflito originário, de todo modo, mantêm ainda níveis de angústia que prejudicam o Eu. O sucesso nesse destacamento, entre origem e angústia gerada, revela o que é frequentemente apontado pelas pacientes como um afeto desmedido, ridículo, sem sentido.

Nas “neuroses do recalçamento”, surge ainda o que parece ser a tentativa freudiana do primeiro momento de sua teorização, a busca pela compreensão do que se trata de um processo de defesa patológico, que nesse caso se origina de experiências sexuais prematuras ou traumáticas, cujo recalçamento se dá a posteriori, em ocasião que desperta o afeto primitivo relacionado àquelas experiências. Dessa forma, parece necessário destacar esse interesse inicial do autor, com relação a uma construção nosológica do aparelho psíquico.

Com base em suas primeiras pesquisas, o autor infere que o momento da instauração da doença nomeada “neurose de recalçamento” ocorre no estágio em que “as ideias recalçadas retornam e em que, durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da

doença propriamente dita: isto é, uma fase de ajustamento, de ser subjugado, ou de recuperação com uma malformação” (Freud, 1950[1892 -1899]/1996, p. 269).

A parte III do “Projeto...”, de 1895, é apresentada como a tentativa de representar os processos psicológicos normais, traçando o que poderia ser considerada a explicação neurológica dos processos mentais complexos, como memória, atenção, cognição e afetos.

Essa terceira parte parece figurar como importante passo na evolução do pensamento freudiano, que amplia a discussão da psicopatologia nosológica, e mostra sua orientação para a compreensão de um processo mais complexo, que comporta a questão de saúde e doença, sem a isso se resumir ou limitar.

Nesse texto, com a evolução apresentada por Freud da complexidade do aparelho psíquico, aumentam as quantidades energéticas percebidas em estímulos recorrentes. Essa compreensão é de grande valia para o entendimento do recalçamento *a posteriori* dos eventos que, a partir desse segundo momento, poderão deflagrar a construção das defesas.

Essa concepção também guia a valorização do que ocorre no mundo interno dos indivíduos, posto que proporciona o entendimento de que os elementos potencialmente traumatizantes irão variar de acordo com os aspectos internos de cada um. Assim, é possível dividir, didaticamente, essa percepção em dois pontos. A questão energética, que será tratada adiante, e a compreensão de que existe uma escolha individual, baseada na história primitiva e particular de cada pessoa, que determinará o caminho realizado pelos afetos.

O processo de escolha que se dá, no Eu, a partir de uma perspectiva genética, também é retomado na terceira sessão do “Projeto...” (Freud, 1950[1895]/1996), em uma abordagem generalista, útil à compreensão da escolha da neurose, ou seja, o entendimento acerca de como se constitui o psiquismo de cada um, com base no que é percebido como perigo, ou desconforto, e diante disso a maneira segundo a qual cada um orienta a própria defesa⁷.

1.2.1 Eu como aquele que surge d’aquilo

O autor avança concomitantemente na sua concepção da origem do Eu. Sua constituição se dá, Segundo Freud, a partir de um processo de educação, inicialmente dirigido por um estado de expectativa no qual existe um Eu primitivo que busca a constante repetição do prazer.

⁷ Conforme teorização apresentada acima, acerca do rascunho “H”.

Gradativamente, e com o auxílio de seu meio, o Eu assume as primeiras percepções de que é necessário realizar escolhas que garantam a manutenção de sua existência.

Inaugura-se, assim, a constituição do Eu. Sua aparição leva a considerar que existe grande lógica no movimento de evitar o desprazer, que figura, em conjunto com a busca pelo prazer, no pêndulo da constituição psíquica. Uma vez que investir além de certa medida na busca desejante poderia fixar o indivíduo (como eventualmente ocorre) em uma ocorrência alucinatória, incompatível com a manutenção da vida. O sucesso em manter-se em um nível de obtenção de prazer e evitação de desprazer delimitado representaria a possibilidade de manutenção de um grau de satisfação compatível com a vida.

Derivando desse primeiro processo educacional, Freud apresentou o que ele denomina de primeira regra biológica, maneira de aprendizado do sistema nervoso, regra que ele nomeia como regra da defesa primária. A partir dessa regra, o autor busca orientar a “*aquisição biológica do sistema nervoso*” (Freud, 1950[1895]/1996, pp. 425-426) como relacionadas às experiências de prazer e desprazer. De acordo com essa percepção, constituem-se as defesas primordiais do indivíduo, voltado constantemente a evitar o desprazer, entendido aqui como movimento fundamentalmente voltado à manutenção da existência.

A segunda regra biológica também parece contribuir para o processo de construção de defesas, relacionada à atenção, uma vez que, ao qualificar aqueles pensamentos aos quais dirige atenção, o mecanismo neuronal também pode dar vazão às suas formas, mais complexas, de desviar-se do desprazer.

Ao direcionar a pesquisa para a escolha realizada pelo Eu, parece importante recorrer ao detalhamento da histeria de defesa, assim definida por Freud por se tratar de um tipo de padecimento que leva a uma “*divisão do conteúdo da consciência que resulta de um ato voluntário do paciente* [grifo do autor]” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 54).

Além dessa, existem as histerias clássicas, objeto de extenso estudo de Breuer e Freud (1893-1895/1996), e as histerias de retenção puras, que Freud assume como histerias cuja resolução se dá meramente pelo processo associativo, favorecendo, portanto, uma associação *a posteriori* (ab-reação) (Freud, 1894/1996).

O traço característico das neuroses de defesa parece se apresentar em uma categoria de pacientes que, embora não houvessem manifestado sinais de problemas de saúde mental até o momento em que necessitam buscar auxílio, relatam, de diferentes maneiras, que “*houve uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa* [grifo do autor]” (Freud,

1894/1996, p. 55), a partir da qual, diante de um afeto demasiadamente aflitivo, esses pacientes optaram por esquecer essa ocorrência: escolha que repousa em uma desconfiança do próprio Eu acerca da capacidade de solucionar “a contradição entre a representação incompatível e seu eu por intermédio da atividade de pensamento” (p. 55).

Assim, é possível compreender que, muitas vezes ocorre algum evento de grande impacto a pessoas que antes não apresentavam sinais de sofrimento mental, e esse evento produz tamanho impacto, que o Eu se (re)encontra com algo insuportável, uma experiência ou um sentimento que não condiz com sua estrutura interna, de maneira tão inconciliável que existe um movimento de “escolha” por esquecer-se deste evento. Trata-se de um movimento voltado a defender o Eu de algo que o próprio Eu não tem certeza de conseguir integrar.

Com base no que foi pesquisado até esse momento, compreendemos que algo se (re)inaugura no (re)encontro com afetos que representem um conflito para o Eu e que, portanto, algum impacto progressivo já foi percebido pelo Eu analisado. Não seria compreensível haver uma desconfiança acerca da própria potencialidade sem haver algum ponto de rememoração a partir da qual acessar a manutenção ou rechaço do conflito apresentado. Existe um desvio, uma retirada de afeto, ou um desligamento deste, que irá consolidar esse processo defensivo. O processo de defesa por ele descrito se perpetua no momento em que o Eu transforma uma representação interpretada como intensa, intolerável, numa representação fraca. Ocorre, assim, a retirada do afeto de seu pensamento de origem, não restando com o que associá-lo, ou, ainda, recorrendo a uma associação alternativa, com menor impacto para o Eu, conforme detalharemos a seguir, a fim de compreender quais serão as escolhas tomadas como possíveis.

1.2.2 Mecanismos de defesa e escolhas do Eu

Para diferenciação entre as histerias de conversão e os processos obsessivos e fóbicos o autor esclarece que “O fator característico da histeria não é a divisão da consciência, mas a capacidade da conversão” (1894/1996, p. 57), e segue ressaltando que, diferentemente do que ocorre na histeria, em que o afeto é redirecionado para o corpo, já nas neuroses obsessivas, esse afeto separa-se da representação incompatível, permanecendo “solto”, até se ligar a representações que, embora vinculadas à representação originária do afeto, são livres para operar no aparelho psíquico. Com isso, essa ligação se desdobra em uma representação obsessiva, o que leva o autor a concluir que “O Eu leva muito menos vantagem escolhendo a transposição do afeto como método de defesa do que escolhendo a conversão histérica da

excitação psíquica em inervação somática” (p. 61). Pensamos que essa escolha será composta, pelo indivíduo, conforme a sua história de vida, bem como por questões primitivas de percepções derivadas do ambiente.

Assim, o autor nos apresenta o mecanismo de conversão, cuja característica é o desvio do afeto para símbolos, partes que assumem, para o histérico, valor de todo. Para auxiliar na compreensão deste processo, Freud (1894/1996) utiliza a analogia de um cavalheiro que batalha para conseguir a luva de sua dama, mas que está ciente de que esta luva é um símbolo. Na histeria de conversão, Freud nos alerta que o indivíduo pode dedicar-se a essa luva com o afino de quem se dedica à dama, sem considerar mais a dama como foco de sua devoção.

Um mecanismo diferente do descrito acima, que igualmente se apresenta nas psiconeuroses de defesa é o de deslocamento. Esse mecanismo é destacado pelo autor como sendo menos vantajoso para o Eu, pois além de não eliminar completamente a representação aflitiva (cujo sucesso é a base da conversão), mantém livres os afetos desligados dessa representação. Estes se religam, então, em representações menores, insignificantes, tornando-se, desse modo, “*representações obsessivas* [grifo do autor]”, que demandam do indivíduo um esforço ativo de manutenção.

Além desses dois mecanismos, Freud (1895[1894]/1996) nos apresenta a substituição como uma forma mais intensa de deslocamento, que faria parte dos processos de obsessões e fobias, literalmente substituindo a representação aflitiva por outra, que por si só não apresenta conflito, mas inaugura diferentes formas de sofrimento. O que distingue, para o autor, fobias de obsessões, é a observação dos tipos de afetos manifestos. Nas obsessões, ao estabelecer um comportamento obsessivo, afetos como medo, dúvida, ressentimento, raiva, são percebidos. Já nos tipos clássicos de fobias (assim como nas demais neuroses de angústia detalhadas pelo autor) o afeto central é sempre a angústia⁸.

Freud (1894/1996) também marca a diferença no processo de defesa que desemboca nas histerias englobadas no campo das histerias de defesa e uma forma de padecimento que ele denomina “muito mais poderosa e bem-sucedida” (p. 64), um tipo de “confusão alucinatória” característico das psicoses. Nesse tipo de solução encontrada, ocorre uma fuga do Eu para a

⁸ Ao detalhar as neuroses de angústia, o que acontece a seguir na obra freudiana (Freud, 1895[1894]/1996) reforçamos nossa compreensão dos processos de defesa, uma vez que o autor nos destaca que uma característica das neuroses de angústia é não haver núcleo de conflito identificado. O que nesse caso ocorre é uma “transposição de afeto”, na qual este não se origina de uma representação recalcada e, portanto, não passou por um processo defensivo. Sendo assim, não é possível localizá-lo ou reduzi-lo por intermédio da psicoterapia. A neurose de angústia, assim como a neurastenia, era considerada por Freud como uma neurose atual e não uma psicose, não sendo, portanto, objeto de nossa pesquisa.

psicose, rompendo em absoluto com a representação incompatível, ao que cria, em seu lugar, uma realidade compatível com suas concepções.

Para tanto, o Eu pode utilizar-se de construções complexas (alucinações), mantendo-se em extremo ato defensivo. Assim, podemos assumir que existe um grau de intensidade que pauta as manifestações defensivas que, neste ponto, ele já assume como comuns às histerias em geral.

A concepção da defesa como uma reação aos “afetos de vergonha, da autocensura e de dor psíquica, além do sentimento de estar sendo prejudicado” (Freud, 1894/1996, p. 283) também é encontrada, nesse primeiro momento, nos Estudos sobre a Histeria (Freud, 1893/1996), no qual também somos alertados a respeito de uma tendência que os pacientes pesquisados na obra possuíam de desprezar conteúdos durante seu processo terapêutico:

Sempre aguço os ouvidos quando ouço um paciente falar de forma tão depreciativa de algo que lhe ocorreu, pois é sinal de que a defesa foi bem-sucedida se as representações patogênicas parecem ter tão pouca importância ao reemergirem. Disso podemos inferir em que constituiu o processo de defesa: constituiu em transformar uma representação forte em uma representação fraca, em roubá-la de seu afeto (p. 293).

1.2.3 Da defesa ao recalque e de volta outra vez

Em “Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa”, de 1896, Freud retoma a temática das defesas, tendo adquirido maior número de casos e sido capaz, nesse segundo texto, de confirmar e detalhar conteúdos inaugurados em seu primeiro artigo. Ainda sem realizar distinção entre os termos defesa e recalque, Freud passa a discutir as defesas como núcleo das neuroses de defesa.

Segue, portanto, com um detalhamento de sua gênese. Para a histeria, Freud destaca o papel das lembranças de situações traumáticas de estimulação, na forma de ataque sexual, ocorridas em uma idade prematura, que ressurgem em um momento de maturidade sexual, em que essas memórias podem ser devidamente interpretadas. No caso da histeria, portanto, a defesa seria contra a rememoração de um ataque sexual sofrido, com caráter passivo, em uma idade anterior à da maturidade sexual. Já na neurose obsessiva, essas rememorações parecem trazer a marca de uma posição ativa por parte do analisado, sendo este o perpetrador do ataque, ou tendo ele obtido prazer em uma relação sexual precoce. Dessa maneira, se mostrou ser o fator da passividade ou atividade com relação ao ataque sexual a diferença entre o adoecimento histérico ou obsessivo. Enquanto os pacientes histéricos descreviam cenas passivas, os

neuróticos obsessivos relatavam cenas nas quais haviam praticado os ataques sexuais, ou experimentado prazer pela realização de atos de natureza sexual.

Freud se dedica, nesse texto, a descrever como funcionaria a neurose obsessiva a partir da formação dos processos de defesa. Apresenta o que tratará, a partir desse ponto, como sintomas de compromisso, o tipo de manifestação que surge no processo de neurotização das defesas como resposta à desconfiança do Eu acerca de sua própria capacidade de reagir ao evento tido como desencadeante. Essa desconfiança do Eu entra em ação com o fracasso da tentativa de recalçamento, e deflagra “. . . um colapso da defesa originalmente alcançada” (Freud, 1896/1996, p. 171), a partir do qual se produzem uma série de sintomas que possuem como função mediar as duas linhas distintas de pensamento inauguradas diante de um conflito percebido pelo Eu, e escolhe uma ou outra maneira de se defender. Nesse ponto, surge a diferenciação entre defesa e sintoma, com o segundo sendo característico da instauração das psiconeuroses de defesa, em que:

A conscienciosidade, a vergonha e a autodesconfiança são sintomas dessa espécie [de compromisso], que dão início [na neurose obsessiva] ao terceiro período – período de *aparente* saúde, mas, na realidade, de defesa bem-sucedida, que culminaria, então, no . . . *retorno das lembranças recalçadas* – isto é, pelo fracasso da defesa (Freud, 1896/1996, p. 169).

Com o retorno do que havia sido previamente recalçado, em forma de sintomas de autoacusação e diversos tipos de deslocamentos, existe uma tentativa do Eu de voltar a coerência que acreditava possuir, corrigindo, por intermédio de ações obsessivas, os pensamentos e atos reprováveis que identifica.

Processos como “estímulos, substituição, conversão e descarga” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 347) sugerem os movimentos do aparelho neuronal que tencionam a redução de desconforto no aparelho psíquico. Para Freud, em seu “Projeto...” (1950[1895]/1996), a escolha do Eu parece vinculada à hipótese de que existem “barreiras de contato” que irão favorecer a comunicação inerente aos neurônios, o que pode ser compreendido como um protótipo do mecanismo de defesa previamente apresentado.

É possível considerar essas barreiras de contato como estruturas que irão criar uma espécie de “facilitação de caminho”, na medida em que o aparelho psíquico for construindo suas experiências. A partir dessas construções, pode-se conceber que essas facilitações se tornem reações diante de situações específicas mais habituais, comparáveis com as respostas

automatizadas, ou estereotipadas. Essas barreiras irão se utilizar de duas classes de neurônios, uma mais permeável que a outra, divididas em “células perceptuais” e “células mnêmicas”⁹.

Neste momento, a importância dessas estruturas neuronais se dá pela hipotetização de uma retenção de informação, na forma de memória, sem a qual não seria possível pensar os mecanismos de defesa, uma vez que eles são descritos como um processo que se dá a posteriori, como uma evitação de um desconforto já experimentado.

Ainda assim, não se trata apenas de estímulos externos que colocam em risco a inércia que o aparelho mental busca. Isso porque, segundo o autor, à medida que a complexidade do organismo se eleva, seu sistema nervoso se especializa e passa a ser, ele também, gerador de estímulos, que gera, desta maneira, uma quantidade de origem interna com a qual o indivíduo precisa igualmente lidar.

Com base na comparação entre os casos exemplares de histeria utilizados por Freud em seu primeiro texto acerca das psiconeuroses de defesa e a descrição de um caso nomeado por Freud como de psicose de defesa (1893-1895/1996, 1896/1996), levamos em consideração as observações redigidas pelo autor ao final da descrição do último, no qual destaca as diferenças e semelhanças que a prática até o momento o havia permitido verificar entre a paranoia e a neurose obsessiva. Para o autor, em ambos os casos, as obsessões têm origem no recalque de experiências sexuais ocorridos na infância, com a característica de uma ação (ataque) ou fruição (prazer) que, ao ser rememorado em uma fase da vida em que a maturação sexual foi atingida, leva o sujeito a uma corrente de autorrecriminações. No caso da neurose obsessiva, essa autoacusação irá formar o sintoma primário da autodesconfiança, o que o autor irá destacar como uma maneira de tornar esse sintoma justificável, e leva o indivíduo a manejá-lo com o desenvolvimento de uma conscienciosidade. Na paranoia, a autoacusação irá passar pelo processo de projeção, a partir do qual a desconfiança passa a ser assumida como oriunda de outras pessoas, o que viria a assumir, em longo prazo, a forma de representações delirantes, uma vez que a projeção deixa o Eu sem proteção possível contra as autoacusações¹⁰.

Para melhor compreender como se dão as escolhas efetuadas pelo Eu na construção de suas defesas, buscaremos agora compreender como se delineiam, no aparelho psíquico, as percepções de conflito, e, conseqüentemente, de angústia, e quais as maneiras postuladas por

⁹ Acreditamos que esse pensamento engendra, em si, o que será trabalhado anos depois na primeira das tópicas freudianas, conforme será discutido posteriormente nesta dissertação.

¹⁰ No primeiro subcapítulo, encontra-se um resumo muito interessante realizado por Freud em correspondência com Fliess, que auxilia na compreensão desses diferentes meios de se defender, bem como seus possíveis desencadeamentos.

Freud de encontrar alívio para esse desconforto percebido (que o próprio autor irá vincular à ideia de inundação, ou quantidade).

1.3 A DISTRIBUIÇÃO ENERGÉTICA DO APARELHO PSÍQUICO

Freud apresenta, nos rascunhos, o alicerce de sua teoria acerca das defesas, construído nos seus primeiros anos de clínica. Já fica clara, nesse período, a compreensão que o autor possuía de uma “tendência natural à defesa” (Freud, 1950 [1892–1899]/1996, p. 268), que se manifestava diante de situações que poderiam de alguma maneira representar um desprazer. Nesses mesmos rascunhos e correspondências, vemos esboçada a noção, consequencial à de defesa, de tendência à homeostase, assim como a identificação dos mecanismos de descarga de quantum energético, conceitos inaugurados por Freud no Projeto para uma Psicologia Científica (1950[1895]/1996).

Na primeira parte do “Projeto...”, de 1895, Freud buscou construir o que ficaria conhecida como “teoria neuronal”, primeira tentativa de teorização, precursora da teoria da sexualidade que surge ainda nesse primeiro momento, conforme será exposto a seguir. O autor avança, desde seus primeiros escritos, para um campo de trabalho diferenciado, que tratará de uma constituição simbólica, destacando sua psicanálise do campo biológico (Garcia-Roza, 1991/2017; Laplanche & Pontalis, 1967/2004).

É no “Projeto...” que emerge a noção de quantidade de afeto, diferenciada pelo autor da concepção de qualidade. Esse conceito é fundamental para a leitura do que Freud considerava como manifestação normal¹¹ de afetividade e o que ultrapassaria esse limite, mostrando-se, para o autor, uma expressão patológica do aparelho mental.

Sobre a concepção quantitativa, o destaque ao longo do texto da existência de “idéias excessivamente intensas” (Freud, 1950[1895]/1996, pp. 347, 401), como sendo aquelas que levariam à percepção de algo que se exacerba, convida a considerar as evidências que o próprio indivíduo nos dá acerca da produção de defesas. Para o autor, o princípio básico daquilo que, a esse ponto, ele chamaria de atividade neuronal, seria manter-se em homeostase. Essa seria atingida quando não houvesse a presença de quantidades de energia oriundas do mundo externo, em um primeiro momento, a partir do que, com a elevação da complexidade do aparelho psíquico, interno, essas quantidades tornam-se circulantes. Alguns movimentos do aparelho

¹¹ Conforme nota 4.

mental são utilizados para garantir a descarga e a fuga do estímulo, maneiras primitivas de manutenção desses níveis de energia ao mais baixo quanto possível. Esses movimentos consistiriam em uma maneira de descarga, visando a manutenção desse equilíbrio capaz de manter o aparelho psíquico dentro de uma desejada homeostase.

Assim, a partir do acúmulo de situações de excitação, ou do aumento da frequência da experiência de prazer ou desprazer experimentada a partir de estímulos internos ou externos, formam-se caminhos preferenciais de trânsito de quantidade, visando sempre o escoamento desses estímulos que passaram a representar, nesse momento, a função primária do sistema nervoso.

Os caminhos preferenciais acima mencionados são denominados de facilitações no caminho de alguns processos neuronais, que ocorrem de acordo com a intensidade da quantidade que passa pelos neurônios. Creditamos a esse processo, a ideia de que aqueles estímulos traumáticos, seja pela intensidade ou por terem sido prematuramente apresentados para o indivíduo, constituem-se de uma elevação de quantidade de energia que favorece a criação de caminhos facilitados para evitar ou descarregar estímulos. A constituição de tal circuito parece configurar o alicerce das defesas primitivas.

É igualmente necessário considerar a questão da qualidade dos estímulos, que parece se alinhar com a percepção de que existe, no aparelho mental, uma estrutura responsável pela seleção de conteúdos que serão trazidos à atenção consciente, e uma estrutura diversa, responsável pela categorização e distribuição desses estímulos, qualificando-os. Freud propõe, também, a existência de uma terceira estrutura, que seria a responsável pelas percepções de maneira indistinta, adjetivamente inconsciente.

Da conjunção entre a concepção de uma estrutura que seria considerada responsável pelas percepções – inicialmente de maneira indistinta e agregando progressivamente valores aos estímulos percebidos –, podemos supor o advento da defesa em um cenário primordial.

1.4 DEFESA PRIMÁRIA – O EU QUE ESCOLHE SE DEFENDER E AS DEFESAS QUE CONSTITUEM O EU.

Como primeiro movimento defensivo do aparelho psíquico, o conceito de defesa primária surgiu na 13ª sessão de seu “Projeto...”, no qual Freud (1950 [1895]/1996) retomou as noções de afetos e de estados de desejo. Nessa sessão, encontramos a descrição das defesas primordialmente erigidas, vinculadas primitivamente às experiências físicas, de dor e

satisfação, que darão origem aos afetos e estados de desejo, e, dessa constituição primária, decorrerá a formação do próprio aparelho psíquico.

Considerando-se a defesa primária, pode-se notar novamente a tendência do aparelho psíquico em manter-se estável, preservando um estado de vitalidade. Essa vitalidade parece ser conquistada na manutenção de uma homeostase do organismo. Além de visar um estado de prazer, a busca por esse equilíbrio parece, igualmente, ser compreendida como uma via que objetiva um estado de não desprazer. Assim, as elevações de quantum energético são concebidas como, apesar de qualitativamente diferentes, excitações que perturbam o equilíbrio primevo, demandando, invariavelmente, sua descarga. Freud segue afirmando que embora julgue a concepção da “atração do desejo”, ligada à fruição de prazer, como uma noção de fácil concepção, de outro modo, definir em que consiste a defesa primária, que visa a evitação de desprazer, revela-se uma tarefa mais complexa.

Visando expor essa complexidade, tratou-se, nesse momento da teorização freudiana, de conceber uma maneira de defesa primitiva, que permite que o Eu abandone os afetos hostis primordialmente experimentados, como dor ou desconforto. Pode-se questionar, nesse ponto da pesquisa, se esse Eu a que o autor se refere pode ser considerado um Eu integrado, ou se, como seria factível conjecturar, não se trataria de uma estrutura em construção, visto que o aparelho psíquico adquire paulatinamente maior complexidade.

Pensamos ser possível compreender esse abandono regular dos afetos hostis primitivos relacionando-os aos processos de facilitação apresentados acima, a partir dos quais, ao vislumbrar a possibilidade de passar, novamente, pelo desconforto registrado, existe uma categoria de escolha sobre a melhor maneira de evitar esse inconveniente.

Freud explica ainda que, diante de circunstâncias nas quais a experiência do indivíduo eleva-lhe a percepção de desprazer, o sistema por ele denominado “psi” é capaz de produzir um contra investimento com potência equivalente. Erige-se, assim, uma defesa ante a iminência dessa sensação.

Temos a introdução, nessa mesma sessão, do que seria, então, nomeado de “Eu”, como organização possível diante das formações anteriores a essa constituição integrada. Freud define o Eu como sendo “a totalidade das catexias ‘psi’ existentes em determinado momento, nas quais cumpre diferenciar um componente permanente e outro mutável” (1950[1895]/1996, p. 375). Com base nessa concepção, é possível admitir que esse Eu está em constante

constituição, e afirmar ainda que, por possuir um componente permanente, estrutura-se, na verdade, sobre uma constituição anterior à sua, a partir da qual assume-se, enfim, sua existência.

Ao nos apresentar a noção de afeto defensivo, o autor descreve-a como uma “. . . *defesa primária* que consiste na inversão da corrente de pensamento assim que ele se depara com um neurônio cuja catexização libera desprazer” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 404). Tal afeto parece operar como uma cortina de fumaça que, pela atividade compulsiva, desvia o foco do Eu de elementos com os quais não é capaz de lidar por meio da atividade de pensamento.

Assumimos, portanto, que existe um risco identificado pelo Eu de não suportar um segundo contato com o afeto, uma vez que “. . . se recalcam lembranças que só se tornam traumáticas por *ação retardada* [grifo do autor]” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 410), e esse risco presumido é o que faz o Eu recalcar e deslocar – formas elaboradas de defesa do Eu – o afeto para um pensamento sem importância, visando garantir, com a sua recorrência, que não haverá espaço para a memória (dolorosa) do trauma.

Partindo dessas leituras, a pesquisa avança para a concepção de que existe um momento anterior, intenso ou prematuro, que será registrado como intolerável, e que parece colocar em risco a existência, percebido, portanto, como algo a ser rechaçado. O que parece ocorrer, no mecanismo das patologias, é uma antecipação exacerbada do momento de se defender, ou mesmo um não enfrentamento de situações cotidianas por temor de se deparar com as experiências desprazerosas anteriormente registradas.

Na segunda parte do “Projeto...”, Freud retoma a noção de que as patologias seriam derivadas da presença de ideias excessivamente intensas, presentes nos indivíduos concebidos como normais, sendo que o que as torna dignas de atenção especial nas histerias é sua característica extravagante.

Enquanto um indivíduo normal desenvolverá essas ideias com base em um processo educacional (cultural) rastreável, a partir do qual o autor destaca que “conferem individualidade ao ego”, nas histerias, essas ideias parecem não possuir explicações para quem é por elas acometido, de modo que Freud as descreve como sendo “intrusas, usurpadoras e, conseqüentemente, ridículas” (Freud, 1950[1895]/1996, p. 402).

Especula-se que a constituição do Eu perpassa esse processo educacional, e que essa individualidade, pelo próprio Eu evidenciada e, por vezes, expressão sintomática, como no caso das histerias, serve como evidência de uma forte relação entre um tipo de defesa manifestada primordialmente e a própria constituição do Eu.

Nesse cenário, o artigo “O Mecanismo Psíquico do Esquecimento”, de 1898, mostra uma significativa evolução da pesquisa freudiana. Conforme tomamos conhecimento, por intermédio do autor, essa mudança coincide com sua autoanálise. Utilizando-se do próprio inconsciente como fonte de obtenção de informações acerca do funcionamento psíquico individual e sua verificação pelo método de pesquisa da psicanálise, Freud indica a seguir a gênese da compreensão da presença da sexualidade infantil e das fantasias constitutivas do aparelho psíquico.

Ao se posicionar não apenas como observador, mas também como objeto de sua técnica analítica, Freud verifica suas suposições acerca do material patológico a que tinha acesso em seu tempo e descreve como operam os mecanismos daquilo que passa a chamar de inconsciente. Além disso, é capaz de constatar a importância das construções (operações) defensivas na constituição do Eu (Laplanche & Pontalis, 1967/2004) e é desse modo que o autor consolida as defesas como parte fundante do Eu.

Neste movimento, o autor se distancia, finalmente, da concepção psicopatológica e, conforme verificamos na evolução da teoria, passa apenas a diferenciar quantitativamente as manifestações defensivas, agora consideradas comuns ao processo constitutivo individual.

O texto intitulado “Lembranças Encobridoras”, datado de 1899, já toma distância da teoria da sedução e introduz a percepção de que as construções mnêmicas de seus pacientes talvez sejam, de fato, mais construções e menos memórias concretas. Com base nesse material, em conjunto com os demais textos estudados, acreditamos que Freud buscou, nesses escritos, centralizar as defesas na construção teórica de sua psicanálise e, concomitantemente, na constituição do Eu.

1.5 CONSIDERAÇÕES

O objetivo desse primeiro capítulo foi o de compreender o percurso freudiano desde seu encontro com as manifestações clínicas que lhe despertaram interesse, ainda no início de sua atuação, até a formalização da noção de defesa para a psicanálise.

Para a realização desta pesquisa, tomamos como fonte artigos, rascunhos e cartas que integram o período compreendido como pré-psicanalítico, localizando, entre esses escritos, os que versavam sobre as manifestações defensivas descritas por Freud. Destacamos alguns elementos que nos pareceram centrais para o entendimento da noção de defesa edificada por

Freud nesse momento teórico, e detalhamos ao longo deste primeiro momento da pesquisa os seguintes aspectos: o conflito e seus desencadeamentos; a experiência primitiva; a questão qualitativa; as escolhas do Eu.

Se, já nas primeiras correspondências, Freud visava traçar comparações entre como se daria o funcionamento das defesas nos indivíduos que ele nomeava como “normais” e naqueles que se apresentavam para o tratamento de patologias; no último texto do período analisado, “Lembranças Encobridoras”, de 1899, Freud se debruça sobre uma lembrança de uma pessoa¹², por ele classificada como “normal”, para descrever como se construíam defesas para sanar conflitos identificados pelo Eu como insolucionáveis.

Assim, a pesquisa conduzida neste primeiro momento nos direcionou a acompanhar o afastamento que se deu entre Freud e as teorias fundamentadas na atribuição de uma concepção de normalidade para alguns indivíduos. A psicanálise conquista, então, uma visão ampliada, baseada na concepção de que existem características comuns a todos os indivíduos em seu desenvolvimento psíquico.

Pudemos observar que, tanto em suas correspondências quanto em seus rascunhos, Freud faz menção a seus primeiros encontros com estruturas de defesa, como estando intrinsecamente relacionadas a um conflito que se estabelece entre o Eu e exigências perpetradas pelo mundo externo. Nesse embate, Freud observou que o Eu é capaz de se afastar dessas exigências, visando com isso manter sua integridade estrutural. Tal compreensão sobre defesa, como um movimento egoico que objetiva evitar ou solucionar um conflito, sustenta suas primeiras observações, formalizadas, principalmente, em seu “Projeto para uma Psicologia Científica” (1950[1895]/1996). A produção desse material, cujo objetivo não era a publicação, é considerado por Garcia-Roza (1991/2017) substrato necessário para a construção dos artigos publicados nessa época, seguindo a concepção de que essa interlocução seria fundamental para produzir e refinar as hipóteses de Freud.

Ao longo dos textos desse período, encontramos o amadurecimento da ideia de que seria central para o Eu defender-se de um conflito identificado, que nasce de um sofrimento primordial e adquire complexidade com o paulatino amadurecimento do psiquismo. Ao avançar em seus textos, Freud conclui que existe um caráter sexual constante naquilo contra o qual o

¹² Segundo o que posteriormente afirmou James Strachey, editor da coleção selecionada para o presente estudo (Freud, 1996), quanto a tratar-se de uma lembrança do próprio autor a partir de sua autoanálise.

Eu se defende, o que nos dá uma preciosa orientação para a compreensão de que este conflito parece se estabelecer na concorrência entre o processo civilizatório e os instintos primitivos.

Ao revisitarmos os casos clínicos utilizados por Freud para ilustrar as psiconeuroses de defesa, parece que o conflito com o qual o Eu se confronta reside na rememoração de que algo causa angústia em sua atualização, mas que em um momento anterior causou sensações de prazer. Esse é o momento em que se estabelece a neurose, com as construções necessárias para evitar as lembranças de ter obtido algum tipo de prazer em algo eminentemente reprovável por uma moral bem erigida. Essa percepção nos encaminhou à elucidação do que seriam essas vivências primitivas.

Encontramos no “Projeto para uma Psicologia Científica” (1950[1985]/1996) a compreensão de que existem estruturas capazes de reter a informação acerca da maneira pela qual o Eu de cada indivíduo desenha suas reações primordialmente. Deduz-se, disso, a construção¹³ de um mecanismo que evolui de experiências primordiais, registradas por estruturas próprias do aparelho mental, para a complexa formação do aparelho psíquico. Essa evolução será a base que dará a sequência de como o Eu se portará diante de situações futuras.

Assim é descrito o conceito de defesa primária. Nos primórdios da constituição do aparelho psíquico, seriam formas de organização neuronal no sentido de manter armazenado, nos sistemas mnêmicos, quais estímulos deveriam ser evitados a fim de manter a existência deste ser. Com o amadurecimento do aparelho psíquico, e o surgimento de diferentes estruturas que começam a ser vislumbradas ainda no “Projeto...”, ocorrem as diferenciações decorrentes desse processo de defesa primordial que acompanhará o indivíduo.

A diferenciação entre os tipos de manifestação das defesas aconteceria, conforme o autor, de acordo com a escolha da forma como cada um deu encaminhamento, a partir do desenrolar desse processo — nomeado, nesse período, por Freud, e em especial na escritura do “Projeto...”, como defesa primária.

Esse processo de defesa primária (assim como seu equivalente, a atração do desejo) foi introduzido por Freud como o tipo de resposta do organismo às sensações primordiais, de dor e de satisfação. Assim, diante de experiências que desencadeiam essas sensações, o organismo desenvolve um padrão de resposta que, uma vez que contribuiu para a manutenção da sua existência, mostrou-se efetivo, e, portanto, registra-se como uma maneira facilitada de

¹³ Herança da neurologia, área em que Freud inicia sua atuação médica.

promover um rápido escoamento de energia gerada por essas sensações tão primitivas, e, portanto, arrebatadoras.

Para trazer maior detalhamento ao mecanismo das defesas primárias, o autor também nos apresentou a concepção de origem do Eu, como partícula fundamental da experiência e coordenação de respostas do indivíduo. Essa estrutura teria origem a partir de um processo educacional. Esse processo tem como objetivo a manutenção da existência e fruição de prazer, e vai se especializando para priorizar a evitação de desprazer e a aniquilação.

A fim de compreender o complexo movimento realizado pelo aparelho psíquico, surge a explicação de que uma existência fixada na fruição de prazer poderia não garantir sua sobrevivência, favorecendo o estabelecimento de um estado de alucinação prazerosa incompatível com a manutenção da vida.

Assim, Freud nos apresenta o movimento pendular do aparelho psíquico, buscando o equilíbrio entre busca de prazer e evitação de desprazer. Destacamos que, nesta dissertação, nossa atenção manteve-se sobre esse segundo processo.

Desse processo restaria (quando o Eu é bem-sucedido, mesmo que parcialmente, na evitação do desprazer) uma soma de excitação livre, nomeada de afeto. Esse afeto, então, se utiliza de diferentes modos de se ligar ao aparelho mental, de forma menos aflitiva para o aparelho psíquico, mas podendo investir, colateralmente, representações que passam a se manifestar de maneira sintomática. De alguma forma, resolve-se o conflito que originou o afeto angustiante, porém se mantém outro tipo de sofrimento com o qual o Eu precisa lidar.

Derivando de um primeiro processo educacional, conforme descrito, é estabelecida a primeira regra biológica, que trata de um aprendizado do sistema nervoso, da defesa primária. A partir dessa regra, o autor busca orientar a “*aquisição biológica* [grifo do autor] do sistema nervoso” (Freud, 1950[1895]/1996, pp. 425-426) como relacionadas às experiências de prazer e desprazer. Assim, tendo em mente a singularidade de cada indivíduo, de acordo com as reações que se desenvolveram diante do desconforto (fome, dor), às quais os organismos são primordialmente expostos, constrói-se um padrão defensivo de reação a situações desconfortáveis, que parece manter-se ao longo da vida.

O que Freud destaca ocorrer, no mecanismo das patologias, é uma antecipação exacerbada do momento adequado para se defender, ou mesmo uma dificuldade encontrada pelo Eu em enfrentar situações cotidianas por temor de se deparar com as experiências desprazerosas anteriormente registradas. Nesse sentido, pareceu-nos importante identificar que

Freud destaca, nesse mecanismo, não uma questão meramente quantitativa, mas igualmente qualitativa.

Para melhor cernir a noção de defesa dos complexos e concomitantes movimentos do aparelho psíquico, Freud acrescenta as perspectivas quantitativa e qualitativa à ideia de conflito. Ou seja, a partir da percepção de que o conflito se baseava em quantidades de energia que produziam efeitos qualitativos no aparelho psíquico, os processos defensivos se estabeleceram como uma medida organizada pelo Eu no sentido de encontrar formas de, por um lado manter a quantidade energética em patamares adequados e, por outro, evitar a recorrência do desprazer já experimentado em uma ocasião anterior na qual houve intensa oscilação no campo energético. Assim, o aparelho psíquico necessita construir mecanismos que garantam a manutenção de uma homeostase, que é desestabilizada pela invasão de estímulos inicialmente percebidos como externos, e que gradativamente vão sendo, na obra freudiana, assim como no amadurecimento do aparelho psíquico, percebidos como internos. Ao final desse primeiro momento, Freud nos alerta que toda elevação de energia é tomada como desconforto, mesmo elevações que, inicialmente, poderiam ser consideradas prazerosas.

Diante de uma elevação de quantidade — que Garcia-Roza (1991/2017) destacará como também nomeada por Freud de intensidade —, o Eu, descrente de sua capacidade de controlar essa inundação pela atividade de pensamento, parece lançar mão de caminhos constituídos primitivamente, conforme descrevemos, como uma maneira rápida de escoamento. Importante percepção tratada por Freud foi a de que haveria uma menor capacidade do Eu de se defender da invasão (inundação) de estímulos internos ao Eu. Assim, os estímulos externos contam com uma tela protetora formada pelos órgãos do sentido e as funções perceptuais, enquanto os internos possuem um acesso direto à estrutura egoica.

Novamente, encontramos eco dessa teorização nos textos finais dessa época, em que Freud nota que a atividade de pensamento pode causar uma inundação energética que demanda do aparelho psíquico uma organização defensiva para poupar o Eu de suas incoerências (Freud, 1899/1996). Dessa forma, Freud indica que as questões relativas às defesas, concentram-se em torno do Eu e sua capacidade de promover escolhas.

Contando com a orientação de Freud acerca da gênese do Eu, que culmina em sua concepção de um Eu que atua escolhendo caminhos para seguir, pareceu-nos fundamental destacar a escolha que o Eu realiza, a partir da desconfiança em sua própria capacidade de solucionar o conflito percebido. Essa concepção parece indispensável para localizar as coordenadas do posicionamento das defesas na teoria freudiana e o estabelecimento do que se

trataria, a partir desse momento, como as psiconeuroses de defesa. Em nossa perspectiva, essa noção sustentada por Freud nos auxilia na descrição dos mecanismos de defesas relacionados às diferentes patologias descritas em seus artigos destinados a elucidar essas psiconeuroses.

Interessa observar que nos artigos voltados para o estudo dessas patologias, Freud (1894/1996, 1896/1996) insere a ideia de que o traço característico das neuroses de defesa se apresenta em uma categoria de pacientes que, embora não houvessem manifestado sinais de problemas em sua saúde mental até o momento em que necessitam buscar auxílio, relatam, de diferentes maneiras, que “*houve uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa* [grifo do autor]” (1894/1996, p. 55). O que Freud estava propondo era que um determinado tipo de paciente optou por esquecer essa ocorrência conflitiva, utilizando-se dos mecanismos de que dispunha para eliminar o tipo de afeto, demasiadamente aflitivo, gerado pela incompatibilidade. Essa escolha pelo esquecimento repousa em uma desconfiança do próprio Eu desses indivíduos acerca de sua capacidade de solucionar “a contradição entre a representação incompatível e seu eu por intermédio da atividade de pensamento” (ibid.).

Nessa perspectiva, o esquecimento consistia em um movimento voltado a defender o Eu de algo que o próprio Eu não tem certeza de conseguir integrar. No entanto, o mesmo mecanismo utilizado como defensivo, acaba por produzir, em seus desdobramentos, as patologias por ele denominadas como “psiconeuroses de defesa”¹⁴. Nelas, Freud destaca que os mecanismos irão operar no sentido de realizar a retirada de investimento nas representações conflitivas. Após a retirada do investimento, a quota de energia restante (afeto) pode ser desviada por diferentes mecanismos, tais como:

- a) via conversão, mecanismo através do qual esse afeto é redirecionado para o corpo do indivíduo acometido, resultando em um investimento na esfera física, ilustrado por Freud através de casos clínicos clássicos, nos quais seus pacientes mostram sintomas como paralisias, alucinações olfativas, dores musculares, entre outros. Um ponto relevante acerca das conversões, mecanismo de defesa das histerias, segundo Freud, é que elas podem operar no campo fisiológico, mas ainda assim de uma perspectiva simbólica. Assim são as dores nas pernas experimentadas pela Srta. Elisabeth Von R, que surgem no corpo por uma compleição física particular, e são reforçadas pelos efeitos afetivos das vivências da paciente (Freud, 1894/1996);

¹⁴ Diante da impossibilidade do aparelho psíquico de descartar integralmente os afetos, senão por processos dissociativos descritos como alienantes, embora caracterizando o sucesso do processo defensivo, conforme tabela descrita por Freud em seu rascunho “K” (1895-1896/1996).

- b) via deslocamento. Através desse mecanismo, existe uma retirada de afeto da representação originária, que se ligará a outras representações, cuja ocorrência se referencia à originária, porém sem causar a percepção de conflito desconfortável ao Eu. Assim se dá o mecanismo de defesa habitual nas obsessões e fobias. Esse mecanismo depende de grande dispêndio energético, uma vez que exige do indivíduo uma constante manutenção de atos ou pensamentos a fim de manter os afetos religados em representações distintas da originária. Um excelente exemplo de deslocamento é o movimento realizado por Miss Lucy de direcionar sua atenção e afeto aos cheiros (o que também leva em conta uma complacência orgânica prévia), e não aos demais eventos que ocorreram nos momentos em que estes cheiros foram percebidos (Freud, 1894/1996);
- c) via projeção. Um mecanismo mais potente que o deslocamento, e que leva o indivíduo a lançar ao mundo externo seus pensamentos inconciliáveis, percebendo a angústia oriunda destes como um sofrimento externo, persecutório, levada a cabo por um outro, como no caso das alucinações que tanto atormentavam a Sra P., em que ela era alvo de comentários de seus vizinhos, quando em análise surge o esclarecimento que esses comentários eram alucinações auditivas de pensamentos, tidos por ela como inapropriados (Freud, 1896/1996).

Aqui Freud começa a delinear uma diferença entre modalidades de defesas, na medida em que o autor define que o Eu se aproveitará dessas memórias estabelecidas pelas defesas primárias como norte para sua organização ao longo da vida. Se essa organização será avaliada, pelo indivíduo que constitui essas defesas, como funcional ou não, Freud nos alerta, será a medida a partir da qual a psicanálise inicialmente pensará em processos patológicos. (Freud, 1898).

Ao passo que as patologias se constituiriam a partir da exacerbação dos mecanismos defensivos, de forma que o Eu necessite, cada vez mais, mobilizar suas estratégias protetivas, tendo como objeto, muitas vezes, o afeto originário dos primeiros movimentos defensivos.

Freud nos apresenta, em sua obra conjunta com Breuer, “Estudos sobre a Histeria” (1893-1895/1996), uma sequência de casos clínicos, além de vinhetas e da elaboração teórica de suas concepções na época que, em conjunto com a leitura de seus textos acerca das psiconeuroses de defesa (1894/1996, 1896/1996) tornam possível depreendermos que, nesse primeiro momento de sua obra, a defesa que observamos nos pacientes atendidos por Freud

mostravam as tintas de uma patologia, em decorrência de uma maneira pouco eficiente de desvencilhar-se de um afeto intolerável. Dessa percepção, o autor destacou que a compreensão dessas defesas como patológicas deve ser sinalizada pelo paciente, que percebe uma angústia, um desconforto ou uma aflição. Para essas manifestações, o processo de análise mostrou ser efetivo ao permitir religar esse afeto à sua origem. Refazendo em conjunto com seus pacientes o caminho do afeto, retroativamente, Freud apresentou o objetivo de reintegrar a lógica que o Eu não se sente capaz de reparar, senão pela atividade compartilhada de fala e o auxílio de um outro, externo, no processo de pensamento.

Com a condução das pesquisas que realizou em sua atividade clínica, Freud logo infere que a sexualidade constituía o tema central das experiências que ameaçam a organização egóica, conforme apontado acima. Retomamos esse ponto ao concluir, com base na construção freudiana até essa data, que enquanto o histérico utiliza o próprio corpo como campo de denúncia contra os males sofridos, se defendendo de novos ataques com os sintomas de conversão que apresenta, o neurótico obsessivo mostra a autoacusação como sintoma característico que busca rechaçar a concepção de ter participado de um ato que julga reprovável. Ambos os movimentos explicitam atos defensivos contra faltas ou conflitos de ordem moral identificadas pelo Eu que se defende.

De uma forma bastante interessante, ainda nesse período de elaboração teórica, Freud nos apresenta um deslizamento da ideia de que as defesas são erigidas a partir de ameaças reais — de que em algum momento foram vivenciadas por um indivíduo seduzido por um terceiro, ou agindo como o sedutor — para a ideia de que, talvez, as recordações relatadas por seus pacientes se referissem a construções mentais efetuadas ao longo de suas vidas e não a memórias fidedignas de experiências concretas vivenciadas em suas infâncias. Dessa forma, o autor produz um abalo em sua teoria da sedução e abre espaço para a introdução da importância das fantasias, entendidas como construções, na constituição psíquica.

Esse deslizamento conduz Freud da proposição de um edifício teórico sobre as psicopatologias para a elaboração de uma teoria geral a respeito da construção da subjetividade. Assim, a noção de defesa na obra freudiana vai se tornando cada vez mais complexa e fundamental, abrindo espaço para a confirmação da presença de mecanismos de defesa como atividades constitutivas.

Com essa percepção em mente, seguiremos nossa pesquisa nos textos que se referem à primeira descrição tópica do aparelho psíquico, visualizando a importância das defesas

primárias e as escolhas realizadas pelas estruturas vislumbradas por Freud na constituição de um Eu compatível com a existência.

Passaremos, portanto, para a análise dos textos da primeira tópica freudiana, inaugurada pelo volume de “A Interpretação dos Sonhos” (1900/1996), dando continuidade à nossa pesquisa. Assim, a questão inaugurada neste primeiro capítulo permeia como será descrita por Freud a relação entre fantasia, sexualidade e defesa na primeira tópica.

2 AS DEFESAS NA PRIMEIRA TÓPICA: DO ENCONTRO CLÍNICO COM AS DEFESAS PARA O ENCONTRO DAS DEFESAS COMO PARTE DA CONSTITUIÇÃO DO EU

O primeiro capítulo desta pesquisa encerra com a conclusão de que Freud aponta, no curso do desenvolvimento de sua teoria sobre as defesas, para o fato de que estas possuem um papel no desenvolvimento do Eu, bem como este tem posição ativa na escolha dos momentos nos quais se erguem defesas para sua conservação.

A presente pesquisa segue a proposta freudiana inaugurada em 1900, de divisão tópica do aparelho psíquico. Desse modo, a primeira tópica é o foco deste segundo capítulo. Mais especificamente, o capítulo centra-se no texto “O Recalque”, de 1915, no qual Freud apresenta um texto metapsicológico no qual enfoca os resultados de seus anos de pesquisa acerca de achados clínicos e pesquisas teóricas, sempre relacionados a um tipo específico de defesa: o recalque, que o autor nomeará como de grande importância para o trabalho analítico.

A escolha dessa sequência segue a proposta de buscarmos os principais textos sobre a temática das defesas em cada momento da obra freudiana. Com essa proposta em mente, e tomando por base a afirmativa clássica de Freud, proferida em sua fala intitulada “A história do movimento psicanalítico” (1914a/1996), segundo a qual “A teoria da repressão [recalque] é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (Freud, 1914a/1996, p. 26), voltamo-nos para esse artigo. Também é digno de nota o fato de que, ao relatar a história do movimento psicanalítico até então, Freud (1914a/1996) destaca ter chamado de defesa, em um primeiro momento, o que nesta fase posterior irá renomear de recalque.

Iniciamos nossa pesquisa com esse artigo, para depois recorrer aos demais textos indicados pelo próprio autor, e, também, por seu editor inglês, como de grande importância para a compreensão da temática das defesas na primeira tópica.

Desdobrando-se sobre o tema, o capítulo segue, de posse das informações teóricas cernidas do subcapítulo sobre o recalque, para a compreensão de como esse conceito foi elaborado neste ponto da obra.

Para isso, retornamos à “Interpretação dos Sonhos” (1900/1996), onde surge a concepção primária de Freud acerca do aparelho psíquico e analisamos seus apontamentos quanto às relações entre sonhos e desejos, discernindo como a percepção dessa relação será importante para o desenvolvimento da teoria sobre as defesas. É interessante notar que, para Freud, o desejo se trata de uma memória, que remonta a um passado no qual era possível ao

organismo experimentar um tipo de satisfação plena, um passado anterior até mesmo à presença de um Eu com contornos definidos.

Ao final do primeiro tempo de nossa pesquisa, chegamos a uma memória descrita por Freud (1898/1996), a partir da qual o autor discute as fantasias em relação com o processo defensivo, caminho este que será investigado, também, na primeira tópica.

Para o autor, a presença de um conflito segue como fator principal para a formação de uma compreensão defensiva de alguns movimentos do Eu, mas aparentemente esse conflito se desloca, de modo que, nesse estágio do pensamento freudiano, é compreendido como um conflito entre dois sistemas internalizados do aparelho psíquico (Freud, 1900/1996, 1911/1996).

Mais um ponto de grande valor para a investigação científica é a gradativa aproximação de Freud de uma pesquisa que não trata apenas da constituição interna do sujeito, mas da indissociabilidade entre a sua existência e a de seu núcleo familiar, assim como da sociedade. Para isso, o autor irá aprofundar seus estudos, também, sobre a função dos conceitos morais, representados nas lendas e mitos que constituirão o ambiente externo desse indivíduo (Freud, 1911/1996, 1914[1913-14]/1996).

2.1 O RECALQUE

Para dar continuidade às pesquisas acerca da contribuição das defesas para a constituição do Eu, foi realizada uma pesquisa que busca compreender como Freud concebe as defesas sob a ótica da primeira tópica. Assim, o texto “A Repressão [O Recalque¹⁵]”, de 1915, é fundamental para guiar a investigação sobre essa concepção. Nesse artigo, Freud organiza seus achados clínicos, produzindo um material teórico concernente às defesas, a partir do qual irá nos apresentar o recalque como uma das vicissitudes que o instinto pode sofrer.

O autor apresenta esse movimento defensivo como alternativo à fuga que busca se afastar de um estímulo desagradável do ambiente, atuando na presença de estímulos internos ao organismo. Uma vez que, diante de um estímulo contínuo e interno, a resposta biológica de fuga não é possível, Freud esclarece que “para o instinto, a fuga não tem qualquer valia, pois o ego [Eu] não pode escapar de si próprio” (Freud, 1915/1996, p. 151). Nesse cenário, o autor irá posicionar o recalque como algo “. . . entre a fuga e a condenação” (Ibidem).

¹⁵ Conforme Introdução.

O fato de haver alguma forma de estímulo interno, instintual, cuja satisfação provoca desprazer, pode, inicialmente, causar estranheza, o que é logo esclarecido com a retomada da questão do conflito. Esse conflito deve, portanto, fazer parte de alguma especialização do aparelho psíquico, para o qual Freud considera que “Teríamos de supor a existência de certas circunstâncias peculiares, alguma espécie de processo através do qual o prazer da satisfação se transforma em desprazer” (Ibidem).

2.1.1 O que o recalque defende

Ao apresentar o recalque, Freud postula uma ambivalência na qual a fruição da satisfação de um instinto irá ocasionar desprazer em outro nível do aparelho psíquico. Assim, essa concorrência gera o cenário favorável a um recalque, garantindo que uma atividade motora, voltada para o externo, prevaleça sobre a fruição de um instinto autoerótico (Freud, 1900/1996, 1915/1996).

Essa vitória do aparelho motor parece confluir com o que Freud nos apresentou em seu “Projeto para uma Psicologia Científica” (1950[1895]/1996), ao delinear o conceito de arco reflexo, e em sua grande obra “A Interpretação dos Sonhos” (1900/1996), na qual ressalta como finalidade primordial do aparelho psíquico a ação motora, entendimento que irá desembocar, 11 anos depois, no que será exposto em “Dois Princípios do Acontecer Psíquico” (1911/1996) como uma ação modificadora do mundo.

O recalque parece, portanto, garantir a ação do indivíduo em direção à sua sobrevivência, necessitando da existência de um Eu integrado para ser efetuado, sendo, possivelmente, o segundo tempo de constituição de um Eu cuja formação foi inaugurada por defesas anteriores ao recalque (Freud, 1915/1996).

Freud observa que a essência do recalque é reconhecer o desconforto, o conflito, e mantê-lo afastado da consciência, o que reforça a conclusão de que o recalque demanda a existência de um aparelho psíquico previamente estabelecido, chamando a atenção para o fato de que:

Esse conceito de repressão [recalque] ficaria mais completo se supuséssemos que, antes da organização mental alcançar essa fase, a tarefa de rechaçar os impulsos instintuais cabia a outras vicissitudes, às quais os instintos podem estar sujeitos – por exemplo, a reversão no oposto ou o retorno em direção ao próprio eu (self) do sujeito. (Freud, 1915/1996, p. 152)

Também será nesse artigo que Freud nos orientará a respeito do mecanismo por meio do qual se ergue o recalque, deixando evidente tratar-se de um processo que conta com um recalque originário, anterior ao estabelecimento de um recalque propriamente dito, esperando-se, por fim, um potencial retorno desse recalcado, como parte de um processo dinâmico (Freud, 1915/1996).

O recalque original, primeiro reconhecimento do conteúdo conflitivo, consiste em “. . . negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão permanece inalterado, e o instinto permanece ligado a ele” (Freud, 1915/1996, p. 153). Essa fixação parece manter o conteúdo recalcado conservado, pronto para se lançar à consciência com o frescor de uma situação recém-vivenciada, na condição de um conteúdo latente.

Ao se constatar o recalque propriamente dito, é possível perceber como este afeta não somente o instinto e seu representante inicialmente recalcados, mas toda a cadeia de derivados mentais que possuem algum tipo de correlação com a cadeia originalmente recalcada. Assim, erigimos um farol, que irá sistematicamente marcar todos os pensamentos de uma cadeia como indesejados, mas simultaneamente irá deixá-los em destaque, em decorrência dessa marca. A eficácia do processo de recalque, segundo Freud, se dá na medida em que ambos os movimentos, o recalque original e este, posterior, operam em harmonia na marcação e sistemática retirada de elementos da atenção do aparelho psíquico (Freud, 1915/1996).

Sobre isso, Freud ressalta que “Provavelmente, a tendência no sentido da repressão [do recalque] falharia em seu propósito, caso essas duas forças não cooperassem, caso não existisse algo previamente reprimido pronto para receber aquilo que é repellido pelo consciente.” (Ibid., p. 153). Essa ideia retoma o processo de defesa como necessariamente vinculado aos sistemas mnêmicos, e a retenção desses conteúdos primitivamente recalcados parece ter valor fundamental para o aparelho psíquico.

O autor afirma ainda que o recalque não elimina o representante instintual no inconsciente, tampouco o inibe de realizar ligações e manter-se ativo. O que ocorre é, somente, a expulsão deste do consciente. Dessa forma, distorções e elos intermediários podem favorecer o retorno do que foi recalcado, processo este utilizado por Freud como condutor da análise, permitindo que, com a livre associação, o pensamento condutor de todas as distorções se torne evidente, até “ser levado de encontro a um pensamento, cuja relação com o reprimido fique tão óbvia, que o force a repetir sua tentativa de repressão” (Freud, 1915/1996, p. 154). Nesse cenário, o retorno do recalcado assume importância técnica para a realização da psicanálise.

Esse processo de recalçamento ocorre, portanto, de maneira extremamente individualizada, o que traz consigo várias formas diferentes de determiná-lo. Trata-se de distorções em diferentes etapas do pensamento, cisão do representante instintual, garantindo que o recalque atue somente sobre partes desse pensamento, conduzindo à idealização da parcela não recalçada; modificações na condição de produção de prazer e desprazer, possibilitando a inversão dessa condição; além de remoções temporárias do recalque, que se restabelecem a seguir. Partindo desse compilado de movimentos observados na obra de Freud, somos conduzidos pelo autor a constatar que o recalque, além de individual, é extremamente móbil, e demanda do aparelho psíquico a conservação de níveis de energia que viabilizem sua manutenção (Freud, 1915/1996).

2.1.2 Fator Quantitativo

Essa constante manutenção energética também decorre do fato, já apontado por Freud, de que as pressões instintuais contra as quais se ergue o recalque conduzem a uma pressão constante, em direção ao consciente, e por conseguinte, à descarga energética que poria fim à sua pressão.

“O fator quantitativo torna-se decisivo para esse conflito . . . tão logo a idéia basicamente detestável ultrapassa certo grau de força, o conflito se torna real, e é precisamente essa ativação que leva à repressão [recalque]” (Freud, 1915/1996, p. 156). A cota de afeto produzida por determinadas ideias ou fatos que se relacionam aos instintos também deve ser levada em conta, sendo esse o grau de força que pode, ou não, levar certos pensamentos a serem recalcados.

Esse fator quantitativo, além de determinar o que será recalcado, pode, também, participar da determinação dos possíveis destinos desse recalque. Assim, se o recalcado será um instinto totalmente suprimido, um afeto qualitativamente distorcido, ou se se tratará de uma transformação em angústia¹⁶, isso também será determinado de acordo com a intensidade do afeto produzido, em consonância com a intensidade da defesa erigida para contrapô-lo.

Uma questão fundamental para a psicanálise é a manutenção do afeto como alicerce das investigações, seja das atividades oníricas, que serão apresentadas a seguir, seja dos sintomas neuróticos (Freud, 1900/1996; 1915/1996). Nesse artigo, Freud irá concluir que o afeto é mais

¹⁶ Com o avanço de suas investigações, Freud irá rever a concepção da angústia como produto do recalque, reposicionando a mesma em sua concepção do aparelho psíquico. Na segunda tópica o autor irá propor que, ao contrário, é a angústia que coloca o recalque em ação, o que será investigado no capítulo seguinte.

importante na estrutura psíquica do que a ideia, sendo, portanto, menos móvel ou sujeito a distorções. Com isso, o autor demonstra que a eficácia com que se dá destino à cota de afeto irá também determinar a eficiência do recalque.

Ao apresentar seu famoso caso clínico, o “Homem dos Ratos” (1909/1996), Freud irá apresentar a extensa análise realizada com um paciente que, à época, diagnosticou como neurótico obsessivo, a partir da qual é possível observar as ambivalências instintuais e a maneira aparentemente incoerente com que se manifestavam os afetos do paciente. Sobre estes últimos, o autor ressalta a importância de considerar a veracidade dos afetos, ao destacar que, em um processo de análise, mesmo ao se deparar com os afetos em um contexto incomum: “O afeto se justifica. O sentimento de culpa não está, em si, aberto a novas críticas. Mas pertence a algum outro contexto, o qual é desconhecido (*inconsciente*) e que exige ser buscado” (Freud, 1909/1996, p. 157).

Para favorecer essa busca, e entender em qual parte do sistema, em qual medida, e como se operou o recalque em cada situação, é importante conhecermos por meio de quais mecanismos pode ocorrer o recalque.

No artigo em questão, Freud (1915/1996) detalha 3 mecanismos, sendo eles:

- a) o mecanismo de recalque que irá atuar de maneira divergente do mecanismo de formação de substitutos. A neurose obsessiva surge como principal representante desse mecanismo, uma vez que substituto e sintoma não coincidem. Com isso, surgem também formações de reação que parecem deslocar o afeto para o oposto, inaugurando, assim, uma percepção de ambivalência. Quando há o retorno do recalcado, este surge na forma de ansiedade social, moral, de autocensura ilimitada, com a formação de substitutos por deslocamento. Nota-se também a presença do mecanismo de fuga por evitação e proibições.
- b) múltiplos mecanismos de recalque podem operar diretamente na formação de substitutos. Com isso, temos, por exemplo, a histeria de ansiedade¹⁷, na qual ocorre um deslocamento de energia cuja parcela quantitativa não desaparece, mas é transformada em ansiedade. Silenciosamente, o trabalho da neurose não cessa, (Freud, 1915/1996) prossegue até uma segunda fase, na qual se promove a formação de uma fobia propriamente dita, com tentativa de fuga, criação de rituais que

¹⁷ Conforme nota de rodapé nº 8.

favoreçam evitações, tanto do componente fóbico, quanto dos elementos que se vinculem a ele em um sistema de associações.

- c) múltiplos mecanismos de recalque, que possuem em comum a retirada de investimento de algum quantum energético no processo de recalçamento. Nas histerias de conversão, por exemplo, deparamo-nos com o desaparecimento total da quota de afeto: a bela indiferença das histéricas (Freud, 1893/1996, 1915/1996); nesses casos, as sensações aflitivas conectam-se aos próprios sintomas. Freud destaca o franco uso do mecanismo de condensação, uma vez que a repressão na histeria de conversão só se torna possível com a criação de uma vasta quantidade de substitutos (Freud, 1915/1996).

É possível encontrar, no estudo de caso “O Homem dos Ratos” (1909/1996), um resumo que corrobora a importante função que os mecanismos de recalque irão desempenhar na escolha das neuroses. Para Freud (1909/1996), o recalque irá atuar, na neurose obsessiva, por meio da destituição do investimento afetivo do trauma, sendo o conteúdo ideativo deste último mantido na consciência como algo sem importância, sem valor. Freud destaca que, para o neurótico obsessivo, quando se revela a razão de seu recalque, é comum que o paciente rebata afirmando que sempre soube disso que motivou o recalque (Freud, 1909/1996).

Em outra forma de atuação, na histeria, o recalque atua relegando as causas precipitadoras do trauma à amnésia, que, quando não é completa, destrói aspectos da memória. Assim, o paciente histérico tende a afirmar o esquecimento precoce das situações disparadoras de sua neurose (Freud, 1909/1996).

Essa característica mnêmica que é destacada por Freud como fim, mas também como principal fonte de acesso às informações recalçadas pelo indivíduo nos aponta para a importância desse registro, que o autor irá reforçar ao afirmar que aquilo que é recalçado torna-se indestrutível, e permanentemente disponível a retornar ao consciente (Freud, 1909/1996, 1915/1996).

Outro ponto fundamental a ser explorado, a partir desse texto, é o contexto especial, destacado por Freud, como capaz de transformar uma experiência prazerosa em uma percepção de desprazer, e o que essa transformação, bem como o conflito ao qual ela dará origem, traz de importante para a constituição do Eu e a manutenção de sua existência (Freud, 1915/1996).

Essas duas características foram destacadas por Freud ao longo de toda a primeira tópica, sendo que suas investigações foram inauguradas junto à postulação dessa concepção

tópica do aparelho psíquico e a investigação acerca da base constitutiva das manifestações do inconsciente que Freud identifica.

2.2 DO SONHO AO DESEJO

Nos quase 10 primeiros anos de pesquisa psicanalítica relatados por Freud (1892–1900), o autor reúne dados para elaborar uma teoria a respeito da constituição de um aparelho psíquico comum a todos os indivíduos. Sua fonte para essa teorização foram os inúmeros sonhos por ele analisados, além de uma vasta revisão bibliográfica acerca de sonhos e como estes eram concebidos na sociedade científica, e no conhecimento popular (Freud, 1900/1996).

Freud (1900/1996) ensina a conferir peso e seriedade ao que foi considerado por outros pesquisadores credence popular e conduz sua pesquisa com base na concepção de que os sonhos são produzidos por um aparelho complexo e que, embora não sejam produzidos com o intuito de serem desvendados, esses sonhos podem, diante de um olhar observador e analítico, ser utilizados como cifras para o entendimento do aparelho psíquico inconsciente.

Seguimos, portanto, a trilha de construções indicada por Freud para a continuidade de nossa pesquisa. Tomam-se as construções oníricas, conforme orientado pelo autor, como base para a construção de cifras que irão auxiliar na concepção de uma teoria ampla, que trata de como os processos defensivos participam da construção do aparelho psíquico e, mais propriamente, como esses processos participam ativamente da constituição de um Eu, e não apenas com base em sua constituição individual, mas levando-se em conta também o ambiente no qual se insere (Freud, 1900/1996, 1915/1996).

Na “Interpretação dos Sonhos”, texto de 1900, no qual Freud nos apresenta a sua primeira definição tópica do aparelho psíquico, é apresentada a importância do sonho na manutenção da homeostase no aparelho psíquico. Ao tratar dessa importância, Freud reforça sua concepção de que o objetivo primordial do aparelho psíquico é a descarga energética (Freud, 1900/1996).

Além disso, o autor chama a atenção para a necessidade percebida por esse organismo, em decorrência de uma mudança de status deste em seu ambiente, como a percepção de escassez de alimento, ou de mudanças climáticas: de defender-se de afetos que, primitivamente, poderiam promover com facilidade descargas energéticas.

Suas investigações iniciais sugerem que é justamente onde as defesas falham em ocultar os sentimentos de angústia, ou os pensamentos desagradáveis, que nos deparamos com os mecanismos dessas defesas, seja na forma de sintomas, no caso das doenças neuróticas, seja nas manifestações cotidianas (sonhos, chistes, atos falhos) para as quais o autor direciona sua teorização nos primeiros anos dessa primeira tópica.

A estrutura do aparelho psíquico é condicionada por um aparato perceptual que não realiza nenhum tipo de retenção de informação, nem de seleção de conteúdo. Trata-se, segundo a explicação do autor, de uma lente translúcida, pela qual o estímulo apenas passa. Avançando no aparelho psíquico, existem as formações mnêmicas, retidas de acordo com sua importância para a manutenção da existência do organismo. Essas memórias são mantidas em um sistema de armazenamento inconsciente, e vão se sobrepondo, segundo o autor, também levando-se em consideração os diferentes graus de resistência com os quais elas se deparam.

Uma vez que essa ordem de retenção se configura de acordo com o grau de resistência que as percepções enfrentam para se tornarem registros mnêmicos, é possível concluir que, inversamente, a seleção do que se torna um registro mnêmico se dá pela elevação energética percebida pelo organismo, o que remonta aos caminhos facilitados que Freud apresenta em seu projeto, trilhas cauterizadas por uma carga energética desmedida que demandará do organismo igual dispêndio energético para poupá-lo de lidar repetidamente com o afeto experimentado por essa descarga de energia (Freud, 1950[1895] /1996).

Quando ocorre algum evento desencadeador, um gesto, uma situação que se remeta a algo armazenado em nosso inconsciente, esse elemento previamente armazenado torna-se disponível para o pré-consciente, onde será, novamente, submetido à análise das resistências antes de ser apresentado ao consciente. A partir da perspectiva do Eu, tanto a forma de armazenamento mnêmico, quanto a análise de resistências e a própria censura podem ser tomadas como processos de defesa.

O aparelho apresentado dessa forma por Freud (1900/1996) nos dá a dimensão complexa do caminho que os afetos realizam, uma vez que estes são os valores retidos em nosso sistema. Trata-se de um aparelho que possui uma dimensão tríplice, onde tópica, temporalidade e forma possuem fundamental importância para se compreender o que é absorvido do meio, e, apenas a partir disso, o que se seleciona defender, e quais os recursos de que o aparelho dispõe para realizar essa defesa.

A suposição de que defesas diferentes irão atuar em tempos mais primitivos também pode ser reforçada pela concepção de que o que é mais primitivo na forma, ou seja, nos métodos de expressão e representação, é aquilo que foi apreendido em um tempo primevo pelo sistema perceptual e, por conseguinte, localiza-se mais próximo da extremidade perceptiva do aparelho, mais próximo do sensorial (Freud, 1900/1996).

Essa percepção, em conjunto com a abordagem freudiana de considerar os sonhos como condição regressiva, ao afirmar que “O sonhar é, em seu conjunto, um exemplo de regressão à condição mais primitiva do sonhador, uma revivescência da infância” (Freud, 1900/1996, p. 578) nos orienta a buscar as defesas primitivas nos componentes oníricos, analisando sua atuação na constituição do Eu, em consonância com as análises de sonhos apresentadas pelo autor.

Assim, o sonho atuaria como uma das ferramentas desenvolvidas pelo aparelho psíquico para favorecer a manutenção do equilíbrio energético do organismo. À medida que o autor avança, avança também a noção de que outras dessas ferramentas já foram apresentadas na teoria psicanalítica, como os sintomas neuróticos e as produções artísticas (Freud, 1900/1996).

Posicionando o sonhar ao lado da formação de sintomas — formas de defesa que Freud vem tratar neste ponto de sua obra como formações de compromisso entre os desejos e as censuras e resistências —, o autor começa a delinear sua percepção de que essas construções oníricas também servem às defesas na manutenção do equilíbrio psíquico, sendo, portanto, úteis à pesquisa acerca das defesas. Nas palavras do autor: “Temos que concluir que, no decorrer da noite, a resistência perde parte do seu poder, embora saibamos que não o perde inteiramente, uma vez que já mostramos o papel que desempenha na formação dos sonhos como agente deformador” (Freud, 1900/1996, p. 557).

2.2.1 A tarja vermelha

Uma vez que o sonhar traduz uma redução de um tipo específico de defesa, a censura endopsíquica, o que essa censura representa para o aparelho psíquico?

Freud (1900/1996) irá comparar o processo de censura com o que ocorre, em governos totalitários, quanto à veiculação de informações. Assim, a censura trata de encobrir, extirpar, recortar ou apagar conteúdos, sem, contudo, preocupar-se com dissimular a existência do material censurado. Por meio desse movimento, surgem os conteúdos entrecortados, que

causam estranheza e a sensação de irrealidade tão comuns ao material onírico. Segundo o autor, o aparelho psíquico, uma vez precavido pelas censuras aos afetos que devem ser evitados, irá desenvolver recursos para atenuar e distorcer-lhes a expressão, quando despertados por resíduos de pensamentos diurnos, situações e outras razões disparadoras que Freud passa a delinear em sua obra.

Assim, podemos considerar que a censura tem uma atuação ambivalente, pois serve de alerta para o aparelho psíquico de que algo deve ser encoberto, mas ao mesmo tempo, funciona como um farol, que indicará o caminho para encontrar aquilo de que se defende em meio às neblinas criadas.

Freud afirma, no decorrer de sua interpretação dos sonhos, que estes não são produzidos pelo aparelho psíquico com o intuito de serem traduzidos ou decompostos, função esta desenvolvida pela psicanálise. Esse processo de tradução surge como uma técnica que visa, em última instância, seguir o caminho das associações que dão origem aos sonhos, bem como a sintomas, com o intuito de reposicionar afetos e ideias que, ao serem destacados de seu local de origem, por um processo defensivo que não tenha sido plenamente bem-sucedido, seguem causando algum tipo de desconforto para o indivíduo.

Aquilo que chamamos de defesa revela-se nos pontos em que essa defesa se evidencia. Sua visibilidade decorre justamente das falhas em seus processos, que deixam sinais capazes de gerar desconforto para o indivíduo.

O sonhar passa a ser considerado, desse ponto de vista, como material para a análise, uma cifra a partir da qual o autor passa a desvendar as censuras e defesas localizadas nos sistemas que nos apresentará em seguida.

É através dos fenômenos de deslocamento e condensação, além de outras distorções, que Freud começa a nos apresentar o trabalho onírico que se desnoda no processo analítico. Algo desses conceitos remete ao que foi discutido anteriormente, na presente pesquisa, acerca do texto “As Neuropsicoses de Defesa”, de Freud (1894/1996), o que evidencia a continuidade da pesquisa e os pontos de intersecção entre o trabalho onírico e a construção sintomática.

No trabalho do sonho, a distorção que origina o deslocamento surgirá como a retirada do valor psíquico da situação que desencadeia a intensidade afetiva. Assim, o motivo disparador do sonho torna-se algo sem expressão, desinteressante ou periférico na construção onírica, que tem o afeto deslocado para outra representação, a qual, por sua vez, possui algum vínculo com

a originária, embora distante o suficiente para poder atravessar os limites do inconsciente para a consciência, respeitando, assim, a censura imposta ao conteúdo.

Freud (1900/1996) tece em sua “Interpretação dos Sonhos” uma importante consideração acerca dos afetos na atividade onírica. Aos moldes de como descreveu, anos antes, o processo de deslocamento na neurose obsessiva (1894/1996; 1896/1996), o autor irá retomar a ideia de um deslocamento de afeto, que transita sem representação, até encontrar outro elemento ao qual se ligar, no mecanismo onírico. Esse desligamento afetivo terá função na retirada do impacto da situação aflitiva, sem, entretanto, reduzir o desconforto gerado pela elevação de quantidade energética no aparelho psíquico. Assim, esse escoamento continua sendo necessário, e, ao atravessar a muralha do sono, dar-se-á pela atividade onírica. Da mesma forma, encontraremos o deslocamento presente nos processos de sobredeterminação, conferindo a um mesmo elemento do sonho uma variedade de significados do pensamento onírico.

É importante notar que essa maneira de se defender não se realiza randomicamente. Os pensamentos aos quais o afeto se religa podem, por intermédio da atividade de pensamento, ser (re)associados a seus pensamentos de origem. Esse processo de distanciamento, sem, porém, perder o fio lógico principal, remete-nos novamente às vias de acesso facilitadas, descritas por Freud em seu “Projeto...” (1895[1950] /1996). Assim, preserva-se algo do caminho do afeto original, e o Eu se defende da condição aflitiva, mas também defende o afeto da total dissociação de seu conteúdo. O deslocamento no sonho pode, também, ser verificado nas antíteses de elementos desproporcionalmente valorizados e com diferentes graus de nitidez, literalmente levando a atenção do sonhador para longe dos conteúdos recalçados. (1895[1950] /1996).

Outra tarefa executada pelo sonho, que possui a característica de ser uma manobra defensiva é a condensação onírica, na qual existe uma conjunção de conteúdos similares, que surgem aglutinados tanto em suas imagens como em expressões verbais, fazendo uso dessa confusão para reduzir a intensidade gerada pelo aparelho psíquico com relação a este conteúdo.

O mecanismo de condensação irá fazer, também, constante uso dos recursos de sobredeterminação, convergindo diferentes elementos afetivos para um ponto, assim como a presença de pontos nodais, a partir dos quais divergem para vários pontos do material onírico elementos de um mesmo quantum afetivo.

A condensação atua, no sonhar, como uma ferramenta que permite a apresentação de uma grande quantidade e diversidade de conteúdos, utilizando de mais de um método de construção para produzi-los.

Pode-se considerar que existe, pelo organismo, alguma estratégia na manutenção da memória a respeito dos afetos experimentados, seja no sentido mais primitivo, apresentado no “Projeto...” (1950[1895] /1996), de ato reflexo, como também de uma fixação em uma resposta que encaminhe para uma fruição, ou, como Freud apontará ainda nesse texto, para a realização de um desejo.

2.2.2 Desejo e conflito

Freud irá dar sequência à sua teorização acerca da interpretação dos sonhos apresentando sua concepção de que os sonhos correspondem, invariavelmente, à realização de desejos infantis, inconscientes e recalcados, ou seja, desejos que foram, invariavelmente, subtraídos pelo que o Eu parece conduzir como processos de defesa (Freud, 1900/1996).

O autor chega a essa fórmula a partir da percepção de que o desejo manifesto pelos adultos, cerceado como é pelas questões civilizatórias e moralizadoras, perde muito de sua potência, não sendo, por si, capaz de motivar uma representação onírica. Conforme o autor “. . . com o controle progressivo exercido sobre nossa vida pulsional [instintual] pela atividade do pensamento, ficamos cada vez mais inclinados a renunciar, por ser inútil, à formação ou retenção de desejos tão intensos quanto os que as crianças conhecem” (Freud, 1900, p. 582).

Assim, já em sua obra de abertura dos estudos na primeira tópica, Freud direciona sua atenção para uma atividade social, moral, que exige que o sujeito suprima questões internas em prol da externalidade.

Freud, na sua teorização sobre os sonhos, detalhará a existência do que nesse momento chama de sistemas diferentes no aparelho psíquico. Esses sistemas podem apresentar percepções diferentes acerca da realização de um desejo, tomando-se como base, nesse caso, a produção dos sonhos. Nessa situação, Freud afirma que desejos capazes de formar sonhos são sempre desejos infantis, carregados energeticamente, que podem, em decorrência do processo de inserção do indivíduo em um sistema cultural, ser considerados inadequados, e, portanto, recalcados por um Eu que já se mostra capaz de realizar esse tipo de julgamento (Freud, 1900/1996).

Ocorre que, com base no pesquisado até o momento, Freud considera que os fenômenos recalçados estão sempre prontos a forçarem sua passagem para a consciência, e, no caso dos sonhos, o fazem a partir da possibilidade de se religarem com restos diurnos, pensamentos ou ocorrências que de alguma maneira permitam o acesso, geralmente distorcido e deslocado à consciência, utilizando-se, para isso, da potência de representatividade concedida aos sonhos por sua característica regressiva.

Dessa maneira, o conteúdo que consegue forçar seu avanço no aparelho psíquico de maneira progressiva é surpreendido pelo desligamento do acesso à porção motora do aparelho, e assume um movimento regressivo, sendo acolhido pelo polo perceptivo do aparelho, em virtude da atração que conteúdos diurnos, de menor importância, tenham exercido sobre esse conteúdo (Freud, 1900/1996).

Ao nos apresentar a sua impressão de que “O mecanismo de formação dos sonhos seria muito esclarecido, em geral, se, em vez de oposição entre ‘consciente’ e ‘inconsciente’, falássemos em oposição entre ‘ego [Eu]’ e ‘recalcado’” (Freud, 1900/1996, p. 587), Freud salienta a percepção de que, com frequência, o que é recalçado se antagoniza àquilo que é concebido pelo Eu como correto. Assim, é possível supor que houve um momento anterior a esse julgamento, e que persiste, no indivíduo, algum sistema, ou estrutura, que permite considerar a satisfação desse desejo como algo viável¹⁸.

Freud irá apresentar a questão do desejo a partir da percepção de que houve, em um primeiro momento, um princípio de constância a partir do qual o autor retoma a ideia de que a intenção original do organismo é a manutenção de uma carga tão baixa de estímulos quanto possível. Nesse cenário, o desejo originário surge como memória de uma total descarga, que leva à satisfação originária, compreendida por Freud (1900/1996) como necessidade de retorno:

O bebê faminto grita ou dá pontapés, inerte. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação proveniente de uma necessidade interna não se deve a uma força contínua que produza um impacto *momentâneo* [grifo do autor], mas a uma força que está continuamente em ação. Só pode haver mudança quando, de uma maneira ou de outra (no caso do bebê, através do auxílio externo), chega-se a uma “vivência de satisfação” que põe fim ao estímulo interno. (p. 594)

À memória produzida por essa vivência de satisfação, Freud (1900/1996) dará o nome de desejo, cuja meta passa a ser retornar a esse contexto de satisfação primordial. Assim, após

¹⁸ Adiante será explorada a compreensão de que essa concorrência entre instintos, além de retratar o amadurecimento do aparelho psíquico, serve de base para a capacitação do indivíduo para sua inserção em um sistema social.

uma primeira experiência de saciedade, a cada nova percepção de fome, por exemplo, será reinaugurado o desejo de total satisfação dessa necessidade, tal qual foi possível em um momento anterior. Freud nos aponta para um período primitivo, no qual ele supõe ter havido uma satisfação do desejo de maneira alucinatória, “uma repetição da percepção vinculada à necessidade” (p. 595).

Com essa pré-história definida, o autor chega à conclusão de que a atividade de pensamento possui como função substituir o desejo alucinatório, indicando onde o amadurecimento do aparelho psíquico, a formação do Eu e a necessidade de defender-se das ameaças de desintegração (externas e internas) convergem, tornando o organismo apto a sobreviver e a buscar soluções em seu redor para a satisfação, se não plena, ao menos parcial das necessidades que passa a reconhecer (Freud, 1900/1996, 1911/1996, 1915/1996).

Com o avanço da teoria, Freud (1911/1996) irá trazer informações coletadas em mais de dez anos de clínica, entre “A Interpretação dos Sonhos”, de 1900, e “Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental” (doravante referido apenas como: “Formulações...”), de 1911. Nesse importante trabalho, o autor nos apresentará aos princípios de prazer e de realidade, e à importância da consideração desses princípios na compreensão do que se trata da fruição de um prazer, da realização de um desejo, e dos conflitos inaugurados pela complexização evolutiva do aparelho psíquico. Freud (1911/1996) irá trazer informações coletadas em mais de dez anos de clínica, entre “A Interpretação dos Sonhos”, de 1900, e “Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental” (doravante referido apenas como: Formulações...), de 1911. Nesse importante trabalho, o autor nos apresentará aos princípios de prazer e de realidade, e à importância da consideração desses princípios na compreensão do que se trata da fruição de um prazer, da realização de um desejo, e dos conflitos inaugurados pela complexização evolutiva do aparelho psíquico.

Em “Formulações...” (1911/1996), Freud demonstra ser a doença neurótica endereçada ao desejo de alienação do indivíduo, mantendo o mesmo longe da realidade, permanecendo, assim, de alguma forma sob a égide do princípio de prazer. Para o autor:

. . . na verdade, todo neurótico faz o mesmo [fuga] com algum fragmento da realidade. E defrontamo-nos agora com a tarefa de investigarmos o desenvolvimento da relação dos neuróticos e da humanidade em geral com a realidade e, desta maneira, de trazer a significação psicológica do mundo externo e real para a estrutura de nossas teorias. (Freud, 1911/1996, p. 237)

Freud irá reforçar a concepção de que os processos mentais inconscientes são concebidos como “. . . resíduos de uma fase do desenvolvimento em que eram o único tipo de processo mental” (Ibidem.), cujo objetivo residia na constante fruição de prazer, a partir do restabelecimento de uma satisfação primordial (Freud, 1900/1996), que, com o amadurecimento do sistema psíquico, se desdobraria igualmente na evitação de desprazer. Aqui, iniciam-se, segundo Freud, os movimentos do recalque.

Freud nos apresenta o princípio do prazer, cuja concepção é a de que houve um momento em que o repouso psíquico foi originalmente perturbado por uma exigência interna (fome, dor) e a atividade de pensamento, nesse momento, possui a capacidade de realizar (alucinatoriamente, e quando inserido em um ambiente do qual provenham respostas, inicialmente, no momento mais ou menos certo) a entrega de algo que seja capaz de suprir essa exigência. Assim, nesse momento, “. . . o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado pelas exigências peremptórias das necessidades internas . . . tudo o que havia sido *pensado (desejado)* [grifo nosso] foi simplesmente apresentado de uma maneira alucinatória” (Freud, 1911/1996, p. 238). A aproximação de Freud entre a atividade de pensamento e a capacidade de desejar, nesse momento, leva a considerar que, antes do estabelecimento do princípio do prazer, havia uma condição de pareamento de ambas as atividades que aponta para uma não necessidade do mundo exterior, homeostase perfeita, constância incompatível com a vida.

2.2.3 Da amarga experiência da vida ao interesse pelo mundo externo

Com o amadurecimento do aparelho psíquico, o autor destaca uma ausência de satisfação, a partir da qual o organismo abandona a tentativa de alucinação satisfatória e passa, gradativamente, a dirigir sua faculdade de atenção para outros focos, buscando maneiras externas de obtenção de satisfação (Freud, 1900/1996, 1911/1996). A atividade de atenção, desenvolvida por Freud em seu “Projeto...” (1950[1895] /1996) retoma, aqui, sua importância no processo de desenvolvimento do Eu. Essa importância se dá pautada na perspectiva de que o Eu se origina na necessidade de defender sua própria existência, contra a ameaça da extinção.

Nesse sentido, em sua obra sobre a interpretação dos sonhos, Freud (1900/1996) relata a concepção de que, ao se deparar com um meio que não satisfaz imediatamente todas as necessidades, o organismo precisa se modificar.

A amarga experiência da vida deve ter transformado essa atividade primitiva de pensamento numa atividade secundária mais conveniente. O estabelecimento de uma atividade perceptiva pela curta via da regressão no interior do aparelho não tem em outro lugar da psique o mesmo resultado que a catexia dessa mesma percepção desde o exterior. A satisfação não sobrevém e a necessidade perdura (Freud, 1900/1996, p. 595). A partir desse direcionamento da atenção para o ambiente externo, o aparelho psíquico deixa de ter uma postura receptiva e passa a tomar ações que irão mediar sua conexão com o meio. Freud localiza, aí, um novo princípio de funcionamento mental, que não busca mais o prazer, mas visa o real, ainda que este não fosse capaz de lhe proporcionar as mesmas sensações agradáveis. Assim, o princípio da realidade vem produzir modificações no aparelho psíquico em formação.

No texto “Totem e Tabu” (1913[1912-13] /1996), Freud irá salientar mais uma importante função originalmente atribuída à atenção, uma vez que seu movimento original se dirigia ao mundo externo, comunicando-se com o mundo interno apenas pelas sensações de prazer e desprazer. Com a gradativa evolução do aparelho psíquico, torna-se possível projetar essas sensações para o mundo externo, a partir do que se constrói sua primeira relação com a exterioridade.

A atividade de atenção passa a ter uma importante função, pois ao verificar periodicamente o mundo ao seu redor, o indivíduo passa a ser capaz de se adaptar, garantindo, portanto, respostas que garantam a manutenção de sua vida. Além disso, essa capacidade de atenção passará a exercer importante papel na apreensão de novas impressões sensoriais. Ao considerar o aparelho psíquico desenhado por Freud em sua “Interpretação...” (1900/1996), a atividade de atenção parece guardar grande similaridade com a atividade perceptual do aparelho, podendo ser essa sua origem. Outra faculdade da atenção que parece diretamente relacionada ao aparelho psíquico é a capacidade de notação destacada por Freud (1911/1996), que consiste em registrar os resultados dessas constantes verificações ambientais, e que parece engendrar os processos mnêmicos, ao menos em parte.

Tendo como novo objetivo a apreensão e construção de repertórios baseados no que se coleta de informação do mundo externo, o recálculo se move, segundo Freud, pois nessa mudança de sistemas, passa a ser necessário um momento anterior,

. . . uma passagem de julgamento imparcial, que tinha de decidir se determinada idéia era verdadeira ou falsa – isto é, se se achava ou não em concordância com a realidade —, decisão que era determinada efetuando-se uma comparação com os traços de memória da realidade. (Freud, 1911/1996, p. 239)

Essa nova maneira de se relacionar com os estímulos torna improdutivo o recalque de todos os estímulos considerados pelo Eu como desprazerosos, como ocorria sob a primazia do princípio de prazer. Com o intuito de aprendizado, o aparelho psíquico passa a ser permeável a situações desprazerosas, desde que essas não ultrapassem certos limites, a partir dos quais, o fator quantitativo dará início a um novo recalçamento.

2.2.4 Reposicionamento da questão do conflito

Nessa constituição cada vez mais complexa de aparelho psíquico, surge o conceito de fantasia, que será também de igual importância para compreender os caminhos da defesa e as construções que ela poderá realizar.

O fantasiar é descrito por Freud, em “Formulações...” como uma atividade de pensamento liberada do teste de realidade e subordinada apenas ao princípio de prazer. Posteriormente, na evolução do aparelho psíquico, Freud passará a descrever o devaneio, que prescinde de objetos reais (Freud, 1911/1996).

Freud também realça as semelhanças que ocorrem com relação aos processos inconscientes, que desconsideram, segundo o autor, o teste de realidade, equiparando “. . . realidade do pensamento com realidade externa e os desejos com sua realização . . .” (Freud, p. 243), remetendo-nos à dificuldade que dá origem às suas postulações teóricas acerca da primeira tópica, a “dificuldade de distinguir fantasias inconscientes de lembranças que se tornaram inconscientes” (Freud, 1911/1996, p. 243).

O autor ressalta que há um longo trajeto no processo de substituição do princípio de prazer pelo princípio da realidade, e que essa substituição ocorre em tempos diferentes nos diversos aspectos do aparelho mental. Assim, o instinto sexual encontra, pelas suas características, maior fixação com a manutenção de sua permanência sob o regimento do princípio do prazer. O autoerotismo, período sexual originário, é mantido pelo aparelho psíquico até que seja estabelecido um período de latência, determinado pelas relações estabelecidas entre o indivíduo e o seu meio. Por essa razão, enquanto as demais funções do aparelho psíquico passam a se pautar pelo princípio da realidade, e considerando-se que o amadurecimento de processos mentais complexos ocorre justamente em favorecimento do período de latência da sexualidade (Freud, 1905/1996), deduz-se que os instintos sexuais se mantêm sob o princípio do prazer por um tempo prolongado, chegando mesmo a nunca deixar a influência desse (Freud, 1911/1996).

Essa longa explicação se faz necessária para compreender a estreita relação entre as fantasias e a sexualidade, ambas não submetidas, completamente, ao princípio da realidade, e locais onde Freud irá destacar a primazia do recalque e das defesas, tão efetivas que não são percebidas. Freud nos apresenta a junção existente no indivíduo entre instinto sexual e fantasia, em contrabalanço com os instintos do Eu e as atividades da consciência. Assim, parece haver uma divisão do Eu, ou de algo que irá posteriormente constituir-lo, em “Eu-prazer”, uma estrutura que nada faz, a não ser querer, e “Eu-realidade”, voltada para as ações úteis, e para manter-se longe de riscos ou danos.

Ao nos apresentar o caso do Homem dos Ratos (1909/1996), Freud já havia apresentado essa concepção de *split*, cisão do Eu em dois, que explica, de maneira didática para seu paciente como sendo o conflito entre um Eu moral e um Eu “mau”. Encontramos, pois, no texto em tela, a formalização desse conceito e um maior detalhamento da noção de conflito. O Eu passa a analisar seu ambiente e conceber que “Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro” (p. 242).

Esse “Eu-realidade”, pode ser visto, portanto, como dependente de estruturas defensivas evidentes para manter-se integrado, uma vez que, sabidamente, reconhece-se como uma parcela moralizada, vinculada à verificação da realidade e à regulação externa (Freud, 1909/1996). Mas é importante notar que Freud destaca, também, a presença poderosa das defesas no “Eu-prazer” de maneira tão intensa que não chega a ser percebida pelo organismo (Freud, 1911/1996).

Freud chama atenção para o fato de, no campo da fantasia, o recalque ser presente e atuante, sendo capaz de remover ideias ainda em formação, antes mesmo de serem notadas pela consciência, evitando, portanto, qualquer contato com ideias que possam vir a se tornar desprazerosas (Freud, 1911/1996).

Freud (1908[1907]/1996) introduz sua concepção acerca da diferença entre o brincar infantil, atividade catexizada pela criança, e o fantasiar, destacando que essa diferença surge na compreensão de que no brincar ainda se preserva a possibilidade de imersão de seus conteúdos internos na realidade. Ainda nesse artigo, o autor destaca que o adulto pode inferir ter sido capaz de abandonar a atividade do brincar, mas que isso não passa de uma ilusão, uma vez que esse brincar, que passa a ser alvo de represálias e vergonha, passa a ser fonte de fantasias.

Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou um sub-rogado.

Da mesma forma, a criança em crescimento, quando para de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de *brincar*, ela [a criança] agora *fantasia*. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de *devaneios*. (Freud, p. 136)

Freud (1908[1907]/1996) salienta a vergonha ocasionada por algumas das fantasias infantis, e como essa vergonha pode tornar essencial ocultá-las, uma vez que sua origem são os desejos insatisfeitos. Por conseguinte, toda fantasia, assim como os sonhos, é a realização de um desejo.

Freud (1908[1907]/1996) destaca a temporalidade como sendo uma característica dinâmica das fantasias. Assim, elas possuem uma mobilidade, capaz de, ao serem disparadas por um evento atual, uma ocasião motivadora no presente, impulsionar seu aparelho mnêmico a um momento, geralmente na infância, em que esse desejo encontrou uma satisfação, e lançar essa imagem em um tempo posterior, como fruição dessa realização. Assim, “. . . o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une” (Freud, 1908[1907]/1996, p. 138).

É necessário atentar-se ao alerta freudiano de que, ao tornarem-se excessivamente poderosas, essas fantasias podem abrir caminho para a instauração de adoecimentos, (Freud, 1908[1907]/1996). Esse alerta pode nos remeter às facilitações de caminhos descritas no capítulo anterior. Desta forma, uma fantasia arrebatadora, tal qual uma vivência desta ordem, poderia cauterizar de maneira irremovível uma via de comunicação no aparelho psíquico, gerando a necessidade de uma defesa proporcionalmente intensa.

Em “Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade” (doravante denominado apenas “Fantasias Históricas...”), de 1908, Freud vai acrescentar ainda à fantasia a faculdade de apresentar-se de maneira consciente, o que ele havia até então chamado de sonho diurno, referindo-se a fantasias superficiais que podemos compreender como sendo aquelas que passam, necessariamente, por atualizações dos processos de recalque e represamento devido a seu conteúdo. O autor se refere também aos devaneios, apresentando-os como chave para a leitura dos sonhos noturnos (Freud, 1908/1996).

Freud (1908/1996), dando destaque às fantasias inconscientes, traz à tona algumas de suas características diferenciadas, que podem ter sido distanciadas da consciência ou não. Assim, trata-se de fantasias que podem ter tido sua origem em pensamentos conscientes, devaneios diurnos, tendo sido recalçadas de maneira deliberada.

A razão desse recalque seria, segundo o autor, a estreita ligação que existe entre essas fantasias e a vida sexual do sujeito. O autor destaca a função das fantasias na realização da

masturbação, e a desfunção que existe entre a fantasia ou devaneio, e o ato de autogratificação (não necessariamente sexual, no sentido literal, como fez questão de destacar Freud), o que leva a fantasia a ser recalçada, mas não abandonada. Com isso, Freud evidencia sua concepção de que não abandonamos nada no processo de amadurecimento psíquico, e sim realocamos os afetos, de acordo com os processos educacionais e civilizatórios, de maneira mais ou menos adaptada. Essas realocações podem ser chamadas de formações de compromisso, visando satisfazer os instintos libidinais e instintos do Eu (Freud, 1911/1996).

O autor destaca que essa desfunção seguida do recalque da fantasia pode levar a algumas consequências, quais sejam:

Se não obtém outro tipo de satisfação sexual, o sujeito permanece abstinente; se não consegue sublimar sua libido – isto é, se não consegue defletir sua excitação sexual para fins mais elevados – estará preenchida a condição para que sua fantasia inconsciente reviva e se desenvolva, começando a atuar, pelo menos no que diz respeito a parte de seu conteúdo, com todo o vigor da sua necessidade de amor, sob a forma do sintoma patológico. (Freud, 1911/1996, pp. 150-151)

Freud conclui, com isso, que uma grande parte dos sintomas histéricos estudados por ele são consequência dessas fantasias inconscientes não sublimadas, nada mais sendo que conversões destas em sintomas corpóreos, que, por sua vez, tratariam de um tipo de compromisso firmado, visando viabilizar, de maneira incompleta, o tipo de satisfação sexual primária atingido pela masturbação que acompanhava a fantasia (Freud, 1908/1996).

O autor aponta, em seu texto sobre as fantasias histéricas (1908/1996) que os sintomas da histeria surgem como uma conciliação entre dois impulsos afetivos e instintuais opostos

2.3 O INCONSCIENTE

Com o artigo sobre o inconsciente, também de 1915(a), nossa pesquisa avança na construção metapsicológica de Freud. No livro “A Interpretação dos Sonhos” (1900/1996), Freud apresentará pela primeira vez o inconsciente não mais vinculado à ideia de estado de consciência, mas sim à condição de uma estrutura na qual operações e movimentos passam a ser realizados no aparelho psíquico. Na obra, Freud apresentará pela primeira vez o inconsciente não mais vinculado à ideia de estado de consciência, mas sim à condição de uma estrutura na qual operações e movimentos passam a ser realizados no aparelho psíquico.

Quinze anos depois, o autor irá delimitar as características desse inconsciente, que passou então a ser denominado *Ics*¹⁹. Nesse construto, o autor propõe a ausência de contradições, predominando representações por pares de opostos ou a mutualidade de situações divergentes. A concepção de pares de opostos pode ser utilizada para conceber a constante existência de concorrências e ambivalências apontadas até o momento pela pesquisa freudiana. Também no *Ics* é encontrada a prevalência de operações do processo primário, o que irá determinar a mobilidade de investimentos. Também é possível destacar, segundo as pesquisas clínicas realizadas por Freud, a ausência de temporalidade e a desconsideração da realidade externa, que passa a ser totalmente substituída pela realidade psíquica (Freud, 1915a/1996).

Freud (1915a/1996) apresenta o conceito de inconsciente como estrutura de alicerce do aparelho psíquico, uma estrutura primitiva, que serve de substrato para as estruturas complexas que se sobrepõem e se comunicam com esse arcabouço. A consciência figura, nesse aparelho, como uma pequena parcela do aparelho mental, superespecializada, porém sujeita a uma série de influências de processos que, por sua natureza e função, possuem a necessidade de serem mantidos em “segundo plano”, latentes, prontos para serem recrutados quando necessário.

Importante notar, para a presente pesquisa, que Freud (1915a/1996) destaca nesse texto a hipótese de que a primeira censura realizada no aparelho psíquico deve ser exercida sobre o próprio material inconsciente, uma vez que existe um momento de indiferenciação já apontado pelo autor (Freud, 1900/1996, 1914/1996, 1915/1996), que é anterior ao processo de recalque.

Segundo essa teorização, o mecanismo do recalque irá atuar no sentido de negar uma tradução ao material selecionado para recalque. Essa tradução seria capaz de atribuir ao conteúdo recalcado palavras que garantiriam conexão com algum objeto, trazendo este para a apreciação da consciência. Sem essa tradução, nega-se a possibilidade de externalizar o afeto, mantendo-o confinado no *Ics*.

“Uma apresentação que não seja posta em palavras, ou um ato psíquico que não seja hipercatexizado, permanece a partir de então no *Ics* em estado de repressão” (Freud, 1915a/1996, p. 206). Isso aponta para os processos defensivos primordiais, que não envolvem a passagem para as palavras. No estudo de caso de o “Homem dos Ratos” (1909/1996), encontramos algumas referências aos processos de negação e denegação: às tendências a anular

¹⁹ Visando com isso uma diferenciação da denominação de estado de consciência “inconsciente”, como sinônimo de desacordado.

e isolar que nos parecem maneiras primitivas e pouco complexas de se defender de conflitos, antes mesmo que esses possuam a capacidade de se traduzir em palavras.

Tomar conhecimento das relações entre as defesas e a constituição do Eu parece projetar nossa pesquisa para o próprio começo da vida mental, onde Freud hipotetizava haver um tipo de satisfação autoerótica, que é abalada pela ausência de uma fruição completa, lançando o organismo a uma busca externa de fruição. Nesse ínterim, as maneiras encontradas pelos instintos de se descarregar parecem transferir sensações desagradáveis para o exterior, anteriormente indiferente (Freud, 1915b/1996). Freud irá inaugurar esse ponto em “Totem e Tabu”, ao esclarecer que a projeção não opera somente com o propósito de defesa; ocorrendo também onde não há conflito, como um mecanismo primitivo empregado para construir o mundo externo (Freud, 1913 [1912-13]/1996).

Freud sintetiza, ao final de seu texto acerca dos instintos e suas vicissitudes, que estas são definidas partindo-se do fato de os instintos cederem às polaridades que dominam a vida mental, o que recorrentemente surge em sua teorização. São elas, as polaridades da atividade-passividade, nomeadas por Freud como sendo de ordem biológica, e vinculadas, ao longo de seu trabalho teórico, à atribuição de diferenças entre masculino e feminino; assim como as polaridades Eu-mundo, evidenciada recorrentemente na presente pesquisa, parecendo figurar cada vez mais na centralidade da relação entre a constituição de defesas e a constituição do Eu. Igualmente importante é considerar a polaridade com a qual Freud parece ter inaugurado suas hipóteses teóricas: a polaridade econômica (Freud, 1915b/1996).

Conhecer a constituição daquilo a que a psicanálise se refere como “inconsciente” é fundamental para aprofundar a compreensão dos temas sobre os quais se propõe trabalhar, seja na clínica individual, sejam nas análises de fenômenos sociais conduzidas por Freud.

No seu livro *Sobre a “Psicopatologia da Vida Cotidiana”* (1901/1996), Freud nos apresenta um avanço em sua teoria ao, conforme o próprio nome já indica, posicionar estruturas defensivas (recalques, condensações, deslocamentos) nos acontecimentos do cotidiano, desta vez em vigília. Conceber essas defesas como ato contínuo do aparelho psíquico, demanda compreender a pressão constante que os instintos exercem para atingir a consciência, e a atuação do recalque, bem como suas brechas nesse processo, que serão os pontos de onde emergem os atos falhos, chistes, esquecimentos, entre outros.

Assim, Freud (1901/1996) recorda que “. . . os sentimentos e impulsos egoístas, invejosos e hostis, sobre os quais recai o peso da educação moral, não raro se valem dos atos falhos como o caminho para expressarem de algum modo seu poder” (p. 270).

O autor delinea, então, sua percepção de que esquecimentos seriam uma forma de resistência que se opõe à lembrança de impressões aflitivas, à representação de pensamentos aflitivos, comparando-os, assim, ao reflexo de fuga diante do estímulo doloroso (Freud, 1901/1996).

Nove anos adiante, Freud traça, no texto “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão” (1910/1996), um panorama geral de como se compreende uma disfunção psicogênica de modo geral, remetendo-nos a seus textos pré-psicanalíticos, explorados no primeiro capítulo desta pesquisa. Freud ressalta que esse tipo de alteração tem origem em “ideias excessivamente poderosas”, além de admitir, na investigação destas, a atuação de processos mentais distintos, conscientes e inconscientes, e a possibilidade de dissociação psíquica.

Freud traz, nesse texto, uma definição da prática da psicanálise que centraliza a questão do conflito, e atribui à concepção dessa teoria a dinâmica que vem sendo demonstrada até então em sua produção científica. Assim, o autor destaca que “O conceito psicanalítico é dinâmico e atribui a origem da vida psíquica a uma interação entre forças que favorecem ou inibem uma à outra” (Freud, 1910/1996, p. 222).

Surge nesse importante texto a concepção de que o Eu não se trata de uma estrutura sólida, formada em um único instante, mas sim um conceito coletivo, de construção contínua e vinculada ao meio em que se insere:

Então, se, como aprendemos, as perturbações psicogênicas da visão dependem de certas idéias relacionadas com a visão ser suprimida da consciência, teremos de admitir, do ponto de vista psicanalítico, que essas idéias entraram em oposição a outras idéias, mais poderosas, em relação às quais adotamos o *conceito coletivo de ego* [grifo nosso] – um conjunto que é constituído de maneira heterogênea, em épocas diferentes – e, por esse motivo, se encontram sob repressão [recalque]. (Freud, 1910/1996, p. 223)

Essa percepção vem sendo delineada no decorrer da construção teórica na primeira tópica, ao longo das postulações a respeito da constituição individual, e também da inserção social do sujeito, que parece engendrar em si um conflito entre os instintos sexuais e os instintos do Eu, levando o autor a ressaltar, em vários momentos, que se trava, no Eu, uma batalha no

intuito de aquiescer às vontades de dois senhores (Freud, 1909/1996, 1910/1996, 1913[1912-13] /1996, 1915/1996).

Assim, reforça-se a importância de compreender sobre esse Eu, suas origens, e qual o interesse que pode haver nessa tentativa de atender a impulsos tão divergentes.

2.3.1 A escolha da neurose

Importante notar que o conflito se mantém importante na constituição do Eu, ganhando nessa primeira tópica um maior detalhamento. Dessa forma, deixa-se de lado a concepção pré-psicanalítica de que se tratava de um conflito envolvendo um evento de sedução (Freud, 1894/1996, 1896/1996), e passa-se a considerar as fantasias originadas de desejos infantis recalçados como um dos polos desse conflito (Freud, 1900/1996, 1908[1909] /1996). O outro polo segue contando com as construções morais e a inserção do sujeito em um meio social cujas regras passam a fazer parte da constituição interna do Eu, de maneira consciente, como também inconsciente (Freud, 1913[1912-13] /1996). Essa polaridade passa a fazer parte de um trilhamento dinâmico, que encontra diante de si diversas revitalizações dos conflitos, que serão resolvidos de acordo com as fases em que existem modificações específicas no desenvolvimento de cada um (Freud, 1911/1996).

A escolha da neurose se dará, portanto, em decorrência da fase do desenvolvimento libidinal e do Eu em que ocorreu, por uma razão ou outra, algum tipo de inibição ou desenvolvimento exacerbado, ambos caracterizados por excessos de energia psíquica que ocasionaram um inundamento, e, portanto, uma fixação em determinada fase, proporcionando, assim, terreno fértil para o surgimento da neurose (Freud, 1911/1996).

2.3.2 A moralidade como um polo do conflito

No segundo ensaio de seu “Totem e Tabu”, Freud (1913[1912-13] /1996) retoma, historicamente, a questão do conflito que permeia nossa pesquisa. Para o autor, diante de um sentimento ambivalente, que se instaura quando dois instintos possuem intenções conflitantes, ocorre o recalque do instinto eleito controverso. Segundo o autor, esse julgamento ocorre, pois existe uma dominância das proibições que possuem um substrato na regulação externa (social).

Essa ideia parece repercutir sua impressão manifestada em “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (1901/1996) de que seus pensamentos estariam sujeitos a uma constante

autorreferência. Assim, a visão que possuímos do “outro” parece ser constantemente considerada em conjunto com nossas ideias de sentimentos individuais. Desta forma, as proibições que são aceitas pelos outros parecem possuir maior repercussão nos instintos do Eu (1913[1912-13]/1996).

Assim, o recalque das ideias instintuais ocorre, mas, com isso, “Tanto a proibição quanto o instinto persistem: o instinto porque foi apenas reprimido, e não abolido, e a proibição porque, se ela cessasse, o instinto forçaria o seu ingresso na consciência e na operação real” (Freud, 1913[1912-13]/1996, pp. 46-47).

Duas forças positivas parecem se evidenciar neste ponto de nossa pesquisa. Ambas parecem mover-se defensivamente, contra a aniquilação. Enquanto uma dessas forças busca a fruição de seus impulsos sexuais, e, por conseguinte a continuação da espécie, a outra busca a manutenção de vida em comunidade, e, como consequência disso, a manutenção dos benefícios percebidos da permanência em um sistema social.

Considerar essa formulação com outra possibilidade de formação de compromisso, entre instintos sexuais e instintos do Eu parece encaminhar nossa percepção para a inevitabilidade de falhas no processo de recalqueamento, que invariavelmente demandam outros tipos de supressão dos conteúdos que podem ser apresentados inadvertidamente pelo *Ics* (Freud, 1900/1996). Assim, sonhos, atos falhos e chistes, além de atividades artísticas, seriam a maneira encontrada pelo aparelho psíquico de dar vazão a esses aspectos (Freud, 1900/1996, 1901/1996, 1905/1996).

“Assim, a censura entre o *Ics*. e o *Pcs*., cuja existência os sonhos nos obrigam a supor, merece ser reconhecida e respeitada como a guardiã de nossa saúde mental” (Freud, 1900/1996, p. 596), mantendo a consciência, quando há acesso à porta da motilidade, inacessível para os conteúdos primitivos inconscientes, e permitindo que apenas os conteúdos com um grau razoável de distorções sejam admitidos.

No artigo de 1913, “A disposição à neurose obsessiva; uma contribuição ao problema da escolha da neurose” (doravante denominado “A disposição à neurose...”), Freud irá acrescentar à sua teoria a noção de que existe uma divisão dos determinantes das neuroses, chamados pelo autor de patogênicos, entre internos, que o indivíduo traz de sua constituição interna, e externos, aqueles que o ambiente a seu redor irá expor às pessoas. O autor chamará esses dois contextos de “constitucional e acidental” (Freud, 1913/1996, p. 341), inferindo, com

isso, a multiplicidade de razões que podem originar um adoecimento neurótico com base nos pontos de fixação em seu desenvolvimento.

No texto “A concepção psicanalítica...” (1910/1996), Freud irá reiterar sua concepção de que o processo civilizatório ocorre, em grande medida, às expensas dos instintos sexuais que são, sistematicamente, reprimidos, restringidos ou transformados, e utilizados para fins diversos, possibilitando aos indivíduos, portanto, produzir construções psíquicas mais adaptadas à manutenção da vida em sociedade.

Retornando ao primeiro texto dessa tópica, Freud irá tratar desta necessidade de múltiplos pontos de contato ao afirmar que “O sintoma não é simplesmente a expressão de um desejo inconsciente realizado; é preciso que esteja presente também um desejo do pré-consciente realizado pelo mesmo sintoma, de modo que um sintoma tem *pelo menos* [grifo do autor] dois determinantes . . .” (Freud, 1900/1996, p. 598). Pode-se considerar que esse desejo pré-consciente pode ser uma expressão da moralidade ou uma crença do indivíduo (Freud, 1909/1996).

Por outro lado, esses mesmos processos são apontados pelo autor como importantes para o desenvolvimento do caráter, de modo que na estruturação destes são encontradas as mesmas forças destacadas na escolha das neuroses, porém em intensidades atenuadas, e com a particularidade de que não se verificam, com tamanha intensidade, fracassos no processo de recalçamento (Freud, 1900/1996, 1909/1996).

Podemos supor que justamente onde ocorrem esses encontros com o inconsciente obtemos um vislumbre de aspectos de caráter e personalidade, apontando, portanto, para como estes podem ter função de agregar individualidade às pessoas.

2.3.3 Sua majestade, o Eu²⁰

Freud aponta para a percepção de que aquilo que se concebe como uma unidade do Eu não parece estar presente desde a origem do indivíduo, inaugurando o texto “Sobre o narcisismo” (1914/1996) considerando que, para sua gênese, deve ocorrer um estímulo que origine uma operação psicológica distinta. Tal operação desencadearia uma diferenciação na estrutura primitiva do indivíduo, permitindo, aí, o surgimento do Eu. Nesse artigo, Freud

²⁰ É no texto “Escritores Criativos e Devaneios” (1908[1907/1996]) que Freud utiliza a expressão “sua majestade, o Eu”, que destaca a primazia deste Eu na construção de suas fantasias, desconsiderando o teste de realidade e mantendo-se submetido ao princípio do prazer (Freud, 1908[1907]/1996; 1911/1996).

apresentará a ideia de que existe um estado inicial, de não integração, que dará lugar, gradativamente, a uma organização de Eu.

Nesse mesmo texto, Freud irá afirmar que os instintos sexuais e, nesse ponto, autoeróticos, estão presentes desde o início do sistema, inaugurando a circulação de energia orientada à descarga e fruição de prazer característica de organismos primitivos (Freud, 1914/1996)

No artigo “A disposição à Neurose...” (1913/1996), Freud já havia chamado atenção para a fase do autoerotismo, na qual os instintos parciais do indivíduo, cada um por sua conta, buscam a satisfação de seus desejos por meio daquilo que, nesse momento de não-diferenciação do meio, é concebido sempre como sendo do próprio corpo, de maneira indistinta e cíclica.

Segundo o autor, as primeiras satisfações do organismo ocorrem a partir de uma dimensão de manutenção de existência, relacionados às funções vitais, tais quais fome, sono, excreção. Esses instintos estão ligados diretamente às funções orgânicas e respondem à realização de suas demandas de maneira desconexa. Nesse primeiro momento, Freud indica uma fusão (ou uma não des fusão) entre os instintos sexuais e do Eu (Freud, 1914/1996).

No texto “Totem e Tabu” (1913/1996), Freud reforça o fato de que suas pesquisas o levaram a acrescentar, entre as fases de desenvolvimento das tendências sexuais do indivíduo, uma fase intermediária, entre o autoerotismo e uma escolha completa de objeto externo. A essa fase, Freud chamará “Narcisismo”, tratando-se de uma fase na qual ocorre a escolha por um objeto, mas ainda assim, interno. “Seus instintos egoístas e seus desejos libidinais ainda não são separáveis” (Freud, 1913[1912-13] /1996, p. 99).

O fato dessa fase intermediária ter sido apontada em um livro que versa sobre as relações entre as pressões internas instintuais e a relação estabelecida com a moral e o mundo externo parece apontar para a importância desse ambiente na própria organização do Eu.

No quarto ensaio de sua série sobre “Totem e Tabu” (1913[1912-13] /1996), Freud apresenta sua teoria de como, individualmente, existe um retorno ao totemismo na infância. Repassa, com essa teoria, suas observações, traçando paralelos entre aquelas sociedades que eram, então, denominadas primitivas, ou selvagens, e as fases do desenvolvimento libidinal observado em suas pesquisas. Um ponto importante de suas observações é a noção de que, seja individualmente, seja tribalmente, existe uma exigência de renúncia, que impõe uma escolha e institui um conflito interno. Essa exigência, construída como mito totêmico por Freud, trata de optar por uma relativa manutenção da convivência em sociedades, a partir da renúncia aos

instintos libidinais mais básicos. Desta forma, a necessidade se impõe, e os seres humanos realizam um movimento de acordo, uma formação de compromisso, na qual é viabilizada a manutenção de uma sociedade primeva (Freud, 1913[1912-13]/1996).

Ao teorizar a respeito do narcisismo, Freud (1914) irá reposicionar esse conceito fora da concepção psiquiátrica de perversão, atribuindo a esse conceito o estatuto de fase no desenvolvimento libidinal esperado para todo indivíduo, e destacando que essa é uma fase no qual é possível fixar-se, a partir dos processos descritos anteriormente. Assim, o narcisismo passa a ser posicionado como parte de um intrincado processo de autopreservação, atribuído, segundo o autor, a toda forma de vida (Freud, 1914/1996).

Já no artigo “A Disposição à Neurose...” (1913/1996), Freud apresentará um resumo de sua concepção sobre o narcisismo, no qual a escolha do objeto já se realizou, e coincide com o próprio Eu do indivíduo. Assim, ocorre o direcionamento dos instintos sexuais, não mais de maneira desorganizada e, sim, direcionados para um objeto interno (Freud, 1914/1996).

Assim, o narcisismo contribui para traçar os contornos do Eu, sendo este capaz de reunir e direcionar os instintos parciais, que operavam de maneira não integrada, do autoerotismo, para um objeto único, interno. A grande conquista do narcisismo parece se tratar da capacidade de integrar instintos parciais em prol de um único objeto (Freud, 1914/1996).

Na próxima fase do amadurecimento libidinal, onde o mecanismo de atenção (Freud, 1911/1996) já passa a assumir rotineiramente a função de buscar, no mundo exterior, informações úteis para o indivíduo, há a escolha, enfim, de um objeto externo, mas esta escolha ainda se dá com base em uma organização pré-genital, anal-erótica e sádica, herança dos instintos de prazer-desprazer.

Introjetado esse instinto sexual originário, a mesma batalha das sociedades primitivas teorizadas por Freud (1913[1912-13]/1996) se inaugura nas fases iniciais do desenvolvimento da sexualidade. Da mesma forma, cada indivíduo, em uma fase primitiva, precisa lidar com um conflito entre o amor e a sexualidade. Freud descreve o exemplo do caso do pequeno Hans, no qual o menino projeta ambos, a afeição e a admiração, mas também o temor e a inveja incestuosa que tem de seu pai, em uma figura totêmica, o cavalo. A partir dessa narrativa, Freud produziu um retrato vívido de um conflito que se constitui como doença neurótica, a partir de uma leitura totêmica (Freud, 1913[1912-13]/1996).

Com isso, inaugura-se uma concorrência libidinal entre instintos sexuais e instintos do eu, sobre os quais Freud (1914/1996) irá nos apresentar a um Eu servo de dois amos,

destronado, que pendula nesse conflito. “O indivíduo leva realmente uma existência dúplice: uma para servir a suas próprias finalidades e a outra como um elo numa corrente, que ele serve contra sua vontade ou pelo menos involuntariamente” (Freud, 1914/1996, p. 85).

Da vitória de um desses instintos sobre o outro, surgem os recalques, e é constituído o que será considerado, pelo indivíduo, um ideal de Eu, ficção individual que representará, para cada indivíduo, a possibilidade de fruição dos instintos sexuais, sem abrir mão das exigências dos instintos do eu. Portanto,

Sabemos que os impulsos instintuais libidinais sofrem a vicissitude da repressão patogênica se entram em conflito com as ideias culturais e éticas do indivíduo. Com isso, nunca queremos dizer que o indivíduo em questão dispõe de um conhecimento meramente intelectual da existência de tais idéias . . . (Freud, 1914/1996, p. 100)

A solução para esse conflito reside em uma aproximação do Eu de seu ideal, como uma saída mais próxima da constituição de nuances de caráter do que da doença neurótica (Freud, 1901/1996; 1913/1996).

Com o desenvolvimento do Eu, ocorre um afastamento do narcisismo chamado, nessa fase do amadurecimento libidinal, de primário. Deflagra-se, desse afastamento, um processo ambíguo. Neste, ocorre que, ao mesmo tempo em que o Eu busca retornar sua libido para si, mantendo seu investimento narcísico, também emite investimentos em direção a esse ideal de Eu exteriormente constituído, e direcionando à fruição desse instinto pela realização desse ideal (Freud, 1914/1996).

2.4 CONSIDERAÇÕES

O presente capítulo inicia pelo texto metapsicológico “O recalque” (1915/1996), que situa a concepção do autor acerca da centralidade do conceito de recalque para a teoria psicanalítica. Nesse ponto de sua obra, é possível compreender o mecanismo do recalque como fundamento da constituição do Eu. É possível cernir dessa obra a concepção de que aquilo que cada indivíduo irá construir, em termos de recalque, é determinado por uma construção complexa que envolve o ambiente no qual este se insere e a maneira pela qual esse indivíduo se relaciona (Freud, 1915/1996). Assim, conceber a forma como esse indivíduo irá se defender é indissociável da própria forma com que esse Eu se organiza.

O elemento que surge nessa equação, nesse ponto da pesquisa, é o ambiente no qual esse indivíduo é formado, que parece ganhar foco novo nesse momento da obra de Freud.

Assim, passa a fazer parte da composição do Eu, aquilo que o indivíduo irá receber do meio, em termos de cuidado, de orientação, e de concepções morais transgeracionais, em conexão com a maneira particular a partir da qual cada indivíduo irá processar essas informações (Freud, 1914 [1913-14]/1996).

Freud (1914/1996) irá destacar como cada fase do desenvolvimento libidinal se mostra direcionada para a autopreservação, visando constantemente manter o organismo vivo, realizando operações sistematicamente mais complexas, de acordo com os desafios que o ambiente vai apresentando para este, tais quais a escassez de alimento, o frio, a dor, entre outros. Assim, parece que as defesas do organismo são organizadas pelo Eu sempre no sentido de impedir sua destruição, sejam essas ameaças de destruição ocasionadas pelo meio, ou internas, variando de acordo com as concepções individuais e culturais que irão constituir-lo.

Também esse movimento de direcionamento dos investimentos na autopreservação se mostra presente na preservação dos descendentes, introduzindo aquele que será tema de diversos estudos, “sua majestade, o bebê”. Assim, destrona-se o Eu, mas ainda assim, parte deste segue reinando, na figura de sua prole, que garante ainda uma continuidade.

A questão da preservação da prole parece corroborar o fato de que “A biologia ensina que a sexualidade não deve ser colocada em pé de igualdade com outras funções do indivíduo, pois suas finalidades ultrapassam o indivíduo e têm como seu conteúdo a produção de novos indivíduos – isto é, a preservação da espécie” (Freud, 1915b/1996, p. 130).

Com isso, parece que a preservação dos instintos sexuais, e sua busca por fruição, vêm em um lugar que, simultaneamente, carrega a marca de uma fruição imediata, e de uma perpetuação a longo prazo, projetando a autopreservação para fora do indivíduo.

A permanência da memória no *Ics*, assim como a conclusão, destacada por Freud, de que o desejo é um tipo de memória, reforçam a importância dessas memórias, mantidas armazenadas e conservadas pelos mecanismos de defesa, para a constituição, e manutenção da possibilidade de existência do Eu (Freud, 1909/1996). Freud traz, em seus escritos acerca do caso do Homem dos Ratos a concepção de que, ao manter o conteúdo recalcado, esse conteúdo assume uma característica de conservação atemporal. Dessa forma, pode-se concluir que o conteúdo recalcado pode possuir valor de memória de preservação, mantendo o indivíduo atento a questões que possuem grande importância para ele (Freud, 1909/1996).

Considerar essa dupla função como estando também presente nos instintos do Eu parece corroborar a afirmativa freudiana de que o indivíduo responde, de fato, a dois senhores. Um

que comanda a imediata fruição dos prazeres e outro que determina a manutenção de um lugar externo, seguindo determinações que pressupõem o abandono da fruição imediata.

Assim, a participação das defesas na constituição do Eu parece se mostrar na formação de certos compromissos, que tornam possível a manutenção de um grau de satisfação compatível com a manutenção da vida, não apenas em seu caráter biológico, mas também como manutenção de vida psíquica, e, também, com sua inserção na sociedade.

Seguimos, portanto, para a segunda tópica freudiana, com a intenção de compreender como esses senhores se constituem, dentro e fora dos indivíduos. O terceiro capítulo iniciará, portanto, pela leitura do “Eu e o Isso” (1923/1996), tendo como questão norteadora: qual a função do ambiente externo na geração das defesas primordiais do indivíduo, e como essas defesas levaram este para as ações que garantiram a constituição de seu Eu.

3. AS PARTICIPAÇÕES DA DEFESA NO CIRCUITO INSTINTUAL, NA INTEGRAÇÃO DO EU E EM SUA PERMANÊNCIA NO MUNDO

Ingressamos no terceiro capítulo de posse da concepção de que as defesas atuam não somente a partir de uma via instintual reativa, como também de maneira constitutiva, conferindo ao organismo características que irão se encontrar com o meio em que este se insere. A partir dessas características, acompanharemos a tarefa do aparelho psíquico de constituir um indivíduo. Essa constituição passa pela garantia de uma gradativa integração do Eu, que emergirá das características originárias do organismo. Esse Eu torna-se capaz de se relacionar efetivamente com o meio, respondendo a suas ameaças, demandas e, conforme veremos mais adiante, a suas expectativas. Assim, partimos para a investigação daquilo que se dispõe a partir do externo, mas que se mostrará, com a especialização do aparelho mental, como uma expansão do mundo interno.

O primeiro movimento deste capítulo será o de contextualizar as propostas que conduziram Freud à segunda tópica de sua teoria, contexto imprescindível para localizar as instâncias psíquicas formalizadas conceitualmente pelo autor e a relação que estabelecem com as defesas e a integração do Eu. Seguindo o fio condutor até o momento constituído, o próximo passo será entender como se caracteriza o Eu, que Freud irá chamar de criatura fronteira (Freud, 1923/1996), determinada a possibilitar uma mediação entre mundo interno e mundo externo, entendimento que propiciará um novo desenho da tópica freudiana.

Seguiremos pelas fronteiras recém-definidas do Eu, tentando entender de que essas fronteiras se resguardam. Assim, trataremos do Isso e seu destacamento especial, o Supereu, da função do grupo, da cultura, e, por conseguinte (ou pela opção de tradução) da sociedade na constituição das defesas e do Eu.

Essa sequência parece seguir a evolução do pensamento freudiano, também no que concerne ao posicionamento do conflito, à centralidade das defesas, e às nomeações que o autor nos apresenta ao devolver ao recalque o status de um tipo de defesa superespecializado e de importância proeminente, mas não único, tampouco o primeiro.

Na terceira parte do presente capítulo, examinaremos a interseção entre as defesas e a integração do Eu com o ambiente no qual surge e do qual é levado a se defender. Nesse ponto, reencontramos o conceito de conflito, que nunca foi abandonado na obra freudiana.

Encerramos este capítulo com a impressão de que o Eu segue se constituindo, continuamente, em uma relação viva e constante com o ambiente interno/externo no qual se

insere e do qual se compõe. Essa conclusão parece ser fundamental, pois permite considerar o contexto no qual o indivíduo se apresenta como parte fundante, mas não determinante, de como este se constitui.

3.1 A SEGUNDA TÓPICA

Antes de adentrar nas instâncias psíquicas descritas por Freud na construção de sua segunda tópica, parece necessário abrir parênteses para enunciar, em consonância com o autor, o desdobramento da teoria a partir da qual definiu a atuação dessas instâncias. Trata-se das duas classes de instintos que o autor irá destacar como fundamentais para a existência de um Eu diferenciado com relação a seu meio.

Seguimos com a linha mestra de nossa pesquisa, evidenciando que essa descoberta traz uma reedição dos conflitos evidenciados nos capítulos anteriores da dissertação. Assim, os instintos de vida e morte, como serão mais adiante nomeados por Freud, tornam a própria existência o terreno de sua batalha, entre uma tendência ao retorno ao inorgânico, e um empuxo para a vida, que visa prolongá-la e disseminá-la.

3.1.1 Duas classes de instintos

Freud irá inaugurar a segunda tópica com um texto que nos apresenta para algo “Além do princípio do prazer”, texto publicado em 1920. Essa publicação surge nove anos após o já abordado “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911/1996), em que o autor nos introduz os princípios de prazer e de realidade, a partir dos quais, na primeira tópica, reposiciona o conflito do qual o Eu busca se defender.

Agora, o autor vem acrescentar a percepção de que existe algo que demanda do indivíduo para além do princípio do prazer, uma vez que nos aponta que “. . . estritamente falando, é incorreto falar na dominância do princípio do prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele . . .” (Freud, 1920/1996, p. 19), o que na prática não se verifica.

O autor indica o caminho para a introdução de um tipo de instinto que direciona para a total homeostase do organismo, a desintegração ou desligamento, a inércia da existência inorgânica. A expressão “instinto de morte” indica esse endereçamento para a cessação de

estímulos, o que parece ser conquistado, em muitos circuitos, através de manifestações agressivas, destrutivas.

Em contraposição a esse instinto, Freud postula outro que visa a integração, o prolongamento da existência. Que tenciona, segundo o autor, complicar a vida o bastante para prolongá-la. Nessa classe de instintos estão presentes os instintos de autoconservação, além dos já explorados instintos sexuais, por vezes apontados pelo autor como verdadeiros instintos da vida, uma vez que “Operam contra o propósito dos outros instintos, que conduzem, em razão de sua função, à morte . . .” (Freud, 1920/1996, p. 51).

O autor irá apontar nesse texto, para a tendência à descarga, como vem fazendo desde o início de sua obra, ressaltando a concepção de que os excessos são vistos como afetos a serem evitados pelos elementos orgânicos. Assim,

“*Parece, então que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas [grifo do autor]*”, um impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica. (Freud, 1920/1996, p. 47)

A oposição proposta originalmente entre instintos do Eu e instintos sexuais se revela, com o avançar da pesquisa freudiana, insuficiente, uma vez que há componentes libidinais dentre os instintos do Eu. Com o avanço de sua pesquisa, o autor detalhará mais o processo, determinando que “Acontece simplesmente que a distinção entre os dois tipos de instintos, que era originalmente considerada, de certa maneira, como *qualitativa* deve ser hoje diferentemente caracterizada, ou seja, como *topográfica* [grifos do autor]” (Freud, 1920/1996, p. 63).

Como consequência do reposicionamento topográfico também da teoria instintual na segunda tópica, é possível desenvolver um maior detalhamento da concepção psicanalítica das ambivalências, frequentemente apontadas por Freud como sintoma característico em seus pacientes. A partir desse ponto, o autor irá destacar que essas ambivalências estariam localizadas em pontos em que não foi possível se realizar uma completa fusão instintual, deixando, portanto, brecha para esse sentimento conflitante que tantas vezes se apresenta nos quadros clínicos de Freud.

As ambivalências se fazem perceber pelas sensações do circuito de prazer/desprazer, multilocalizadas, como percepções externas; podem vir simultaneamente de diferentes lugares e terem assim qualidades diferentes ou mesmo opostas.

A partir da constatação de que essas duas classes de instinto operam sobre todo indivíduo, podemos avançar para a discussão acerca de como as instâncias recém-postuladas por Freud, Eu e Isso, comportam-se nessa existência pendular.

3.1.2 Criatura fronteira, o Eu

Freud não se afasta, em sua teorização, dos princípios que vão sendo delineados ao longo da condução de sua clínica, bem como de suas pesquisas em psicanálise. Ao acumular os anos de pesquisa psicanalítica com os resultados que passaram, com o tempo, a ser apresentados por seus colegas, o autor traz mais definição e robustez a conceitos que figuram, desde a gênese de sua psicanálise, entre os pontos de atenção de sua proposta de prática.

Assim, trata-se de trazer maior volume de informação e detalhamento à importância de haver um aspecto do aparelho psíquico que se responsabilize pelas respostas motoras, o acesso à motilidade. Como conclusão de sua vasta pesquisa, Freud aponta que esse responsável seria o Eu, estrutura psíquica que opera na fronteira entre o interno e o ambiente, como mediadora das relações do indivíduo com a sua realidade.

O autor ilustrará a função do Eu aludindo ao fato de que este é como o cavaleiro, tentando manter controlada a força indiscutivelmente superior de um cavalo, o Isso. Essa analogia dá, também, a possibilidade de compreender como um dos recursos possíveis ao trabalho é, muitas vezes, o de deixar o Isso guiar, até certo ponto, partes do caminho, visando uma cavalgada mais amena e até mesmo divertida.

Formamos a idéia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos isso o seu *ego* [grifo do autor]. É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade – isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. (Freud, 1923/1996, p. 30)

Além do acesso à motilidade, é responsabilidade do Eu emprestar aos processos mentais uma ordem de temporalidade, além de submeter esses mesmos processos ao teste de realidade. O Eu irá também se impor aos processos de pensamento, auxiliando na construção de raciocínios que determinam esperas prolongadas à fruição de impulsos instintuais.

Assim, Freud afirmará que “O ego evolui da percepção para o controle dos instintos, da obediência a eles para a inibição deles” (Freud, 1923/1996, p. 68), além de destacar que sua origem, e sua principal característica, remonta da capacidade de relacionar-se com o mundo externo real.

3.1.3 O que é Isso?

O Eu e o Isso (Ego e id, 1923/1996, na edição estudada) surge, segundo Freud, como texto que vem finalizar a separação da psicanálise das questões puramente biológicas. Trata-se, segundo o autor, de um texto muito mais próximo da psicanálise do que o texto que inaugura a segunda tópica “Além do princípio do prazer” (1920/1996).

Ao conceber as estruturas apresentadas nesse artigo, Freud irá reforçar sua concepção de que, em um tempo primitivo, houve alguma alteração ambiental que retirou o organismo de sua homeostase. Esse abalo, percebido como desconforto, é postulado por Freud como motor da diferenciação do psiquismo humano em uma estrutura mais complexa, capaz de movimentar-se defensivamente, e prospectivamente, em relação ao meio em que o organismo se percebe imerso.

Como ponto de partida dessa diferenciação, podemos compreender que existia o Isso, constante e indiferenciado, estância voltada plenamente para a fruição autoerótica, conforme tratado na primeira tópica.

Em um de seus últimos textos, Freud dirá, a respeito do Isso, que se trata de uma estrutura totalmente voltada para a satisfação das necessidades inatas, sendo que seu principal propósito seria o de dar vazão às pressões orgânicas básicas do organismo (Freud, 1940[1938]/1996). A sobrevivência, propriamente dita, não passa pelos domínios do Isso, sendo, portanto, tão importante a sua diferenciação do Eu. Este passará a mediar as relações não somente com o mundo externo, mas também com o manejo das pressões instintuais internas.

O Isso revela-se uma estância difícil de localizar, sendo definido apenas em relação ao que se diferencia. Essa talvez seja a origem, inclusive, de sua nomenclatura, algo que escapa, traduzido em pronome demonstrativo, que aponta para o indefinido, presente e constante.

Nesse processo de apresentação de estruturas, o autor irá esclarecer que não existe uma completa diferenciação entre Eu e Isso, ambos influenciando-se mutuamente e criando extensões de acordo com as demandas externas e internas com as quais irão gradativamente se deparar (Freud, 1923).

3.1.4 Nem pássaro, nem avião — SuperEu

Completando essa apresentação inicial das estruturas descritas por Freud na segunda tópica, chegamos a mais uma diferenciação do Isso, o Supereu. Essa estrutura contribui para a mediação do Eu com o mundo externo, uma vez que é constituída por meio da internalização de informações colhidas do ambiente, trazendo para sua constituição as influências da infância, do cuidado e da educação recebidas, que se internalizam e assumem um papel de verificação com relação ao Eu. Essa internalização por vezes se apresenta ao ambiente como parte do caráter do indivíduo (Freud, 1923/1996; 1940[1938] /1996).

Freud irá resumir a atuação contígua dos três como uma ação associada diante de um mundo externo que representa o poder do presente. Assim, o Isso seria o que possui a informação do passado orgânico, primitivo, ao passo que o Supereu representaria o passado cultural do indivíduo (Freud, 1940[1938] /1996). Caberia, então, ao Eu, a tarefa de, de posse desses dois passados, manejar sua maneira de vivenciar o presente.

O Supereu irá se constituir como uma estrutura, através de uma identificação primordial do indivíduo em constituição com a figura paterna. Essa identificação ocorre de maneira direta, primitiva, sendo o ponto de partida para o que será posteriormente abordado sobre identificação. Freud elucidará que seus esquemas a respeito da história edipiana dos indivíduos não ocorrem, de maneira nenhuma, de forma simples, ou direta. Trata-se, sempre, de uma situação complexa e triangular, baseada na bissexualidade constitucional do indivíduo. Assim, o que é internalizado a partir do processo de identificação são aspectos do ambiente, componentes dos diversos atores que irão contribuir com o desenvolvimento do senso de moralidade do indivíduo (Freud, 1923/1996).

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego [grifo do autor] (Freud, 1923/1996, p. 46-47)

Como saída do complexo de Édipo (cujo funcionamento não será detalhado na presente dissertação, devido à sua extensão e complexidade inerente), o Supereu retém aspectos do caráter paterno, que terão sua potência e crueldade definidos pela violência equivalente do processo de recalçamento deflagrado pelas atividades educacionais e reguladoras providas pelo ambiente. A dominância que o Supereu exercerá sobre o Eu também se constitui nesse

momento, determinando as noções de consciência moral e sentimento de culpa, temáticas extensamente exploradas por estudiosos da psicanálise.

Freud irá nos guiar novamente à temática da presente dissertação ao destacar que o surgimento da instância do Supereu a partir do Eu “. . . não é questão de acaso; ela representa as características mais importantes do desenvolvimento tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem” (Freud, 1923/1996, p. 48).

Parece que essa composição nos coloca diante de um conflito entre o Eu, o representante de nossas relações com o mundo externo, e o Supereu, que se baseia em nossas relações com nossos pais para desenvolver sua representação do mundo interno, do Isso. O curioso é que, com essa representação, o Supereu perpetua algo do mundo externo, de modo que nossa origem cultural se vê conservada nesse movimento.

O Supereu é tratado por Freud como uma maneira de apropriação individual da história cultural e biológica dos indivíduos, uma maneira de perpetuar a cultura e os costumes. Além disso, essa estrutura deve ser entendida como (além de ter sido a fonte da primeira identificação do indivíduo) ocorrida em um momento em que o Eu se encontrava pouco integrado, o Supereu também se trata do “herdeiro do complexo de Édipo” (Freud, 1923/1996), sendo o responsável pela introdução dos objetos mais importantes da história constitutiva do Eu (Freud, 1923/1996).

3.1.5 A quem o Eu serve?

Segue o Eu a serviço de outros senhores. Agora são três, cada um deles representado por um perigo. Temos o mundo externo e suas ameaças; a libido do Isso e suas inundações; e as exigências severas e muitas vezes cruéis do Supereu (Freud, 1923/1996).

Três tipos de ansiedade correspondem a esses perigos. “Como criatura fronteira, o ego tenta efetuar mediação entre o mundo e o id, tornar o id dócil ao mundo e, por meio de sua atividade muscular, fazer o mundo coincidir com os desejos do id” (Freud, 1923/1996, p. 68).

Além dessa mediação, o Eu também irá se deparar com os instintos de morte que residem no Isso, e, mediante suas tarefas de sublimação e identificação, pode favorecer esses instintos, garantindo a eles um parcial controle sobre a libido. Para realizar essa tarefa complexa, o próprio Eu precisa acumular libido, fugindo, desta forma, do risco de tornar-se o próprio objeto desses instintos de morte.

Essa estratégia o torna o próprio representante dos instintos de vida, demandando para si vida e sentimentos de pertencimento e integração. A busca pelo amor, estabelecimento de relacionamentos, e a capacidade de trabalhar imerso em uma sociedade são, portanto, maneiras de assegurar o sucesso do Eu em sua representação dos instintos de vida. Nesse ponto, Freud irá afirmar que a função da psicanálise, em particular no contexto clínico, é a instrumentalização desse Eu, a fim de, em favor desse instinto, ser capaz de refrear os impulsos do Isso, em seu direcionamento para a morte (Freud, 1923/1996).

Conflitos e dissensões que se efetuam no aparelho mental durante sua passagem para organizações mais complexas são igualmente descritos como fonte de sofrimento para o indivíduo.

Do ponto de vista do controle instintual, da moralidade, pode-se dizer do id que ele é totalmente amoral; do ego, que se esforça por ser moral, e do superego que pode ser supermoral e tornar-se então tão cruel quanto somente o id pode ser. (Freud, 1921/1996, p. 66)

Ao construir a maneira pela qual o Eu parece se constituir, Freud nos apresenta a noção de que, inicialmente, na história primitiva do sujeito, não havia diferenciação entre os investimentos em objetos e a identificação com estes. Esse processo de diferenciação vai surgir adiante, durante o amadurecimento, e talvez compreender que esse investimento inicial nos objetos provém do Isso, que percebe de maneira primitiva suas necessidades, podendo-nos indicar a brecha a partir da qual se diferenciará o Eu. Esse Eu, inicialmente pouco potente, parece ser capaz de perceber o investimento nos objetos e eventualmente responder de maneira diferente da de uma simples submissão. Eventualmente, ele parece ser capaz de defender-se desses investimentos objetivos através do recalque (Freud, 1923/1996).

3.1.6 Identificação e Integração

Retomando a história natural de cada ser humano, desta vez a partir dos seus trabalhos sobre a “Psicologia de Grupo e análise do Ego” (1921/1996), recordamos da condição do organismo recém-nascido, envolto, conforme exposto anteriormente, em seu próprio narcisismo autoerótico, que se vê impelido a abandonar essa autogratificação constante por algum desconforto que o faz direcionar seu interesse a algo diferente.

Com o passar do tempo, esse ambiente externo passa a ser percebido como instável, porém cheio de recursos. Com a evolução do organismo, ocorre um destacamento do Isso

primordial, que passará a se interessar por essas questões externas, por essa estimulação e pelos objetos existentes na externalidade. Freud irá chamar a atenção para o fato de que perceber tamanha quantidade de estímulos ininterruptamente seria impossível, e que o organismo busca, com o sono, retornar a uma homeostase, rejeitando estímulos e objetos (Freud, 1921/1996; 1923/1996).

Nesse contexto, o Eu percebe que, embora seja capaz de mediar a maioria das questões entre o mundo interno e externo, na verdade acaba sendo constantemente acometido por abalos em um ou outro lado, precisando se mobilizar defensivamente, visando a manutenção da existência do organismo.

Além das ameaças naturais, do ambiente, uma classe de ameaças inteiramente nova irá surgir com o amadurecimento do indivíduo. Essas ameaças, conforme exposto acima, são parte de um enfeixamento entre as concepções morais do indivíduo, e a rigidez com que ocorreram os recalques primários aos quais todo indivíduo é exposto ao ser submetido à vida em sociedade.

Assim como ocorre com a impossibilidade de suportar os estímulos externos ininterruptamente, Freud concebe que as pressões do Supereu também precisam cessar, eventualmente. Assim, as formações de compromisso, tal como os fetiches, que serão posteriormente apresentados nesta dissertação, e, em um sentido antropológico, os festivais, vêm em defesa da manutenção da integridade do Eu.

É inteiramente concebível que a separação do ideal do ego do próprio ego não pode ser mantida por muito tempo, tendo de ser temporariamente desfeita. Em todas as renúncias e limitações impostas ao ego, uma infração periódica da proibição é a regra. (Freud, 1921/1996, p. 141)

Assim, podemos pensar que inicialmente, para o Isso ser capaz de abandonar o investimento em determinados objetos, é necessário que haja uma maneira de identificar-se com estes, trazendo para si características que possam desvincular essa energia e direcioná-la para outras funções. Nesse cenário, a construção do Eu, de seu caráter diferenciado, pode ser considerada como um conglomerado de investimentos objetivos abandonados e a história que se compõe de acordo com como esses foram reunidos (Freud, 1923/1996).

Seguindo com nossa pesquisa sobre o Eu, que irá ser integrado a partir do processo defensivo, chegamos a um interessante ponto de convergência no texto “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego” (1921/1996). Assim como o fato de Freud, inicialmente, tratar de suas formulações acerca do narcisismo em sua análise de sociedades primitivas (“Totem e tabu”),

também é emblemático que agregue as temáticas de psicologia de grupos e análise de ego em um único texto. Com isso, o autor torna ponto de partida a indissociabilidade do ambiente de suas análises individuais, ao mesmo tempo em que torna fundamental a percepção de cada um dos membros de um grupo como indivíduo único, dotado de um mundo interno que irá determinar a maneira pela qual irá conduzir sua relação com cada um dos diversos grupos dos quais buscará fazer parte durante a vida (Freud, 1921/1996).

Nesse artigo, Freud discorrerá acerca da temática da identificação, demarcada como primeira forma de laço emocional conhecida pelo organismo, que, conforme apontado anteriormente, promove uma introjeção do conteúdo no Eu, o que trará, ao se conjecturar sobre a vida em sociedade, uma sensação de “qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual” (Freud, 1921/1996, p. 117).

Essa sensação de pertença parece ser o objetivo de muitas das ações coordenadas pelo Supereu, e sua busca de condutas uniformes, aceitas pelas suas regras introjetadas. Também, essas substituições de catexias de objeto por identificações serão contribuições fundamentais para a construção do caráter.

Ao tomar conhecimento da estrutura que chancela a composição de grupos, o autor esclarece que esta é a mesma que conduz “. . . à distinção entre o ego e o ideal do ego e à dupla espécie de vínculo que isso possibilita: a identificação e a colocação do objeto no lugar do ideal do ego” (Freud, 1921/1996, p. 140), evidenciando a importante relação entre o Eu e o ambiente.

Dessa construção coletiva, gradativa e ininterrupta, “. . . atribuímos às tendências morais e estéticas do ego a função de incentivar a repressão . . .” (Freud, 1923/1996, p. 48), e traz à tona o questionamento acerca das demais maneiras de se defender que o indivíduo conhece.

3.2 O EU QUE SE DEFENDE, E DEFENDE ALGO DE SI

O autor retoma, em um de seus últimos textos, “Análise terminável e interminável” (1937/1996) a concepção de que, ao longo da vida, o Eu irá assumir a função de mediação entre o Isso e o mundo externo, fundamentando essa mediação na manutenção de uma existência interna, concomitante à anuência a regras que possibilitem a permanência e manutenção da vida em sociedade, e a defesa contra ameaças oriundas dessa convivência com o ambiente. Entretanto, pode ocorrer, segundo o autor, de o Eu “. . . adotar uma atitude defensiva também

para com seu próprio id, e a tratar as exigências instintuais deste último como perigos externos . . .” (Freud, 1937/1996, p. 252).

A percepção de necessidade de manter uma postura defensiva em relação aos próprios instintos ocorre pela percepção de que essas demandas instintuais poderiam tornar-se fontes de conflito com o mundo externo, conflito este que o Eu vem se especializando em identificar e evitar: “. . . sob influência da educação, o ego se acostuma a remover a cena da luta de fora para dentro e a dominar o perigo *interno* antes que tenha se tornado *externo* . . .” (Freud, 1937/1996, p. 252).

Segundo Freud, com o decorrer do tempo, essa batalha passará a contar com mais uma nuance, além da necessidade de mediação entre o Isso e o mundo externo, sendo também internalizada parte desses conflitos, com a diferenciação do Eu que passa a ser nomeado Supereu. A evitação de desprazer, o perigo e a ansiedade passam a demandar a constituição dos mecanismos de defesa.

Segundo o autor,

Os mecanismos de defesa servem ao propósito de manter afastados os perigos. Não se pode discutir que são bem sucedidos nisso, e é de duvidar que o ego pudesse passar inteiramente sem esses mecanismos durante seu desenvolvimento. Mas é certo que também eles próprios podem transformar-se em perigos. Às vezes, se vê que o ego pagou um preço alto demais pelos serviços que lhe prestam (Freud, 1937/1996, p. 253)

correndo, portanto, o risco destes se tornarem também uma fonte de conflitos.

Freud irá elucidar, nesse texto, o fato de que cada indivíduo faz uso de uma quantidade selecionada de mecanismos de defesa, cuja construção fez sentido, individualmente, durante os primeiros anos da constituição do Eu. Daí remonta ao fato de que tais mecanismos de defesa tendem a uma concepção infantilizada, uma vez que, a cada contato com situações que remontam à original, que originou o mecanismo, a resposta se mantém.

Dessa forma, um Eu adulto, mais robustamente constituído, irá se manifestar diante de ameaças que não mais existem na realidade, tal como existiam quando esse Eu era menos integrado. Pode também se ver impelido a buscar, nessa realidade, situações em que esses perigos infantis possam ser mimetizados, visando justificar o comportamento defensivo com o qual esse Eu está familiarizado. Desse funcionamento, Freud irá destacar o movimento de alienação do Eu com relação à realidade, assim como um enfraquecimento desse Eu supostamente adulto, que abre caminho para o adoecimento psíquico.

Ainda sobre os mecanismos de defesa, Freud (1937/1996) irá ressaltar a importância dos mesmos no processo analítico, no qual reaparecem sob o formato de resistências contra o avanço das investigações do inconsciente. Desse modo, “. . . o ego trata o próprio restabelecimento como um novo perigo” (Freud, 1937/1996, p. 254).

3.2.1 Ensaio para a defesa

Freud irá nos apresentar, na segunda tópica, o conceito de compulsão à repetição. Freud irá destacar o fato de que, além e de maneira independente do princípio do prazer, operam outras funções em nosso aparelho psíquico, identificando-os como funções primordiais, relativas aos dias em que nosso aparelho mental se indiferenciava do meio.

Isso irá emprestar à compulsão à repetição um caráter instintual, uma maneira primordial de buscar controlar os resultados das ações inauguradas pelo organismo primitivo. Em uma primeira observação, Freud descreve a brincadeira infantil como protótipo dessa compulsão. Para o autor,

No caso da brincadeira, parece que percebemos que as crianças repetem experiências desagradáveis pela razão adicional de poderem dominar uma impressão poderosa muito mais completamente de modo ativo do que poderiam fazê-lo simplesmente experimentando-o de modo passivo. Cada nova repetição parece fortalecer a supremacia que buscam. (Freud, 1920, p. 46)

A percepção dessa repetição, embora pareça prazerosa, não é o suficiente para colocar essa tendência na dependência do princípio do prazer, parecendo apontar para uma função independente desse, que irá operar a partir de uma premissa anterior à fruição ou mesmo à evitação do desprazer (Freud, 1920/1996).

Isso ocorre porque, para Freud, a produção de angústia, bem como a consequente tendência à repetição de fatores angustiantes se apresenta como uma maneira de evitar o susto que advém de uma situação inesperada. Uma ab-reação direta, a partir da possibilidade de controle total (embora pouco provável) da situação, parece ser o objetivo dessa composição (Freud, 1920/1996).

Essa concepção irá direcionar as modificações propostas por Freud, com o advento da segunda tópica. O autor passará, a partir daí, a considerar a psicanálise uma maneira de conduzir o tratamento através das resistências do paciente, considerando que, na condução terapêutica,

por vezes não será possível tornar o conteúdo inconsciente consciente, senão por intermédio da repetição.

Passa-se, então, a compreender que a técnica psicanalítica perpassa a possibilidade de repetir o material reprimido, atualizando-o. Surge, assim, a necessidade de compreender a compulsão à repetição.

Para o autor, “A *proteção contra* [grifo do autor] os estímulos é, para os organismos vivos, uma função quase mais importante do que a recepção deles” (Freud, 1920/1996, p. 38), o que localiza a repetição como função importante para permitir um ensaio, um treino acerca de qual maneira pode-se controlar os resultados externos, mas não a defesa em si.

O autor destacará que as maneiras de se defender sempre serão oriundas do Eu, uma vez que, por parte do recalcado existe sempre uma pressão ascendente, buscando a liberação das quantidades de energia isoladas da consciência (Freud, 1920/1996; Freud, 1937/1996).

Assim, a defesa irá operar como representante do princípio do prazer, enquanto a repetição, assim como os processos de angústia, embora obtenha como resultado uma parcela de descarga energética direta, são independentes desse princípio.

3.2.2 Defesas possíveis

A atuação das inibições sobre o Eu, e a partir dele, é a característica que irá, segundo Freud, diferenciá-las ou aproximá-las dos sintomas.

É no texto “Inibições, sintomas e ansiedades” (1926[1925]/1996) que Freud apresenta, enfim, a teoria de que o Eu, através das inibições, renuncia a parcelas significativas de suas possibilidades de fruição, como maneira de evitar um dispendioso conflito com as estruturas do Eu e do Supereu, sendo essa mais uma maneira de defender-se de conflitos internos (Freud, 1926[1925]/1996).

Assim, embora possam compor um sintoma, quando vinculadas a questões patológicas, as inibições não se encontram no mesmo plano dos sintomas, mas podem ser vistas como uma maneira sutil de defender-se, afastando-se de potenciais fontes de conflito. O autor destaca, inclusive, a presença dessas inibições, em adoecimentos analisados durante sua carreira, nos quais não eram encontrados sintomas clássicos.

Enquanto a inibição se trata de uma “. . . restrição normal de uma função” (Freud, 1926[1925]/1996, p. 91), os sintomas, por sua vez, irão, invariavelmente, apresentar uma

característica acentuadamente patológica. Para o autor, o sintoma irá caracterizar uma modificação inusitada, ou a construção de nova função, alterando-a para além de uma atenuação.

O autor, ao destacar o processo funcional envolvido na caracterização desses dois elementos, irá repassar as funções do Eu, visando acrescentar pontos de percepção à sua classificação da neurose. Assim, retomamos a importância dessas formas de defesa na constituição e constante (re)configuração do Eu.

Além de funções como a de locomoção e nutrição, destacadas por Freud, a presente pesquisa destacará duas funções que parecem fundamentalmente vinculadas à integração do Eu, bem como à manutenção de sua permanência em sociedade. São elas:

- a) **função sexual:** no que concerne a essa função, as inibições simples irão se mostrar presentes. Podem ser classificadas dentro da definição de impotência psíquica, seja por um afastamento da própria libido, ausência de preparo físico ou abreviação do ato sexual. As inibições da função sexual parecem estar relacionadas intrinsecamente com as atribuições culturais, sendo encontradas, de variadas maneiras, em distintas sociedades descritas por Freud (1913[1912-1913] /1996; 1926[1925] /1996).
- b) **função laboral:** o autor identifica um sentimento de inibição no trabalho, caracterizado por uma diminuição no prazer em realizá-lo, redução do sentimento de capacidade, ou mesmo sintomas físicos, que limitarão sua execução. Essas inibições, tanto em suas variantes corriqueiras, quanto nas componentes de sintomas, são enumeradas por Freud em seus trabalhos teóricos, bem como em seus estudos de caso (Freud, 1909/1996; 1926[1925] /1996).

A essas inibições de função podem-se somar outras manifestações que poderão tornar-se sintomáticas.

3.2.3 Respostas ao possível

Avançando sobre as manifestações do Eu, bem como sobre as tentativas de controle do Isso, Freud irá investigar qual a influência que o Eu exerce sobre o Isso, ao perceber que, na resposta indireta dada aos impulsos instintuais ativados, existe um poder de recalçamento que parte do Eu, amplamente tratado até então na teoria, cuja gênese ainda não havia sido definida (Freud, 1926[1925]/1996).

Ao reinaugurar a temática do recalque, Freud retomará as percepções já enunciadas, que caracterizam o mesmo como análogo do movimento de fuga deflagrado pela percepção de ameaça externa primitiva. Assim, da mesma forma, o recalque busca afastar-se, desviar-se, ou tornar a ameaça menos importante do que primeiramente estipulado. Nesse ponto da obra, Freud irá apresentar sua tese de que a ansiedade caracteriza o desprazer oriundo de investimentos que podem inaugurar alguma forma de conflito, disparando com sua presença o processo de defesa.

Ao longo desse texto, o autor ressalta que se

Pressupõe a atuação *das repressões primitivas* [grifo do autor] mais antigas que exercem atração sobre a situação mais recente . . . É altamente provável que as causas precipitantes imediatas das repressões primitivas sejam fatores quantitativos, tais como uma força excessiva e o rompimento do escudo protetor contra os estímulos. (Freud, 1926[1925]/1996, p. 98)

Podemos comparar esse trecho com outro contido no “Projeto...” (1950[1895]/1996), escrito cerca de 30 anos antes, e pensar como a teoria freudiana se renova, evolui, mas não abandona sua origem e coerência interna.

O autor segue com o caminho em consonância com o projeto, destacando suas dúvidas acerca da possibilidade de estipular ou não um traçado rígido entre o recalque primeiro e suas manifestações posteriores, ressaltando a fluidez necessária aos processos mentais na constituição das estruturas do Eu e de suas derivações, como é o caso do Supereu. Em todo caso, o autor ressalta que, necessariamente antes de haver um Supereu destacado do Isso, os processos de angústia já se mostravam presentes, o que nos traz indícios de uma concomitância entre o padecimento da angústia e a necessidade de criar barreiras à sua atuação.

Assim, a defesa apenas se torna aparente nos momentos em que não é eficiente, uma vez que o objetivo primordial do organismo é a própria manutenção e conservação. Abalos serão deflagradores de sensações que darão início aos processos de defesa, os quais, por sua vez, agirão para evitar sua repetição.

3.2.4 A clínica das Defesas

Quarenta e quatro anos após os dois primeiros textos em que aborda os processos de defesa como parte da etiologia de patologias específicas (neuropsicoses de defesa) Freud nos deixa o excerto de um texto que parece trazer a marca de uma leitura mais ampla dos processos

de defesa, segundo a qual ele irá destacar o amadurecimento do Eu, que inicia sua trajetória como um receptor de intensas exigências instintuais, ameaças do mundo externo, sensações físicas.

A esse Eu é posta uma escolha, entre “decidir reconhecer o perigo real, ceder-lhe passagem e rejeitar a satisfação instintual, [ou] rejeitar a realidade e convencer-se de que não há razão para medo, de maneira a poder conservar a satisfação” (Freud, 1940[1938] /1996, p. 293).

Diante dessa escolha, o que o autor percebeu, ao longo de seus anos de investigação analítica, foi o manejo que esse Eu realiza, em que

Ambas as partes na disputa obtêm sua cota: permite-se que o instinto conserve sua satisfação e mostra-se um respeito apropriado pela realidade. Mas tudo tem de ser pago de uma maneira ou de outra, e esse sucesso é alcançado ao preço de uma fenda no ego, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa. (Freud, 1940[1938] /1996, p. 293)

Para o autor, essa seria a fonte de uma cisão em partes do Eu, que todo indivíduo irá apresentar, em uma ou outra dimensão e a partir de sua capacidade individual para lidar com os conflitos com que se depara. Assim, Freud reforça o que fora tratado em seus trabalhos sobre “Neurose e Psicose” (1924[1923] /1996), nos quais percebe que todo neurótico também irá renunciar a algo da realidade, optando, em alguma parcela, por manter-se nessa posição do Eu primitivo, garantindo a si um local onde a satisfação instintual será possível, mesmo que de maneira deformada ou deslocada, de acordo com os mecanismos de que se lance mão.

Segundo o autor, a fundamental diferença entre neurose e psicose é a localização do conflito, sendo no primeiro um conflito definido entre Eu e Isso, no qual o que se busca é responder a uma exigência do Supereu, enquanto no segundo, o Eu confronta-se com a realidade propriamente dita, em busca de uma fruição irrestrita, em consonância com as exigências instintuais próprias do Isso. Assim, embora em ambos exista um processo de renúncia, o neurótico renuncia a suas representações, enquanto o psicótico realiza essa operação na própria tessitura da realidade (Freud, 1924[1923]/1996).

Para Freud, na psicose, o delírio se apresenta como uma tentativa de remendo diante do conflito entre o Eu e o mundo externo. Assim, são dois os riscos para o Eu: não abrir mão, de maneira rígida e inflexível, de sua conexão com a realidade, e, por essa razão, tentar silenciar o Isso que produz uma tentativa de recuperação; ou permitir que o Isso se encarregue totalmente, renunciando à realidade em detrimento de sua solução.

Ainda em seu estudo comparativo sobre “Neuroses e Psicoses” (1924[1923]/1996), Freud destaca a importância de manter-se no horizonte o fato de que essas demandas oriundas dos conflitos entre o Eu e as diferentes instâncias são com frequência bem-sucedidas, não deixando rastro atrás de si, e que o sucesso no manejo desses conflitos pode ser equiparado a uma condição de não perturbação mental, estabilidade.

Assim, o autor mantém sua perspectiva econômica como central na definição do que pode ser concebido como normal, sustentando ao longo de sua teorização a concepção de que conflitos, defesas, e compromissos estabelecidos entre estes estão presentes em todo indivíduo, o que irá variar será a intensidade e eficácia com a qual irão ocorrer (Freud, 1924[1923]/1996).

Com o seguimento que dá a seus estudos comparativos, em “A perda da realidade na neurose e na psicose” (1924/1996), Freud irá consolidar sua percepção de que o Eu se poupa e se defende, também, ao permitir deformações, deslocamentos, ou mesmo cisões que o direcionem para longe de uma ruptura completa ou do risco de aniquilação real (Freud, 1924[1923]/1996; 1924/1996).

Quando o Eu começa a se defender, evidencia-se a fragilidade da organização genital, ou até mesmo sua incompletude, favorecendo, assim, a regressão a fases anteriores da organização genital. No caso das neuroses obsessivas, para a fase anal-sádica, onde houve fixações de desenvolvimento.

Nesse ponto, Freud retoma a necessidade de compreender o termo “defesa” a partir de uma perspectiva mais ampla, abrangendo em si as diversas maneiras de se defender, que serão determinadas por cada sujeito a partir de sua constituição psíquica (Freud, 1926[1925]/1996).

Ao pensar nas maneiras possíveis de conduzir suas defesas, Freud encontrará nas soluções mistas uma opção para promovê-las sem se aproximar dos graves adoecimentos que estudou ao longo de sua vida. Desta forma, soluções mistas, nas quais é possível ignorar parcelas angustiantes da realidade, e mesmo direcionar a energia motora para modificar o mundo a seu redor se revelariam como maneiras adaptativas de promover o encontro entre as formas de responder à realidade e a manutenção de uma existência dentro dos limites do que o autor chama de “normalidade” (Freud, 1924/1996).

Retoma-se, inclusive, o mundo da fantasia, como modo de aproximação entre neurose e psicose, e uma forma de exercer maior controle sobre a realidade, sem sacrificar a relação com ela. Frouxamente ligado ao Eu, promove mudanças de acordo com desejos, aspirações e

medos, possibilitando, também, ensaios de realidade, aos moldes do brincar infantil, conforme relatado por Freud em seu “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920/1996; 1924/1996).

Ao retratar as diferentes maneiras de defender-se catalogadas ao longo de sua obra, Freud irá retomar com frequência a temática das resistências, uma maneira particular de defender-se, no contexto analítico, a qual, ao encontrar um local para se embrenhar, mostra-se intransponível. Essa intransponibilidade Freud compara às lendárias fronteiras russas (Freud, 1920b/1996).

Ao discorrer sobre o caso de uma jovem, cujo pai solicitou o atendimento, Freud destaca as particularidades desse dispositivo, capaz de, mesmo ao trazer luz à causa de sintomas e favorecer relações e interpretações ricas por parte dos pacientes pesquisados, não favorece a melhora de suas manifestações. A esse fenômeno Freud atribui uma “reserva mental de dúvida” (Freud, 1920b/1996, p. 175), que ao ser tocada, deflagra a verdadeira batalha que dará a tônica do processo analítico.

Assim, uma pressão de resistência realmente alta impede o avanço da análise, ao passo que sua presença é indispensável, justamente por indicar o caminho pelo qual a análise deve trilhar (Freud, 1920b/1996; 1923[1922] /1996).

A rejeição também será uma maneira de defender-se, conforme demonstrou Freud no importante texto “O feitichismo”, de 1927. Sobre a rejeição, veremos como o Eu é capaz de, simultaneamente, reter e rejeitar aspectos da mesma ideia. Assim, as parcelas concebidas como permitidas pelo Eu de serem mantidas tornam-se supervalorizadas, gerando um substituto parcial, enquanto os aspectos angustiantes são totalmente rechaçados do Eu. Sobre esse processo, Freud irá destacar que “. . .o horror da castração ergueu um monumento a si próprio na criação desse substituto” (Freud, 1927/1996, p.157).

Também “A negativa” (1925/1996) contém uma importante contribuição de Freud acerca das maneiras pelas quais o Eu se tornará capaz de se aliviar dos conteúdos reprimidos. Por meio desse mecanismo, um pensamento outrora conflitivo ou insuportável, torna-se acessível ao consciente contanto que seja possível emití-lo como uma negativa.

Freud irá esclarecer que o inconsciente não reconhece construções negativas, “Assim, o conteúdo de uma imagem ou ideia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja *negado*. A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido” (Freud, 1925/1996, p. 265) e, diante da possibilidade de emitir julgamentos

racionais com base nos conteúdos recalcados, o indivíduo irá apresentar duas categorias de julgamentos possíveis.

A negativa torna possível uma temporária “suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido” (Freud, 1925/1996, p. 266), uma vez que para o autor, ao se emitir um juízo negativo, ativa-se a passagem deste por um crivo racional, um substituto intelectual do recalque. O julgamento pode igualmente introjetar ou projetar os conteúdos, afirmar ou negar a posse de um pensamento. Esse movimento Freud nomeará de primeira categoria de decisão dos julgamentos (Freud, 1925/1996).

Seguindo a leitura desse importante artigo, Freud destacará o teste de realidade como segunda função de julgar. Desta forma, caberia ao Eu o julgamento acerca da possibilidade de encontrar correlatos na realidade de conteúdos presentes no Eu. Assim, “. . . o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não *encontrar* na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas *reencontrar* tal objeto, convencer-se de que ele está lá [grifo do autor]” (Freud, 1925/1996, p. 267).

Acreditamos que essa concepção retorna ao primeiro movimento do indivíduo, em uma outra fase de desenvolvimento, mostrando-se uma especialização do movimento das regras biológicas enunciadas no primeiro capítulo (Freud, 1895[1950]/1996), que demonstra que o indivíduo sai de uma forma de satisfação autoerótica e busca no ambiente meios de satisfazer-se e manter a própria existência.

Em um de seus últimos textos, Freud irá retomar a negativa, reforçando a perspectiva de que esse movimento parece liberar o pensamento de uma parcela das consequências do recalque, um movimento que visa, portanto, um alívio energético, simultâneo à manutenção dos acordos firmados entre as diferentes estâncias do aparelho psíquico (Freud, 1937/1996).

Sobre a formação dos sintomas, que tornam as falhas nas defesas uma questão notável, o autor destaca que no processo de recalçamento, o impulso instintual encontrou um substituto, reduzido, descolado e inibido, que embora tenha sido bem-sucedido no trabalho de retirar o afeto do impulso, falhou ao entregar a satisfação. Com isso, esse novo impulso assume a característica de uma compulsão, que leva à repetição contínua de padrões (Freud, 1926[1925]/1996).

Freud (1926[1925]/1996) explorará, ainda acerca dos sintomas, a maneira como o Eu também pode ser capaz de integrar um determinado sintoma em uma lógica funcional, fazendo dele um uso que favorecerá a economia energética do aparelho psíquico. Assim, a presença de

um sintoma que desvia para si parte da energia do aparelho psíquico pode ser a razão para se evitar um conflito com o Supereu ou também para justificar uma retração com relação a exigências do mundo externo. Sintomas encontram-se no meio termo entre a necessidade de satisfação e de punição, e uma harmonia nesse compromisso pode ser vinculada à concepção de cura, considerada rara pelo autor, que alerta para o risco de supervalorizar uma adaptação secundária do paciente à sua própria neurose (Freud, 1937/1996).

Com essa conclusão sobre o caráter conciliador que pode ser atribuído ao sintoma, retornamos nosso olhar para a concepção do Eu, entre as exigências que poderão contribuir para a formação de caráter, tomadas pelo Supereu a partir do ambiente; e o próprio ambiente externo, observado e interpretado a partir dos recursos que esse Eu construiu para apreendê-lo.

Freud irá demonstrar o sucesso com que o Eu é capaz de recalcar os dois impulsos instintuais básicos, agressivos e ternos, deixando pouco escapar, apenas o suficiente para conduzir à análise. Para tanto, usa como ilustração os casos de Pequeno Hans e o Homem dos lobos, a partir dos quais demonstra a intensidade da força com que esse Eu irá tencionar silenciar os instintos. Freud ainda chama a atenção para os processos regressivos, que trarão uma complicação a mais para a análise dos casos de defesas primordiais (Freud, 1926[1925]/1996).

O autor também mencionará a formação reativa, caracterizada por exageros na formação do caráter, além da regressão e repressão como formas de defesa que parecem totalmente vinculadas à situação social na qual o Eu se encontra.

Essas formações reativas parecem tratar de um Eu que se assusta com as incitações agressivas do Isso na ocasião de sua entrada na adolescência, caracterizando essas incitações como desvios do embate com a libido e com os impulsos eróticos. Esse assombro, e a consequente formação reativa aparecem, para o autor, na base da constituição da neurose obsessiva (Freud, 1926[1925]/1996).

Ainda no campo da neurose obsessiva, amplamente explorado pelo autor, é possível se deparar com momentos em que o Eu é bem-sucedido em manter afastados os instintos do Isso, não percebendo nenhuma vinculação afetiva com os sintomas produzidos, tampouco com o Supereu, ao passo que, ao compor toda uma nova série de sintomas a fim de mantê-los afastados, pode dar vazão às intenções masoquistas reforçadas pela regressão.

As formações sintomáticas, constituintes das neuroses propriamente ditas, podem ser interpretadas como “fracasso completo da finalidade original de defesa” (Freud,

1926[1925]/1996, p. 119), em que o autor nos expõe a existência de um tipo de Eu excessivamente restrito, dedicado a encontrar satisfações em sintomas.

O deslocamento da distribuição das forças em favor da satisfação pode ter o temido resultado final de paralisar a vontade do ego, que em toda decisão que tem de fazer é quase tão fortemente impelido de um lado como do outro. O conflito superagudo entre id e superego, que tem dominado a doença bem desde o começo, pode assumir proporções tão amplas que o ego, incapaz de executar sua ação de mediador, nada poderá empreender que não seja atraído para a esfera daquele conflito. (Freud, 1925[1926]/1996, p. 119)

Anos depois, Freud irá retomar as alterações do Eu decorrentes do processo de defesa, um efeito ocasionado pelo afastamento daquilo que Freud destacará como um processo ficcional, o “Eu normal” (Freud, 1937/1996).

Freud segue se questionando se toda alteração no Eu se dá durante os primeiros anos de sua constituição, que foram campo de intensas lutas defensivas e mediações complexas. O autor trará como fato inquestionável a existência de uma parcela inata, original e distintiva de cada indivíduo, que se manifesta nas formas com que cada Eu irá definir suas formas de defesa, “. . . cada ego está dotado, desde o início, com disposições e tendências individuais” (Freud, 1937/1996, p. 257).

Freud irá retomar a discussão acerca do conflito a partir da concepção do instinto de morte, de uma tendência ao conflito e à destrutividade, concorrente a Eros, ressaltando que

. . . no decurso do desenvolvimento do homem de um estado primitivo para um civilizado, sua agressividade experimenta um grau bastante considerável de internalização ou volta para o interior; se assim for, seus conflitos internos certamente seriam o equivalente apropriado para as lutas internas que então cessaram. (Freud, 1937/1996, p. 261)

O autor destaca, constantemente, a percepção de quanto o Eu pode se achar impotente, no sentido de, ao reforçar sua característica de fronteira, precisar defender-se tanto de um Isso submisso aos instintos de morte, quanto de censuras autopunitivas construídas a partir de protótipos internalizados de figuras externas primitivas e regramentos sociais, o Supereu (Freud, 1923/1996).

3.3 ESTAR NA CIVILIZAÇÃO, NUNCA CONFORTÁVEL²¹

Na obra “O mal-estar na civilização” (1930[1929/1996]), Freud integrou seus estudos acerca do desenvolvimento do homem inserido em um sistema social, abarcando o trabalho desenvolvido ao longo de mais de 40 anos de pesquisas conduzidas em psicanálise.

O autor inicia com uma extensa retomada de sua teoria acerca do desenvolvimento infantil, no qual o Eu, com o passar do tempo, nota-se contrastado com o seio materno, sofrendo e dependendo de seu retorno. Diante dessa falta, desperta sensações de fome, e reações de exigência. Com o conteúdo até então exposto, podemos concluir que esse desconforto é projetado ao ambiente externo, que passa a ser reconhecido como faltante, frustrante, estranho.

Com o passar do tempo, o Eu expulsa de si o mundo externo. Esse Eu encontrava-se indiferenciado, imerso no todo. Sentimento oceânico que o indivíduo busca, ao longo de sua vida, em comunidades, religiões, agrupamentos, representante de um sentimento primitivo do Eu não integrado, imerso no ambiente. Pode-se considerar, portanto, que o Eu também é capaz de projetar no ambiente externo suas possibilidades de sentir-se completo, (re)imerso em um ambiente que seja somente prazer (Freud, 1930[1929]/1996, 1927a/1996).

Com o advento da sociedade, na qual o ser humano encontra as vantagens de agrupamentos, Freud destaca que surgem renúncias necessárias desencadeantes de toda uma série de frustrações e desconfortos. Assim, o autor refere a importância de cada indivíduo construir defesas, também, para os sofrimentos decorrentes de estar vivo.

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la . . . derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela. (Freud, 1930[1929]/1996, p. 83)

Freud irá enumerar as fontes de nosso sofrimento enquanto espécie como sendo três, duas das quais nos impulsionam para as adaptações tecnológicas e evoluções, diante do poder superior da natureza e a constatação de nossa fragilidade física. Já a terceira trará toda uma gama de desconfortos, os quais exploraremos mais adiante. Trata-se, portanto, da “. . . inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (Freud, 1930[1929]/1996, p. 93).

²¹ Segundo o editor inglês, a palavra desconforto foi sugerida por Freud como uma opção à tradução do alemão sendo, entretanto, rejeitada em detrimento da tradução final, mal-estar (Freud, 1930[1929]/1996).

Os dois primeiros não possuem, para o autor, efeito paralisador, pelo contrário, possuem o germen da adaptação e do aprimoramento, ao passo que quanto à terceira fonte de sofrimento, não se permite, sequer, admiti-la como tal. Parece haver, para o autor, um movimento, já na base dessa constatação, de negação dessa percepção.

Freud irá discorrer sobre o significado de civilização, destacando que esse processo, cujo passo decisivo foi a troca do poder do indivíduo, representado pela força bruta, pelo poder da comunidade, é definido pela somatória de regras e sucessos empreendidos em construções que nos diferem dos demais animais, que terão dois objetivos principais, proteger os seres humanos da natureza e regulamentar os relacionamentos (Freud, 1930[1929]/1996).

Com o objetivo de cumprir o segundo intento, surge, portanto, a necessidade de justiça, como uma maneira de garantir que uma lei, uma vez estabelecida, não será descumprida. Repousa, aí, um dos pontos mais desafiadores do processo civilizatório. Para Freud, “A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização” (Freud, 1930[1929]/1996, p. 102), e saber lidar com essa constatação, e as possibilidades que ela apresenta é tarefa árdua para o ser humano.

Para o autor, estar em sociedade

É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. (Freud, 1930[1929]/1996, p. 91)

3.3.1 Civilização em conflito

Freud reitera que, no encontro do processo de integração do Eu e sua pertença a um ambiente externo a si, o Eu irá fixar-se em algumas reações. Esse processo nos remete a construções de caminhos facilitados enunciados por Freud há mais de 40 anos. O que determinará a fixação em situações de perigo antigas é uma relação quantitativa, capaz de determinar, a partir da intensidade percebida do estímulo, se haverá a preservação (o recalque) por parte do Eu, mantendo, assim, esse afeto ativo, como ocorre nas neuroses infantis.

São três os fatores, relata o autor, capazes de criar o conflito que vem sendo nosso objeto de análise por todo o período:

Fatores biológicos, inaugurados pelo desamparo inerente ao bebê humano, oferecendo um risco real de desintegração, surgem reforçados pela concomitante diferenciação primordial

entre Eu e Isso. Assim, primitivamente, o mundo externo é percebido como tudo que é ameaçador, e que deve ser evitado. A seguir, o alento e o fornecimento de alimento e calor promovido pelo ambiente desenvolve o protótipo para a necessidade de ser amado que acompanhará esse sujeito, e que desenvolverá toda uma gama de ansiedades já enunciada (Freud, 1950[1895]/1996, 1926[1925]/1996).

Fatores filogenéticos, a partir dos quais Freud trata das inferências históricas que exigem do ser humano uma interrupção no desenvolvimento da sexualidade. Essa interrupção se dá pelo fato de que grande parte dos impulsos sexuais infantis é tratada pelo Eu como um perigo a ser evitado, ocultado, rejeitado.

O efeito desse temor do Eu parece ser o de que, quando o indivíduo pode dar vazão a esses instintos, ele corre riscos, como o de regredir a seus protótipos infantis. Assim sendo, seria levado, na melhor das hipóteses, a construir novos recalques, formações reativas, sintomas. Refere-se aqui à etiologia das neuroses.

Com isso, o autor aponta para **fatores psicológicos** que possam causar desgaste ao aparelho mental, relacionados com a diferenciação acima mencionada entre Eu e Isso. Trata-se, segundo o autor, de uma categoria de mal funcionamento, na qual o Eu, visando proteger-se de cargas instintuais intensas, estabelece conflitos entre ambas as estruturas, não sendo bem-sucedido em uma defesa propriamente dita. Resta ao Eu, portanto, lançar mão de engenhosos subterfúgios, restritores de sua atuação em alguns pontos, e erigir sintomas para manter esses impulsos afastados (Freud, 1926[1925]/1996).

Todas essas maneiras de defender-se parecem estar vinculadas às estratégias lançadas pelo Eu de manutenção da existência, não apenas em um sentido físico, mas também na sua relação com o ambiente, na manutenção de seu status social, onde também é possível encontrar formas de satisfação, assim como de desconforto.

3.3.2 Trabalhar e Amar — matéria e ameaça à civilização

No processo civilizatório, diante do desafio de modificar sua realidade visando a ampliar a obtenção de satisfação e conforto, foi fundamental para a humanidade trabalhar coletivamente para esse fim ou encontrar antagonismos ao que se considerava, então, como satisfação (Freud, 1921/1996).

Para ser capaz de usufruir desse maior nível de conforto, lançar-se ao trabalho modificador, em conjunto com indivíduos que possuíam esse mesmo objetivo, é o germe da práxis, evidenciando-se sua intrínseca relação com a dinâmica instintual. Além disso, o homem primitivo torna-se capaz de renunciar à fruição de um objeto sexual a fim de manter-se dentro de uma forma de relacionamento pautada por regras externas, fomento para a realização do amor. “O amor tornou, portanto, o homem primitivo perigosamente refém do ambiente, na figura do objeto de amor escolhido” (Freud, 1930[1929]/1996).

Freud dará mais complexidade à sua concepção a respeito da função civilizatória do amor, uma vez que, em sua primeira apresentação sobre o tema, no trabalho sobre “Psicoterapia de grupo” (1921/1996) delineará o amor como um aliado à civilização, a partir da percepção de que esse sentimento seria capaz de suspender o narcisismo, direcionando o indivíduo a um objeto totalmente externo.

Ocorre que, com o aprofundamento de seus estudos, o autor irá concluir que essa função do amor possui um efeito temporário: a “. . . incompatibilidade entre amor e civilização parece inevitável . . . expressa-se a princípio como um conflito entre a família e a comunidade maior a que o indivíduo pertence” (Freud, 199[1930]/1996, p.108).

A exploração da energia sexual redirecionada para outros aspectos da vida instintual é retratada por Freud como uma das grandes operações do processo civilizatório. Por outro lado, esse redirecionamento energético, no nível econômico, irá abrir espaços conflitivos, uma vez que, conforme exposto anteriormente, os compromissos firmados em prol da vida em sociedade são realizados apenas em alguns estratos de nosso aparelho psíquico.

Além disso, Freud chamará atenção para mais um sacrifício demandado pela civilização, pois a mesma inclinação para a agressividade que apresenta no início de sua segunda tópica (Freud, 1920/1996), no nível do indivíduo, é um fator também notável no nível social, reinaugurando, nesse cenário, o mesmo temor de desintegração experienciado individualmente (Freud, 1930[1929]/1996).

A solução para essa questão vem pelo enfeixamento de diversos indivíduos em uma causa comum. Aos moldes da integração promovida pelo narcisismo em torno de um determinado objeto interno, nesse ponto da civilização, ocorre esse relacionamento “grupal” de amor, como nos diz Freud, no qual é possível descarregar a agressividade do grupo em um outro grupo que possua semelhanças suficientes com o original para dar vazão: o que Freud nomeará

de narcisismo das pequenas diferenças, as agressividades originárias que poderiam colocar em risco o tênue equilíbrio dos grupamentos (Freud, 1921/1996).

Assim, “. . . na formação do superego e no surgimento da consciência, fatores constitucionais inatos e influências do ambiente real atuam de forma combinada” (Freud, 1930[1929]/1996, p. 133), o que parece coadunar com as percepções obtidas ao longo da obra de Freud.

Essa percepção aponta para a indissociação entre o ambiente externo e o favorecimento do processo de integração do Eu, que será impulsionado para fora, ou seja, de sua posição autoerótica originária para um ambiente, no qual também será capaz de encontrar estímulos e satisfação, e do qual também terá de ser capaz de se defender.

Ao retomarmos a concepção freudiana de que o indivíduo irá se desenvolver como resultado de uma interação entre dois impulsos — um que o lança em direção à felicidade, usualmente, segundo o autor, nomeado como egoísta, e outro que busca o bem-estar comum, altruísta (Freud, 1930[1929]/1996) —, caminhamos para a observação de que, entre o bem comum e o bem individual, situa-se um indivíduo que busca desenvolver sua própria vida.

3.3.3 O Eu é integrado pela pressão externa e constrói o externo com suas impressões

Ao chegar nas obras finais, Freud segue evoluindo com sua elaboração teórica, de modo que no texto “Análise terminável e interminável” (1937/1996), há um interessante desdobramento a respeito dos conflitos descritos por ele na segunda tópica.

Ao retomar o desenvolvimento do indivíduo e sua conseqüente integração, o autor deixará evidente a atuação instintual e a potência com que as exigências desses instintos irão atuar, particularmente nos primeiros anos, mas também de maneira renovada, diante de situações da vida do indivíduo.

Ao apresentar os instintos de vida e morte em sua segunda tópica, Freud revisará a concepção de que todos os movimentos do aparelho psíquico sejam voltados para a obtenção de prazer para um entendimento ampliado de que, na verdade, esses movimentos estão inseridos em um circuito instintual, que irá corresponder ou à busca de integração e perpetuação, que são características dos instintos de vida, ou à correspondente busca pela desintegração e redução máxima de estímulos, identificada com os instintos de morte.

Essa concepção irá destacar a presença de um “elemento de agressividade livre” (Freud, 1937/1996, p. 261), presente na constituição de todo o conflito, e que direciona a percepção de que, embora localizado, ora no mundo externo, ora no mundo interno, os conflitos que são responsáveis pela manutenção e prolongamento da vida, em sua movimentação pendular entre as duas classes de instintos, responde sempre a esse circuito interno, instintual, e, portanto, psíquico.

Freud irá destacar uma tendência ao conflito e à destrutividade, concorrente a Eros, ressaltando que

. . . no decurso do desenvolvimento do homem de um estado primitivo para um civilizado, sua agressividade experimenta um grau bastante considerável de internalização ou volta para o interior; se assim for, seus conflitos internos certamente seriam o equivalente apropriado para as lutas internas que então cessaram. (Freud, 1937/1996, p. 261)

Seguindo a leitura dos textos, até o momento, o que parece ocorrer é que o mesmo desconforto que impulsiona o organismo a abandonar seu autoerotismo original, forçando-o a buscar alternativas para a manutenção de sua existência na relação com o ambiente, ao favorecer o destacamento e posterior enfeixamento de características no Isso, que dará origem ao Eu, proporciona a esse Eu o protótipo do que será lido como externo.

Assim, é impossível dissociar de seu próprio mundo interno a leitura que cada organismo realizará do mundo externo. O autor irá trazer como fato inquestionável que existe uma parcela inata, original e distintiva de cada indivíduo que se manifesta nas formas distintas com que cada Eu irá definir suas maneiras de se defender, “. . . cada ego está dotado, desde o início, com disposições e tendências individuais” (Freud, 1937/1996, p. 257).

Portanto, as defesas também se incluem nesse circuito instintual, uma vez que são, no mesmo movimento primitivo, erigidas como maneiras próprias de se manter no ambiente.

O autor defende a concepção de que, ao longo da vida, o Eu irá assumir a função de mediação entre o Isso e o mundo externo, fundamentando essa mediação na manutenção de uma existência interna, concomitante à anuência a regras que possibilitem a permanência e manutenção da vida em sociedade, e a defesa contra ameaças oriundas dessa convivência com o ambiente. Entretanto, pode ocorrer, segundo o autor, que o Eu adote “. . . uma atitude defensiva também para com seu próprio id, e a tratar as exigências instintuais deste último como perigos externos. . .” (Freud, 1937/1996, p. 252).

A percepção da necessidade de manter uma postura defensiva em relação aos próprios instintos decorre do entendimento de que essas demandas instintuais poderiam tornar-se fontes de conflito com o mundo externo, conflito este que o Eu vem progressivamente se especializando em identificar e evitar.

A internalização de regras e figuras primitivas do ambiente externo, que irá constituir o Supereu, parece contribuir para essa tentativa de responder, de maneira ambivalente, às pressões externas e internas, acrescentando, dirá Freud, uma terceira camada aos conflitos que mantêm o indivíduo ocupado com a atividade de viver.

3.4 CONSIDERAÇÕES

Assim como um planeta gira em torno de um corpo central enquanto roda em torno de seu próprio eixo, assim também o indivíduo humano participa do curso do desenvolvimento da humanidade, ao mesmo tempo que persegue o seu próprio caminho na vida. (Freud, 1930[1929]/1996), p. 143)

A questão do conflito permeia o indivíduo desde o início da fundação de sua integração, mostrando-se não apenas fonte de sofrimento, mas matéria-prima para a construção e evolução do Eu. Esse conflito irá impulsionar o organismo a se organizar, levando em conta o mundo externo, sem, porém, desconectar-se completamente de seu mundo interno.

Reside aí, o que poderá ser considerado uma existência possível. Assim, a criatura fronteira que chamamos de Eu evolui, de acordo com ambos os lados de sua fronteira, a fim de se constituir de maneira permeável e firme, buscando sua existência dentro de uma sociedade, sem abrir mão, em um indivíduo bem-sucedido, de viver com o sentimento de autenticidade.

Freud irá lembrar, em seu texto “Psicologia de Grupo e a Análise do ego” (Freud, 1921/1996), que “Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego seguindo os modelos mais variados” (p. 139), o que torna essa possibilidade de flexibilidade do Eu fundamental, a fim de possibilitar ao indivíduo um trânsito honesto por esses círculos sociais.

Seguimos neste capítulo o fio lógico de Freud, que, ao nos apresentar as duas classes de instintos que inauguraram sua segunda tópica, acrescentou a dimensão de um instinto de agressividade, chamado instinto de morte, percebido pelo autor como polo organizador do já amplamente trabalhado instinto de vida.

Ainda segundo Freud, a presença dessas extremidades não se trata de uma polarização simples, ou de um antagonismo, em que um dos lados deve ser superado, mas sim de uma constante pulsante, responsável, na oscilação de seus movimentos, pela variedade e complexidade dos fenômenos humanos.

Assim, encerramos com a mesma palavra do início desta dissertação, mas agora em um ponto totalmente novo. O conflito é a partícula impulsionadora desse movimento pendular, percepção especial que cada organismo, desde sua gênese, e a partir dos movimentos igualmente singulares de seu ambiente, irá manejar, concordando suas características inatas com o que advém, como aprendizado, de seu sistema social.

Com isso, a integração de um sistema de categorias “psi”, chamada de Eu, emergirá, sendo seguida por mais um precipitado, o Supereu, construído pelas percepções do mundo externo, a partir do qual cada indivíduo irá se tornar capaz de complicar-se o suficiente no decorrer da existência, garantindo seu prolongamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa surge da escuta de pacientes que, diante da notícia de uma doença oncológica, mostram diferentes maneiras de posicionar-se, as quais possuem em comum a característica de serem modos de defesa. Surge também do incômodo gerado pelas observações de membros da equipe multiprofissional que destacam, com tom de reprovação, que o paciente está negando a doença, não está se ajudando, não entendeu que está doente ou está resistindo ao tratamento. Esses e tantos outros jargões do fazer hospitalar destacam, em comum, que membros de diferentes equipes de saúde reconhecem algo dos mecanismos de defesa acionados pelos indivíduos diante de diferentes momentos de sua passagem pela estrutura hospitalar.

O que esse trabalho tenciona destacar é que, se existe algo da ordem de uma defesa que é percebido, é pela razão de que algo precisa ser defendido. Assim, essa pesquisa se originou da tentativa de compreender o que o paciente, ao deslocar, recalcar, negar, denegar, projetar, entre outras maneiras de se defender, visa resguardar.

As defesas serão ponto de destaque durante a construção da teoria psicanalítica, de início emprestando seu nome para um tipo específico de psicose (“As Neuropsicoses de Defesa”, 1894/1996; 1896/1996), para em seguida deixar espaço para o desenvolvimento de um tipo específico de defesa que se tornou tão evidente na clínica que Freud chega a abandonar a nomenclatura defesa, passando a denominar, na primeira tópica, todas as manifestações dessa espécie como recalque (Freud, 1915/1996).

Com a ampliação do campo da psicanálise, e a evolução de sua teoria tópica, Freud irá se deparar com defesas manifestadas antes da produção de recalques, o que irá reinaugurar a necessidade de se utilizar do termo defesa para classificar um grupo maior, que ainda mantém o recalque em situação de destaque, mas não se restringe a ele.

Nossa investigação nesse primeiro capítulo enfocou a tentativa de compreender como se deu a descoberta da defesa no cenário clínico em que Freud conduzia suas pesquisas. Ao traçar um breve histórico das intenções de Freud, conforme sua compreensão da psiquiatria àquela época, buscou-se compreender a concepção de psicopatologia por ele inaugurada em oposição à orientação terapêutica então vigente. Essa nova concepção, assim compreendemos, contribuiu para uma análise diferenciada da própria concepção de saúde dominante à época, uma vez que rediscutiu a prática difundida de extirpação de sintoma, passando a integrar essas manifestações, mesmo que ainda percebidas como aflitivas e patológicas, à maneira do sujeito comunicar seus pensamentos, e de se defender de situações e memórias conflitivas.

Essa concepção realçou a relação estabelecida por Freud entre conflito e defesa, inaugurando, aí, uma nova maneira de conceber as manifestações dos pacientes neuróticos com os quais o autor trabalhava.

Posicionar a relação entre os conceitos de defesa e conflito, com base nessa percepção, parece ser um ponto fundamental de exame nesse primeiro momento, permitindo-nos sair da dicotomia saúde doença e explorar de maneira mais ampla a relação dos indivíduos tanto com a própria sexualidade quanto com a educação moral à qual são submetidos no processo civilizatório.

Avançando em nossa pesquisa, surgiu a necessidade de retomar a definição de defesa a partir da qual o presente capítulo fora introduzido, para questionar como se dá a supressão de energias (objetivo que Freud relegou às defesas, inicialmente) e qual a sua importância para o aparelho psíquico (considerando inclusive a possibilidade de sua própria existência como molde e motor desse aparelho).

Finalmente, a convergência dessas questões apontou para a integração de componentes energéticos em um constructo chamado Eu, capaz de constituir e lançar mão de defesas de acordo com a necessidade, de tal modo integrado que é a própria constituição deste Eu que as defesas parecem viabilizar. Eis a gênese da importância desse movimento pendular na manutenção da integridade do indivíduo.

Com a formalização do conceito de defesa, pôde ser vislumbrado o gérmen da construção da primeira constituição tópica do sistema psíquico, na qual o autor expõe as evoluções que vinha percebendo nas análises que conduzia, bem como em sua autoanálise, que contribuíram para um maior detalhamento das maneiras pelas quais o sujeito pode se defender e para a ampliação da compreensão dos motivos que o levam a isso.

A primeira tópica psicanalítica foi o objeto de estudo do segundo capítulo, cabendo destacar que, a partir de seu extenso estudo acerca da interpretação dos sonhos, Freud (1900/1996) pôde apresentar um desenho típico do aparelho psíquico, que opera por intermédio de **instâncias** que irão auxiliar na transferência de energia dentro do aparelho mental. Assim, o segundo capítulo descreveu o recalque, conceito pilar da psicanálise, dissecado detalhadamente por Freud na primeira tópica.

Quanto ao recalque, é possível cernir deste momento da pesquisa que cada indivíduo terá um tipo de reação determinado por uma construção complexa que envolve o ambiente no

qual se insere e como esse indivíduo se relaciona. Desta forma, fica evidente a relação entre as defesas e a organização do Eu.

Nesse ponto da obra, reforçando o que Freud já vinha apresentando em seus textos iniciais, reconhece-se a presença do ambiente como participante do processo de formação do Eu, compondo, em cada indivíduo, um mosaico complexo, no qual porções internas inatas, individuais, dividem relevância com conteúdos transgeracionais e pressões adaptativas ao mundo externo e suas regras.

A leitura dos textos dessa primeira tópica mostra a função de autopreservação presente em toda complexização do aparelho mental. Assim, a cada fase de maturidade, um novo tipo de defesa parece ser constituído, compondo um jogo único de defesas de que cada indivíduo irá lançar mão ao longo de sua vida. As defesas do organismo são organizadas pelo Eu sempre no sentido de impedir sua destruição, sejam ameaças de destruição ocasionadas pelo meio, ou internas, variando de acordo com as concepções individuais e culturais que irão constituí-lo.

Vale destacar que, na primeira tópica, a função da memória é retomada como de fundamental importância, sendo o recalque um dos instrumentos a ela vinculados. Assim, aquilo que é recalcado é ignorado pelo consciente, mas mantém-se como memória vívida no inconsciente, sendo capaz de atuar e determinar escolhas do indivíduo. Esse ponto mostra-se de importância ímpar para compreender como se dão algumas das defesas do indivíduo, em particular quando estas se mostram exacerbadas, ou contraproducentes.

A permanência dessas memórias, embora seja fonte de sofrimento para o indivíduo, ou de conflito entre as instâncias, pode apresentar um valor de autopreservação, apontando, portanto, para a razão pela qual a preservação de uma dada memória pareça valer a pena.

A segunda tópica de Freud, objeto de estudo do terceiro capítulo, irá manter a concepção de memória como relevante para a manutenção da existência. Destacou-se aqui a frase na qual Freud afirma que, das instâncias por ele postuladas nessa especialização da tópica (Eu, Isso e Supereu) duas terão suas raízes no passado. Assim, o Isso representará, para o autor, o passado instintual do indivíduo, enquanto o Supereu irá se estruturar pelas memórias culturais introjetadas. Caberá ao Eu utilizar-se desse repertório para mediar sua permanência em sociedade, vivo e de maneira razoavelmente autônoma.

A leitura do “Eu e o Isso” (1923/1996) foi o primeiro passo na compreensão de como se apresentam essas novas instâncias do desenho tópico freudiano. Evidencia-se, nos textos da

segunda tópica, que a questão do conflito, que permeia toda a obra do autor, reposiciona-se nesse momento, travando seu campo de batalha entre os instintos de vida e os instintos de morte.

Esses instintos irão atuar sobre as instâncias apresentadas pelo autor, tracionando o sujeito em um movimento que o impele à existência, à permanência em uma sociedade e à fruição de prazeres, movimento que, segundo o autor, o direciona em ambos os lados, complicando sua vida o bastante para que ela possa ser vivida, sem desconectar-se de sua existência individual.

Nesse momento, Freud denominou o Eu de criatura fronteira, mediadora dos conflitos entre mundo interno e externo, mas também os conflitos estabelecidos dentro do circuito pulsional, que embora compostos, e muitas vezes reinaugurados por questões do mundo externo, irão se apresentar apenas na medida em que reverberam questões internas do indivíduo. Reside aí, a experiência individual que irá apresentar, e retomar, o mosaico de elementos que comporão cada indivíduo e suas maneiras de responder ao ambiente.

A EXPERIÊNCIA HOSPITALAR – COMO A PSICANÁLISE SE SITUA NESSE CENÁRIO

Freud irá destacar, em sua “História do movimento psicanalítico”, de 1914, que toda a linha de investigação que se interesse pelos fenômenos descritos como transferenciais e de resistências trata-se necessariamente de uma linha de investigação que se interessa pela psicanálise (Freud, 1914/1996). Com isso em mente, e tendo em vista que nossa pergunta de pesquisa habita a seara das defesas (e, por conseguinte, das resistências) concluímos que é de grande importância inserir-se como psicanalistas também na instituição hospitalar.

O questionamento acerca das diversas manifestações de defesas dos pacientes em um hospital oncológico oferece substrato para uma pesquisa psicanalítica. A realização desta pesquisa em particular, cujo campo de observação é o hospitalar, coaduna com a proposta psicanalítica, e as considerações apontadas a seguir vêm como pontos de contato entre a prática cotidiana e a teoria, verificando sua vitalidade.

Assim, após a conclusão da pesquisa teórica acerca das defesas na teoria de Freud, surge a necessidade de contemporizá-la com a clínica institucional, apontando, com isso, pontos a partir dos quais estender e aprofundar estudos vindouros.

A primeira constatação a ser explorada é a da correlação, destacada desde os primeiros textos freudianos, entre a produção de defesas e a integração de um Eu capaz de desenvolver-

se no meio. Essa constatação tem grande importância para a presente pesquisa, uma vez que a leitura atenta dos textos freudianos conduz à conclusão de que todo indivíduo capaz de se inserir na sociedade precisará, em um momento constitucional, defender-se do que Freud ressaltou como sendo “a amarga experiência da vida” (Freud, 1900/1996).

Com essa concepção em mente, entendemos que a capacidade de se defender é constitucional, e pode ser exacerbada pela revivescência de experiências passíveis de serem interpretadas como traumáticas, ou mesmo ameaçadoras da vida, pelo indivíduo por elas acometido.

Nesse cenário, a constatação de uma doença oncológica, seu retorno, ou mesmo as propostas de tratamento deletérias cujas práticas são recorrentes na oncologia (quimioterapias, radioterapias, amputações) podem apresentar essa ameaça a qual o indivíduo se vê impelido a (re)agir.

Nossas pesquisas, associadas à prática diária e à troca constante com os colegas psicólogos que compõem o serviço de psicologia do hospital em que atuamos, apontam para a presença de duas formas de defesa diante das vicissitudes do adoecimento. Uma forma que se insere no campo simbólico, passível de elaboração e inserção na história subjetiva dos pacientes; e outra que abrange as defesas mais primitivas e arcaicas, relacionadas a um momento de desenvolvimento psíquico no qual a simbolização ainda não operava.

Pudemos compreender como se dão as construções do primeiro grupo de defesas, mais elaboradas, e identificá-las nos pacientes da instituição, a partir de como Freud as descreveu. Essas defesas perpassam uma lógica simbólica, uma revivescência capaz de ser simbolizada, sendo, portanto, passível de tradução pelo indivíduo.

Dessa forma, deparamo-nos com pacientes capazes de traçar paralelos entre um diagnóstico de câncer agressivo e uma agressividade interna que os leva a buscar o serviço de psicologia na instituição, e até mesmo pacientes que irão vincular o surgimento de um câncer a um comportamento progressivo, como guardar rancor, por exemplo.

Essa tradução não se mostra possível no segundo grupo, formado de pacientes que apresentam maneiras de defesa primitivas, não passíveis de tradução, e, portanto, barradas na sua inserção em uma narrativa discursiva e elaborada. A observação dessa categoria de pacientes na instituição leva em conta o alerta freudiano de considerar que, diante do que não é possível trazer à luz, talvez algo da ordem de uma construção seja recomendável, como parte de um processo coletivo, que irá auxiliar o indivíduo no início de um processo terapêutico,

conforme o próprio autor destaca. “. . . para o analista, a construção constitui apenas um trabalho preliminar” (Freud, 1937a/1996, p. 278).

Um grupo de pacientes que ilustra essa questão pode ser definido como o daqueles que tratam a doença como algo externo a si, um inimigo a ser combatido, um corpo estranho ou um antagonista tratado em terceira pessoa. Também parecem compor o grupo de pacientes que erigem defesas primitivas aqueles que proclamam não ter doença alguma, ou que julgam as condutas médicas como ridículas ou absurdas.

A conclusão a que se chega é a de que, a partir da história de vida de cada indivíduo, e da maneira como o ambiente lhe provém, cada um irá reagir, de maneira única, visando preservar sua integridade egoica, e, com isso, sua própria existência.

Ponto de importante destaque na presente pesquisa, Freud, em sua primeira obra sobre as psiconeuroses de defesa (1894/1996) irá destacar que as defesas se apresentam quando ocorre um conflito entre um afeto lembrado, e a capacidade percebida pelo Eu de, através da atividade de pensamento, integrar esse afeto à sua realidade.

Com o desenvolvimento da psicanálise, Freud irá reposicionar esse conflito de muitas maneiras, destacando um conflito entre instintos sexuais e instintos de sobrevivência, posicionando a fonte do conflito entre mundo interno e pressão do ambiente externo até que, por fim, o autor conclui que esse conflito está inscrito no próprio circuito instintual, destacando os instintos de vida e de morte como polaridades que impulsionam o indivíduo para a existência (Freud, 1894/1996, 1911/1996, 1912/1996, 1937/1996).

As respostas que cada um dará a esse conflito irão refletir sua história de vida, e remeterá a momentos anteriores da vida do sujeito em que ele foi bem-sucedido em responder a uma ameaça. Por essa razão, acreditamos que se esclarece o porquê de algumas defesas no ambiente hospitalar se mostrarem mais adaptadas, amadurecidas, e outras primitivas, infantis.

O que irá condicionar essas defesas é a interpretação dada pelos pacientes da escuta de seu diagnóstico ou prognóstico. Assim, podemos levantar a suposição de que, para o primeiro grupo de pacientes, que apresentam defesas mais simbolizáveis, o tipo de ameaça representado pela doença é reinstituído por ameaças de ordem simbólica, atravessadas pela história edípica e pela possibilidade de sobrevivência. Já para o grupo de pacientes que reage de maneira primitiva, parece que a própria existência, física e psíquica, é ameaçada pela notícia da doença e seus desdobramentos. Para esse segundo grupo, falta o respaldo simbólico, o que os impele a defesas primitivas, como denegação, negação e expulsão.

Como sempre em sua obra, Freud enfatiza a função didática de seus escritos, ressaltando a distância entre as divisões literais e exacerbadas de defesas estereotipadas, que possuem sua expressão em casos graves, neuróticos ou psicóticos, e os tipos mistos de defesas, soluções que aproximam o sujeito de uma condução mais genuína de sua vivência. Essas soluções mistas tornam possível ignorar aspectos da realidade, de acordo com os afetos por elas gerados, o que se verifica em muitos pacientes dentro de um ambiente hospitalar, sem que mostrem algum grau de dissociação ou sofrimento que possa (ou deva) ser passível de intervenção. Assim, pacientes que compõem esse tipo de defesa irão se articular dentro da dinâmica hospitalar negando ou denegando sintomas, ignorando alterações corporais, sem que isso necessariamente repercuta em uma não adesão a tratamentos e cuidados.

O uso da fantasia também pode surgir nesse grupo de pacientes. Há aqueles que irão recorrer a algum sentimento místico, por exemplo, auxiliador no controle da realidade, representando para esses, muitas vezes, um ganho no diagnóstico, que pode posicioná-los de maneira diferenciada em seus respectivos grupos sociais.

A pertença a grupos também é um aspecto que pode ser mais bem explorado em pesquisas vindouras, sendo possível encontrar um tipo de paciente que pode se beneficiar do sentimento oceânico de fazer parte de “algo maior”, experiência religiosa destacada por alguns sujeitos dentro do processo de adoecimento.

Assim, apontamos para o retorno à prática da teoria investigada, com a compreensão de que essa ameaça demanda um tipo de atuação que, conforme indicada por Freud em seus textos finais, impõe ao psicanalista uma atuação em conjunto com seu paciente, propondo-se a construir, junto a este, uma realidade na qual seja capaz de viver, enquanto ainda se está vivo.

Restam, de todo modo, pontos de desenvolvimento teórico da presente pesquisa, que pela riqueza de informações colhidas foi preciso deixar para desenrolares posteriores. Assim, conforme abordado anteriormente, são três as fontes que Freud determinou como produtoras de sofrimento para o ser humano. Em sua obra de 1930[1929], o autor destacou que dessas três, duas seriam fonte de criação e inovação tecnológica para a raça humana.

Restaria, portanto, para o fazer psicanalítico, debruçar-se sobre as dificuldades de adequar-se às regras impostas pelo meio ambiente e o conflito dessas com as pressões instintuais de cada indivíduo.

Mas, e quando o poder superior da natureza e a constatação de nossa fragilidade psíquica são a maior fonte de sofrimento para o indivíduo? A suposição de que esse tipo de sofrimento

não se restringe ao campo físico, tampouco ao das inovações, é o que direciona as questões dessa pesquisa, e aponta para a presença conflitiva, e, portanto, motor de construção de defesas e mudanças de caráter egoico, também em decorrência desses fatores (Freud, 1930[1929]/1996).

Recorremos ao próprio Freud para justificar essa hipótese, ao encontrar, já em suas primeiras obras, a concepção de que existe um conflito originário, primordial, que seria decorrência de fatores biológicos e ambientais e que, em um primeiro momento, impulsionaria o início do processo de integração do Eu para sua relação com o ambiente externo, paulatinamente reconhecendo algo externo a si, de onde sensações de satisfação e desamparo seriam oriundas (Freud, 1950[1895]/1996).

Além disso, o conflito que se estabelece para o indivíduo que recebe a notícia de um adoecimento figura em todos os grupos sociais dos quais este faz parte. O adoecimento ameaça sua integridade física, ao passo que os tratamentos propostos podem retirá-lo do convívio social e laboral devido aos efeitos sofridos²² parece pouco produtivo desvincular as três fontes de sofrimento no momento de olhar para esse indivíduo.

Quando Freud apresenta a concepção do Eu como criatura fronteira, torna possível expor a condição do Eu de mediação, negociação, e defesa daquilo que é interno contra as condições do ambiente. O que ocorre é que uma parcela desse ambiente, ao ser internalizado, no processo de aquisição cultural, torna-se também promotor de angústias e fonte de demandas, na figura do Supereu. Assim, além das fronteiras dentro e fora, o Eu precisa lidar com as pressões dos seus ideais e instintuais, nas figuras de Supereu e Isso.

O que não é diferente com relação às concepções de saúde e doença. Ao se deparar com a notícia de adoecimento cada sujeito irá contar com seu próprio repertório internalizado. O câncer é uma doença que possui um componente genético que pode emprestar, para muitos sujeitos, um caráter transgeracional²³ de identificação com a história familiar. Para esses sujeitos, as consequências de um adoecimento serão certamente diferentes do que para um grupo de pacientes acometido por doenças de expressão ambiental²⁴, que poderão, por sua vez,

²² Pacientes que realizam quimioterapias, por exemplo, são frequentemente impedidos de realizar suas atividades cotidianas em decorrência dos efeitos das mesmas, como neutropenia, que se trata de uma brusca redução das células de defesa (!) do indivíduo.

²³ Síndromes, como a Síndrome do Cólon, e Li-Fraumeni, cuja expressão intrafamiliar é muito alta.

²⁴ Exposição à radiação solar, agrotóxicos, poluição.

ser diferentes do que para a categoria de pacientes com um diagnóstico associado a algum hábito²⁵ ou atividade exercida.

Assim, a cada Eu caberá mediar a relação entre suas concepções individuais e esse corpo adoecido, que poderá ser, ele mesmo, fonte de conflito com o seu ideal estabelecido.

Outro ponto de interesse é o fato de que todas as maneiras de defesa se vinculam às estratégias de manutenção de existência lançadas pelo Eu, não apenas em um sentido físico, mas também na sua relação com o ambiente, incluindo a manutenção de seu status social, onde também é possível encontrar tanto formas de satisfação, quanto de desconforto.

O impacto da notícia de um adoecimento oncológico, ou de um novo tratamento que possa ameaçar sua permanência nos grupos de que faz parte, nas atividades laborais, e mesmo nos relacionamentos amorosos é constantemente relatado pelos pacientes acompanhados pelo serviço de psicologia.

Freud irá destacar, ao longo de sua obra, que a manutenção de sua existência em sociedade irá ser, simultaneamente, motivada pelo desejo de fruição de prazer, às expensas de renunciar a um prazer imediato. Esse paradoxo traduz-se de diversas formas ao longo de sua obra. Daremos destaque, à guisa de conclusão, ao que o autor infere com relação à função sexual e laboral, bem como à capacidade de amar e trabalhar.

Foi interessante notar que o autor não propôs uma resolução com relação ao sentido de amar e trabalhar na manutenção de uma existência em sociedade, ora nos apontando para o potencial aglutinador de ambas as funções, ora ressaltando a ameaça que – em especial o amor – representaria à sociedade e ao próprio Eu. Esse aspecto em particular ensejaria um tema interessante de pesquisa, apontando para uma existência autêntica e crítica (e talvez aí ameaçadora) que possa representar um índice de saúde mental ameaçado pelo diagnóstico oncológico.

Encerramos, portanto, a presente pesquisa, com mais pontos de interesse e um desejo vívido de retornar à prática de um ponto diferente do qual esta se iniciou, reconhecendo nas defesas, tão evidentes em nossos pacientes, pontos de expressão de seus temores e revivescências, mecanismos que podem, se operados em momento oportuno, possibilitar mudanças na dinâmica dos pacientes que inicialmente apresentam um tipo de sofrimento cujo manejo não parece possível.

²⁵ Fumo, ingestão de álcool ou drogas, atividades funcionais, como trabalho em postos de gasolina ou lavoura.

REFERÊNCIAS

- Cardoso, M. (2017) O Esquecimento da Metapsicologia. *Die Hexe Revista de Psicanálise*, 1(1).
- Freud, S. (1996). Estudos sobre a Histeria. In: F., Sigmund. (Vol. II). Editora: Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1996). Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: comunicação preliminar. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. II). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1893).
- Freud, S. (1996). As Neuropsicoses de Defesa. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. III). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1894).
- Freud, S. (1996). Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. III). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1996). O Mecanismo Psíquico do Esquecimento. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. III). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1898).
- Freud, S. (1996). Lembranças Encobridoras. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. III). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1899).
- Freud, S. (1996). Extratos dos Documentos Dirigidos à Fliess: Carta 18. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. I). Imago, Rio de Janeiro, 1996. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899]).
- Freud, S. (1996). Extratos dos Documentos Dirigidos à Fliess: Rascunho E. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. I). Imago, Rio de Janeiro, 1996. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899]).
- Freud, S. (1996). Extratos dos Documentos Dirigidos à Fliess: Rascunho H. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. I). Imago, Rio de Janeiro, 1996. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899]).
- Freud, S. (1996). Extratos dos Documentos Dirigidos à Fliess: Rascunho K. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. I). Imago, Rio de Janeiro, 1996. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899]).
- Freud, S. (1996). Extratos dos Documentos Dirigidos à Fliess: Carta 52 In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. I). Imago, Rio de Janeiro, 1996. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899]).
- Freud, S. (1996). Projeto para uma Psicologia Científica. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. I). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).

- Freud, S. (1996) A Interpretação dos Sonhos (I). In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. IV). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996) A Interpretação dos Sonhos (II). In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. V). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996) Sobre os Sonhos. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. V). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996) Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901). In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. IV). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1901).
- Freud, S. (1996) Três Ensaio sobre a Sexualidade (1901). In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. VII). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996) Escritores Criativos e Devaneios In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. IX). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1908[1907]).
- Freud, S. (1996) Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. IX). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1996) Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. X). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1996) A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XI). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996) Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XII). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1996) A Disposição à Neurose Obsessiva; Uma contribuição ao problema da escolha da neurose In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XII). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996) Totem e Tabu In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIII). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1913[1912-13]).
- Freud, S. (1996) Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIV). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1914).

- Freud, S.(1996) História do Movimento Psicanalítico. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIV). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1914a).
- Freud, S. (1996) Repressão In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIV). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S.(1996) O Inconsciente. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIV). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1915a).
- Freud, S. (1996) Os Instintos e suas Vicissitudes. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIV). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1915b).
- Freud, S. (1996). A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XVIII). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1920b).
- Freud, S. (1996). Além do Princípio do Prazer. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XVIII). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). Psicologia de Grupo e a Análise do ego. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XVIII). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996). O Ego e o Id. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIX). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996). Observações Sobre a Teoria e Prática da Interpretação dos Sonhos. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIX). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1923[1922]).
- Freud, S. (1996). Neurose e Psicose. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIX). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1924[1923]).
- Freud, S. (1996). A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIX). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1996). A Negativa. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XIX). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1996). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XX) Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1926[1925]).

- Freud, S. (1996). O Fetichismo. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XXI). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1996). O Futuro de uma Ilusão. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XXI). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1927a).
- Freud, S. (1996). O Mal-estar na Civilização. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XXI). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1930[1929]).
- Freud, S. (1996). Análise Terminável e Interminável. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XXIII). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1996). Construções em Análise. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XXIII). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1937a).
- Freud, S. (1996). Esboço da Psicanálise In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XXIII). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1940[1938]).
- Freud, S. (1996) A Divisão do Ego no Processo de Defesa. In: F., Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XXIII). Imago, Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1940[1938])
- Garcia-Roza, L. A. (2008) Introdução à Metapsicologia Freudiana (7ª.ed. Vol. 3). Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2008. (Trabalho original publicado em 1995)
- Garcia-Roza, L. A. (2017). *Introdução à Metapsicologia Freudiana* (Vol. 1). Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1991).
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2004). *Vocabulário da Psicanálise* (4a ed.). Martins Fontes, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1967).
- Maia, M. V. C. M., & Pinheiro, N. N. B. (2011). Um Psicanalista Fazendo Outra Coisa: reflexões sobre setting na psicanálise extramuros. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 656-667.
- Mezêncio, M. de S. (2004). Metodologia e Pesquisa em Psicanálise: uma questão. *Psicologia Em Revista*, 10(15), 104-113.
- Moretto, M. L. T. (2005) *O que Pode um Analista no Hospital?* (2ª Ed). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moura, M. D. (2000), Psicanálise e Urgência Subjetiva. In: Moura, M. D. (org.), *Psicanálise e hospital* (2ªed., pp. 3-16). Revinter, Rio de Janeiro,
- Pinheiro, N. N. B. (1999). Psicanálise, Teoria e Clínica: reflexões sobre sua proposta terapêutica. *Psicologia, Ciência e Profissão*. 19(2).

- Pinheiro, N. N.B. (2001). Palco Público de Dramas Privados: a clínica psicanalítica nos ambulatórios institucionais. *Psicol. USP*, 12 (2).
- Pinheiro, N. N. B., Lustoza, R. Z., & Pinheiro, D. P. N. (2019). Pesquisa em Psicanálise na Universidade: seguindo o método freudiano. *Analytica*, 8 (15).
- Souza, Paulo César de (2010). *As Palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. Companhia das letras, São Paulo, SP.
- Winnicott, D. W. (1967) O Conceito de Indivíduo Saudável, In: Winnicott, D. W. (2005) *Tudo começa em casa*. 4ªed. (pp. 3-22), Martins Fontes, São Paulo, SP.
- Winnicott, D. W. (1961) Psicanálise e Ciência: Amigas ou Parentes? In: Winnicott, D. W. (2005) *Tudo começa em casa*. 4ªed. (pp. XIII-XVIII) Martins Fontes, São Paulo, SP.